UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - *CAMPUS* V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

CARLA JULITA DUARTE PINTO

"*ERA UMA VEZ*..." UM MUNDO ENCANTADO DA CRIATIVIDADE PARA FORMAÇÃO LEITORA

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2019

CARLA JULITA DUARTE PINTO

"*ERA UMA VEZ*..." UM MUNDO ENCANTADO DA CRIATIVIDADE PARA FORMAÇÃO LEITORA

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras/ PROFLETRAS apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, *Campus* V, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.ª Drª. Priscila Peixinho Fiorindo

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Pinto, Carla Julita Duarte

"Era uma vez..." um mundo encantado da criatividade para formação leitora / Carla Julita Duarte Pinto. – Santo Antônio de Jesus, 2019.

143 f.

Orientadora: Profª. Drª. Priscila Peixinho Fiorindo

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. *Campus* V. 2019.

Contém referências e anexos.

Literatura. 2. Cotação de história 3. Formação leitora. I. Fiorindo, Priscila Peixinho. II.Titulo. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 401.9

"*ERA UMA VEZ...*" UM MUNDO ENCANTADO DA CRIATIVIDADE PARA FORMAÇÃO LEITORA

APROVAÇÃO EM 29 DE NOVEMBRO 2018

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof.ª Drª. Priscila Peixinho Fiorindo (UNEB) Orientadora

_____

Prof. Dr. Ney Wendell (UQÀM/Québec/Canadá) Membro Titular

_____

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto (UNEB) Membro Titular

_____

Prof.ª Drª. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez (UEFS) Membro Suplente

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2019

Dedico este trabalho à minha mãe, Margarida Duarte, que no enredo da vida, sempre lutou bravamente, entre flores e espinhos, para meus irmãos e eu termos uma história feliz.

AGRADECIMENTOS

Destino o meu primeiro e profundo agradecimento a Deus, inteligência suprema, farol da minha existência. Ele que ilumina e guia a minha atuação no enredo da vida.

E sigo agradecendo aos personagens que construíram o enredo dessa dissertação:

À orientadora, Priscila Peixinho Fiorindo, quero agradecer muito, pois as reescritas, (re)leituras e pesquisas bibliográficas foram ações cocriativas e necessárias no processo de construção desta dissertação. À professora, minha admiração eterna, pelo incentivo, inteligência, sensibilidade, criatividade, perspicácia e conhecimentos, aliados ao profissionalismo e organização, que fizeram minha pesquisa fluir e alçar voos inimagináveis – a exemplo da experiência indescritível que vivi com o "Prêmio Criança Saudável", da Fundação Nestlé – sem ela, nada teria acontecido. Sinceramente, obrigada!

Aos professores João Evangelista do Nascimento Neto e Ney Wendell, pelas contribuições dadas no Exame de Qualificação, as quais foram extremamente importantes para (re)nortear a minha pesquisa. O professor João é a personificação da criatividade e da inteligência. Não é um semideus! Ele é real e está longe de ser realeza num contexto de majestades, mas é um soberano da simpatia e da língua portuguesa, que entende perfeitamente a linguagem dos meros mortais. O que dizer do professor Wendell, além de ser um sinônimo da palavra gentileza? Que ele é inteligentemente encantador! Eu ainda estou maravilhada com a educação e a competência com a qual esmiuçou o meu trabalho na Qualificação. Pela atenção e generosidade que analisaram o meu trabalho, obrigada, professores!

À minha mãe, Margô, uma guerreira sertaneja e valente, que não concluiu o Ensino Médio, mas que sempre me incentivou a estudar. Na história da minha vida, a senhora é/será sempre a protagonista!

Ao meu pai, Carlos, que não teve a oportunidade de estudar, e diz que não entende o significado de mestrado, mas afirma saber que estou indo longe estudando e fica muito orgulhoso por isso. E a Angelina, sua esposa, pela torcida e incentivo de sempre, agradeço!

Um agradecimento especial a Selma Reis de Santana, um amor, desta e de outras vidas. Obrigada por cada minutinho dedicado a mim, por me incentivar, por me consolar quando eu disse que desistiria e por me ajudar a chegar aqui; enfim, por fazer a minha vida melhor.

Aos meus irmãos, Maria, Neide, David e Gêneses por serem parte de mim. Gratidão! E, também, a Mari Duarte, Luiza e Laura, amores especiais em minha vida, agradeço a torcida e o carinho de todo momento.

À querida Tânia Luiza Cerqueira, que preencheu de alegria meus dias durante o mestrado; obrigada pelo companheirismo e carinho, pela parceria fiel, pelo ouvido disponível, por ser leitora das minhas inseguranças e, hoje, amiga que fiz no PROFLETRAS!

Agradeço a Rita de Cássia Pinto da Rocha, por ser uma amiga/irmã que está comigo em todos os momentos. E, por ser essa flor que Deus me presenteou, que sempre me ajuda.

Agradeço a Alê Santana e a Tatiana Baraúna por estarem em minha vida sempre de coração e ouvidos atentos às minhas lamúrias, e por entenderem minha ausência neste período de construção.

Gratidão ao diretor do Colégio Estadual Césare Casali, Augusto César Penelu, exemplo de gestor, que tem compreensão, sabe incentivar e apoiar projetos, com objetivo de tornar a escola um lugar especial e acolhedor para aquisição do conhecimento.

Agradeço profundamente aos brilhantes protagonistas desta história, meus queridíssimos e encantadores alunos do 9º ano A, turno matutino, do Colégio Estadual Césare Casali, pois sem eles nada disso teria sido tão mágico.

À professora/artista, Rubeni Umarak - Ruba, meu profundo agradecimento pela participação durante as atividades, principalmente pelas portas do cenário de Alice, arte que foi dedicada às nossas aulas.

Agradeço a Fabrícia Oliveira pela linda *performance* de contação de histórias e a Dinalva Petry, pessoa incrível, artista do tecido, pelo carinho e apoio na confecção das indumentárias, delicadamente, costuradas para os alunos contadores de história.

Agradeço a Carla Visi que vibrou com o projeto e participou de forma muito carinhosa, levando muita luz ao nosso evento final.

Agradeço ao nosso maravilhoso Chaplin, Alysson Santana, pela dedicação ímpar ao arrumar os espaços de contação de histórias com sua peculiar criatividade e seu carinho contagiante.

Aos meus colegas do mestrado, pela parceria nos bons e complicados momentos que enfrentamos, sem a colaboração de vocês seria muito mais difícil. A todos vocês, a minha gratidão! Em especial, agradeço a Marlene, Daiana e Aníger pelo carinho, gentileza, companhia e a doçura de sempre! A Thaís e a Jadson (Candinho) um agradecimento especial pela alegria que emanaram durante as aulas, com vocês tudo ficou melhor!

Aos professores do PROFLETRAS/UNEB, personagens fundamentais nesta jornada, que pelas as atividades realizadas, leituras e reflexões alicerçaram minha caminhada.

Faço aqui um agradecimento especialíssimo a Ítalo Leite de Melo, um ser humano ímpar, que é revestido de boa vontade, gentileza, educação, e, principalmente, inteligência! Um super obrigada a você!

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e todos os seus funcionários pela oportunidade do convívio durante a realização do mestrado que está transformando a minha vida pessoal e, em especial, a profissional.

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do curso. Obrigada!

Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades.

Nelly Novaes Coelho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cenas do filme *O Auto da Compadecida* 23
Figura 2 – Cena de um griot no filme *Kiriku e a Feiticeira* 24
Figura 3 – *Griots* e *griotte* na África 25
Figura 4 – Livros: *Joãozinho e Maria* / *Rapunzel e o Quimbungo* 31
Figura 5 – Livros: *Chapeuzinho Vermelho e Fita Verde no cabelo: nova/velha estória* 33
Figura 6 – *Alice no País das Maravilhas* e *Aline no Bosque Encantado* 34
Figura 7 – Espaço fixo de leitura 41
Figura 8 – Porta livros em estrado de madeira 42
Figura 9 – Porta livros com material emborrachado 42
Figura 10 - Árvore de leitura móvel em madeira com rodinhas 42
Figura 11 - Sala de vídeo 44
Figura 12 - Pátio coberto e Pátio descoberto 45
Figura 13 - Esboço do painel para sala de leitura 47
Figura 14 - Convites: "Era uma vez ..." no mundo da imaginação! 59
Figura 15 - Alunos ansiosos por passar na porta de papel 59
Figura 16 - Sala para contação de histórias 59
Figura 17 -"Era uma vez..." 59
Figura 18 - Um momento mágico 61
Figura 19 - Início da contação de histórias 61
Figura 20 - Sensibilização em grupo 63
Figura 21 - Cantinho de Fadas 65
Figura 22 - Sala de Exposição 66
Figura 23 - Cartazes na Sala de exposição 66
Figura 24 - Alunos durante a exposição 67
Figura 25 - Alunos no momento da dinâmica 67
Figura 26 - Cena do vídeo publicitário *Bota pra fazer* 68
Figura 27 - Confecção dos marcadores 69
Figura 28 - Alunos e as fitas verdes espalhadas 70
Figura 29 - Momentos de colocação das fitas e de leitura 72
Figura 30 - Boneca feita a partir do personagem Aline 73
Figura 31 - Alunos em busca e montagem das pistas 74
Figura 32 - Montagem do conto a partir dos trechos encontrados 75
Figura 33 - Cena do filme curto *Aline no Bosque Encantado* 76
Figura 34 - Momento de produção das pequenas telas 78
Figura 35 - Mosaico de imagens intertextuais dos contos trabalhados 79
Figura 36 - Imagem pintada por aluno ao final da atividade 79
Figura 37 - Alunos organizando a sequência da narrativa 81
Figura 38 - Mural dos textos montados 82
Figura 39 - *Slides* para contação de histórias 84
Figura 40 - Livros selecionados para contação de histórias 85
Figura 41 - Alunos contadores ensaiando para contação de histórias 86
Figura 42 - Alunos organizando o cenário 86
Figura 43 - Alunos assistindo à apresentação 87
Figura 44 - Aluno contando história com auxílio do livro imagético 88
Figura 45 - Alunos contando histórias 89

Figura 46 - Imagens abertas e fechadas do livro, em formato *pop-up* 89
Figura 47 - Aluno da escola municipal recebendo o livro e contando história aos colegas 90
Figura 48 - Biblioteca dos Barris..... 91
Figura 49 - A caminho da Biblioteca dos Barris 93
Figura 50 - As boas-vindas ao grupo..... 93
Figura 51 - Visitando exposições na biblioteca..... 94
Figura 52 - A chegada à seção infanto-juvenil..... 94
Figura 53 - Alunos em momento de leitura na biblioteca 95
Figura 54 - Contação de história na biblioteca – de professora para alunos 96
Figura 55 - Outros momentos de contação – de alunos para alunos 96
Figura 56 - Visita ao Teatro do Espaço Xisto 97
Figura 57 - Sala de cinema Walter da Silveira 97
Figura 58 - Sala de cinema Alexandre Robatto..... 97
Figura 59 - Galeria Pierre Verger..... 97
Figura 60 - Momento de releitura e produção de estilizações ou (re)estilizações..... 99
Figura 61 - Os divertidos ensaios para o Sarau 104
Figura 62 - Arrumação do espaço com a ajuda dos alunos e cicerones fantasiados 105
Figura 63 -Alunos apresentadores..... 106
Figura 64 -Sensibilização com música e início da contação de histórias..... 106
Figura 65 - Contadora da estilização *Bonezinho Vermelho* 107
Figura 66 - Contadora da estilização *Chapeuzinho Verde* 108
Figura 67 - Contadora da estilização *A muito Bela e a Fera* 108
Figura 68 - Dir. César Penelu, Prof.ª Priscila e a cantora Carla Visi 109
Figura 69 - Alunos falando sobre *Aline no Bosque Encantado*..... 109
Figura 70 - Alunos do 9ºA no palco falando sobre suas impressões..... 109
Figura 71 - Notícia sobre o Sarau no *site* da Secretaria da Educação 110
Figura 72 - Aluna mostrando o livro emprestado na Biblioteca dos Barris 111
Figura 73 - Momento de avaliação do Sarau histórias mudam histórias..... 112
Figura 74 - Contação da história *Aline no Bosque Encantado* – alunos contadores / 9º ano 113
Figura 75 – Ensaios das peças e da contação de histórias..... 114
Figura 76 – Horta construída..... 115
Figura 77 – Entrevista à TVE sobre *Aline no Bosque Encantado*..... 115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações sobre à visita à biblioteca e a contação de histórias 46
Tabela 2 - Respostas dos alunos 67
Tabela 3 - Durante a aplicação do projeto – número de livros lidos 118
Tabela 4 - Depois do projeto – número de livros lidos.....118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados iniciais 117
Gráfico 2 – Contação de histórias: antes, durante e depois da proposta de intervenção 119
Gráfico 3 – Resultado final – leitores x não leitores 120

RESUMO

Ao considerarmos o contexto contemporâneo das escolas públicas, em que faltam muitos recursos para que a habilidade de leitura seja desenvolvida, cabe ao professor de Língua Portuguesa estimular o aluno, de forma criativa, a entender a leitura como uma prática eficaz e agradável em seu cotidiano. E, aqui, enfatizamos a contação de histórias, como uma atividade pedagógica a ser exercitada, sendo a estratégia escolhida para direcionar esta pesquisa-ação, com vistas ao estímulo à prática da leitura e ao favorecimento da criatividade, do afeto e da identidade no processo da aprendizagem dos educandos. O contexto selecionado é uma escola pública da periferia de Salvador/BA, onde alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II apresentam um comportamento não leitor, pois na escola não há não há livros paradidáticos, cantinho da leitura, nem uma biblioteca, representando um contexto adverso à formação leitora do aprendiz. Dessa forma, apresentamos uma proposta de intervenção, dividida em 10 etapas a fim de aproximar o contato desses alunos com a leitura de forma lúdica, fornecendo-lhes subsídios para o protagonismo nas atividades propostas. Para tanto, selecionamos as narrativas imagéticas, fílmicas, orais e escritas, com ênfase nos contos de fada clássicos e estilizados. Paralelamente, por considerarmos imprescindível o contato com ambientes de cultura para formação do leitor, exploramos diferentes espaços de leitura, a partir de visitas e interações com os monitores dos referidos lugares. Como respaldo teórico, baseamo-nos em Fiorindo (2001;2015) que trata das relações leitor *versus* texto e narrativas, assim como, Gancho (2000); Chesterton (2008) e Coelho (2012), que trazem uma abordagem sobre os contos de fada e a literatura infanto-juvenil; Sant'Anna (1991;2011), com contribuições sobre estilização e a ligação da leitura com a contação de histórias; Wendell (2011;2013), que trata do afeto nas relações humanas e da necessidade de contato com a arte e espaços de cultura, além de outros teóricos. Os resultados mostram que a contação de histórias, com os livros paradidáticos e as visitas aos espaços de leitura/cultura, mediadas pelo docente, de forma criativa, contribuíram para o desenvolvimento da prática de leitura, bem como estímulo para a narração de enredos pelos alunos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; Criatividade; Afeto; Identidade; Formação leitora.

ABSTRACT

When considering the contemporary context of public schools, where there is a lack of resources for reading ability to be developed, it is up to the Portuguese Language teacher to stimulate the student in a creative way to understand reading as an effective and enjoyable practice in their daily life. And here, we emphasize storytelling as a pedagogical activity to be exercised, and the strategy chosen to direct this action research, with a view to stimulating the practice of reading and favoring creativity, affection and identity in the process of learners. The selected context is a public school in the outskirts of Salvador / BA, where students of the 9th grade of Elementary School II have a non-reader behavior, because there are no books in the school, a reading corner, or a library, representing a context training of the learner. Thus, we present a proposal of intervention, divided into 10 stages in order to approach the contact of these students with the reading in a playful way, providing them with subsidies for the protagonism in the proposed activities. For that, we selected the imaginary, filmic, oral and written narratives, with emphasis on classic and stylized fairy tales. At the same time, because we consider it essential to contact cultural environments for the reader's formation, we explore different reading spaces, from visits and interactions with the monitors of those places. As theoretical support we rely on Fiorindo (2001; 2015) that deals with reader versus text relations and narratives, as well as, Gancho (2000); Chesterton (2008) and Coelho (2012) who bring an approach on fairy tales and children's literature; Sant'Anna (1991; 2011) with contributions on stylization and the link between reading and storytelling; Wendell (2011; 2013), which deals with affection in human relations and the need to contact art and cultural spaces, as well as other theorists. The results show that the storytelling, with the paradidate books and the visits to the spaces of reading / culture, mediated by the teacher, in a creative way, contributed to the development of the practice of reading, as well as stimulating the storytelling of the students participants.

KEYWORDS: Accounting of stories; Creativity; Affection; Identity; Learning training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **18**
1 "*ERA UMA VEZ*..." 22
1.1 OS CONTADORES DE HISTÓRIA 22
1.2 AS NARRATIVAS E SUAS PECULIARIDADES 27
1.3 OS CONTOS DE FADA 30
1.3.1. **Estilização: das fontes às novas histórias** 32
1.3.2 **O imaginário e o real nas narrativas** 34
1.3.3 **A identidade e o afeto no desenrolar narrativo** 36
1.4 CRIATIVIDADE E ESPAÇOS DE LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR 39
2 O PASSAPORTE PARA O MUNDO DA LEITURA 44
2.1 PASSEIO PELO REINO ENCANTADO: O ESPAÇO ESCOLHIDO 44
2.2 OS ENCANTADORES PROTAGONISTAS: SELEÇÃO DE SUJEITOS 45
2.3 COADJUVANTES NA AVENTURA: ESCOLHA DO MATERIAL 47
2.4 UMA AVENTURA PEDAGÓGICA: A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 48
3 UMA HISTÓRIA CONSTRUINDO MUITAS OUTRAS HISTÓRIAS 57
3.1 NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO... **ETAPA I** 58
3.2 CHAPEUZINHO VERMELHO DIFERENTE - **ETAPA II** 63
3.3 CRIATIVIDADE INTERTEXTUAL: SALA DE EXPOSIÇÃO – **ETAPA III** 65
3.4 FITA VERDE NO CABELO: (RE)CONHECENDO UM CONTO ESTILIZADO - **ETAPA IV** 70
3.5 MOSAICO COM *ALINE NO BOSQUE ENCANTADO*... – **ETAPA V** 73
3.6 RECONHECENDO OS ELEMENTOS DA NARRATIVA - **ETAPA VI** 80
3.7 PROTAGONISTAS NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO - **ETAPA VII** 83
3.8 MEDIAÇÃO CULTURAL: VISITA À BIBLIOTECA CENTRAL DOS BARRIS - **ETAPA VIII** 90
3.9 CRIAÇÃO E CONTAÇÃO DE NARRATIVAS ESTILIZADAS - **ETAPA IX** 98
3.10 SARAU HISTÓRIAS MUDAM HISTÓRIAS - **ETAPA X** 105
3.11 PRÊMIO CRIANÇAS MAIS SAUDÁVEIS – FUNDAÇÃO NESTLÉ 112
4 ANTES, DURANTE E DEPOIS: ANÁLISE DOS RESULTADOS 117
5 UMA HISTÓRIA SEM FIM? 121
REFERÊNCIAS 124
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO AOS ESTUDANTES 128
APÊNDICE 2 – ESPAÇO FIXO DE LEITURA 130
APÊNDICE 3 – CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO MÓVEL DE LEITURA 131
ANEXO 1 – TEXTO À AUTORA DA DISSERTAÇÃO 132
ANEXO 2 – CHAPEUZINHO VERMELHO 133

ANEXO 3 – FITA VERDE NO CABELO: NOVA/VELHA ESTÓRIA.....135
ANEXO 4 – ALINE NO BOSQUE ENCANTADO.....137
ANEXO 5 – ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS 139
ANEXO 6 – CÓPIA DO JORNAL ACELETRANDO 140
ANEXO 7 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....141

INTRODUÇÃO

Quem acende uma luz é o primeiro a se beneficiar da claridade!
G. K. Chesterton

Contar histórias imaginárias reais e/ou fictícias, ou ambas ao mesmo tempo, é uma forma que o homem tem de se conectar com o universo do conhecimento, de saberes, de curiosidades, de fantasias, de desejos, de vontades que alimentam a alma e fornecem sentido ao viver. Nessa perspectiva, o narrar e o ouvir histórias são ações que possibilitam, ao ser humano, a viagem ao mundo encantado e simbólico.

O despertar do meu interesse por ouvir histórias advém do fato de ter crescido ouvindo-as, a começar pelas histórias da infância de minha mãe com seus brinquedos improvisados de sabugo de milho e os percalços de sua viagem do sertão à capital Salvador – BA. E também, as urbanas histórias do meu pai, um mecânico, de pouco contato com os livros, que, pela sua vivência, conta as melhores histórias sobre o nascimento dos bairros de Salvador que já ouvi.

Desde pequena, ouvi meu pai contar que a Pituba, um bairro da orla marítima de Salvador, e hoje um aglomerado de prédios, foi um areal de dunas brancas que se moviam, como as que um dia, ainda, pude ver no Abaeté e, atualmente, quase não existem mais. Cresci ouvindo que o bairro de Itapuã, antigamente de veraneio, era tão longe do centro da cidade - lugar em que ele cresceu, que muitos carros atolavam em suas areias e somente tratores conseguiam tirá-los. E assim, começavam as suas narrativas de aventuras, sempre recheadas de areias, praias e casas tão distantes que chegar nelas era enfrentar verdadeiros obstáculos, isso sem falar dos seres mitológicos que havia naqueles lugares para incrementar essa dificuldade.

Agora, bastante idoso, foi fazer um exame delicado, e para distraí-lo, levei-o ao tão narrado bairro de Itapuã, mais especificamente ao Abaeté. Ele ficou emocionado e triste, pois disse não reconhecer mais aquela água rasa e aparentemente suja, características atuais da Lagoa do Abaeté, pois ali, fora um lugar onde já moraram rainhas das águas e guerreiros valentes. E naquele momento, pude perceber que a lagoa sumia junto com o costume de contar e ouvir histórias na minha família, mas por concordar totalmente com Sant´Anna (2011, p. 15) que "somos estórias em movimento", visualizo a necessidade de agir, buscando estratégias em meu cotidiano, familiar e profissional, que façam (re)nascer a arte de contar histórias, estimulando o desejo dos meus alunos de viverem felizes para sempre com a leitura.

Paralelamente às histórias da família, também, desfrutava das aventuras do Sítio do Pica-Pau Amarelo, nas quais, desde pequena, Monteiro Lobato brindava-me com todos os seus personagens míticos e criativos que invadiam a minha imaginação. Sendo assim, todas as

narrativas constituíram uma saga que permeou meu imaginário desde criança. Dessa forma, utilizo em minha vida a premissa de Sant'Anna (2011, p. 15) "quem conta estórias vive várias vidas numa só".

Quando inicio meus estudos no Magistério, em 1990, o meu interesse em histórias consolida-se ainda mais, pois, passo a ter acesso aos variados livros da Literatura Infantil. Assim, ao concluir o referido curso, fui trabalhar com alunos da Educação Infantil, em uma pequena escola da periferia de Salvador, onde tive o primeiro contato mais amplo com alunos, e percebi que o momento mais esperado da aula era a roda de histórias. Todos os alunos que se agitavam durante todo o tempo, com a energia peculiar da faixa etária, ao iniciar a história, aquietavam-se e ficavam sedentos pelo momento da contação.

Em seguida, no ano de 1996, ingressei no curso de Letras, e novos conteúdos foram-me apresentados; a gramática, descontextualizada ou não, permeou tanto minha formação que a Literatura ficou em um segundo plano, *quase infinito,* durante a minha vida profissional, até o ano de 2017, com o ingresso na pós-graduação *stricto sensu*.

Com a oportunidade de cursar o Programa de Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UNEB, surge a mudança das minhas perspectivas de ensino. Novos autores alargam meu repertório linguístico e discursivo, em que o letramento em todas as suas multifaces passa a permear meu cotidiano. Sendo assim, a renovação/revolução de ideias e a aquisição de novos conhecimentos abriram um horizonte navegável, que me conduz para uma viagem de busca à criatividade e ao bem-estar dos aprendizes nas aulas.

As práticas pedagógicas, em sala de aula ou fora dela, precisam ser diferenciadas à procura de sanar, ou ao menos reduzir, as carências de leituras reflexivas dos alunos, aproximando-os da relação livro – leitor – autor – leitura. Consideramos relevante que, durante as aulas, devemos desenvolver as atividades utilizando recursos inovadores e divertidos, a fim de criar um ambiente aprazível no qual o brincar deve estar sempre imbricado ao aprender. E, para tanto, apoiamo-nos na ideia de que "o uso de elementos criativos e lúdicos no decorrer das atividades em classe contribui para que o aluno aprenda aquilo que está sendo trabalhado, através da dinamicidade do brincar e do prazer de criar com os conteúdos" (FIORINDO e WENDELL, 2014, p. 114).

E no contexto do Ensino Fundamental II, observamos o comportamento dos alunos que dizem com frequência: "Não suporto ler!" e/ou "Odeio ler", quando questionados sobre o contato com a leitura. Diante das respostas, parece que essa prática leitora é algo completamente distante da realidade deles, embora esses mesmos educandos, rotineiramente, estejam conectados às redes sociais, lendo e respondendo às mensagens de seus amigos, em seus

inseparáveis *Smartphones*. Desse modo, percebemos que a leitura já faz parte do cotidiano desses indivíduos.

Para modificação desse contexto apresentado, acerca do ato de ler, anuímos com Ramos (2011) ao ressaltar sobre a importância dos professores, de todos os anos escolares, (re)conhecerem a prática de narrar histórias como uma ação de incentivo à leitura fundamental para formação do sujeito-leitor.

Ressaltamos que o ambiente no qual o aluno está inserido, a exemplo das escolas sem infraestrutura, onde não há livros paradidáticos, cantinho da leitura, nem uma biblioteca, representa um contexto adverso à formação do leitor. E assim, fica a lacuna a ser preenchida pelas habilidades estratégicas do professor de Língua Portuguesa, a fim de estimular o aluno a entender a leitura como uma prática eficaz e agradável, transformando-a no que Solé (1998) chama de "desafio estimulante", ou seja, é o que sempre deveria ser a leitura.

Nesse sentido, a utilização da contação de histórias deve ser uma prática pedagógica a ser exercitada pelo professor, aproximando o aluno dos textos narrativos, especificamente, aqui, dos contos de fada clássicos, e, também, os estilizados - ou seja, narrativas que são reconstruídas com pequenas alterações, no enredo, que não afetam o sentido original do texto fonte (SANT´ANNA, 1991).

Nessa perspectiva, sobre a prática da contação de histórias no ambiente escolar, levantamos algumas questões que serão respondidas no decorrer da dissertação:

1) Os contos de fada clássicos contribuem para a formação do leitor?
2) A estilização dos contos de fada auxilia na ampliação dos conhecimentos de mundo, linguístico e discursivo dos alunos?
3) A criatividade na contação de histórias estimula a prática da leitura pelos alunos, favorecendo o afeto e a identidade no processo da aprendizagem?

E a partir dessas questões, surgem algumas hipóteses - a narração dos contos de fada contribui para a formação leitora dos alunos; o ato de estilizar os contos de fada amplia os conhecimentos de mundo, linguístico e discursivo dos aprendizes; e a criatividade no narrar aguça a curiosidade dos alunos para a prática da leitura, contribuindo para as relações de afeto e identidade.

Considerando o exposto, o objetivo geral é despertar o interesse pelo mundo da leitura por meio da contação de histórias dos contos de fada e dos contos estilizados, utilizando a criatividade, a fim de proporcionar um ambiente interativo/coletivo no processo da fala/escuta no desenvolvimento do enredo.

Dessa maneira, delineamos como objetivos específicos:

- ✓ Estimular o potencial cognitivo e criativo através da estilização e da contação de histórias;
- ✓ Despertar o interesse pela contação de histórias;
- ✓ Incentivar a leitura através da vivência de emoções, da fantasia e da imaginação contidas na Literatura Infantil e Juvenil.

Nesse cenário, propomos uma intervenção pedagógica relacionada à leitura, à produção e a contação coletiva de histórias estilizadas, na qual os alunos tenham contato com narrativas imagéticas, fílmicas, orais e escritas. E, paralelamente, criamos espaços de leitura na escola. A fim de alcançarmos os referidos objetivos, elaboramos esta dissertação, dividida em cinco seções.

Na **Seção 1** – "*Era uma vez...*", abordamos a narrativa e sua multiplicidade de conceitos, considerando as divergências e intersecções em defini-la. Paralelamente, apresentamos os teóricos - Chesterton (2008), Coelho (2012), Benjamin (1994), Ramos (2011), entre outros, que tratam do papel do contador de histórias da antiguidade à atualidade; Gancho (2000), que traz as peculiaridades da narrativa, especificamente os contos de fada; Sant´Anna (1991), com o conceito de estilização, e subsidiados pelo conceito de intertextualidade por Marcuschi (2014); paralelamente, trazemos Fiorindo e Wendell (2017) além de Bauman (2005), Freire (1989), que tratam da criatividade, do afeto e da identidade para auxiliar o crescimento cognitivo dos alunos.

Na **Seção 2**- *O passaporte para o mundo da leitura,* apresentamos o espaço, os sujeitos, bem como os materiais selecionados e a descrição das Etapas da Proposta de Intervenção. Na **Seção 3** - *Uma história construindo muitas outras histórias...* descrevemos a aplicação da proposta de intervenção e os trabalhos realizados pelos alunos em cada Etapa, fazendo relação com o aporte teórico. Na **Seção 4** - *Antes, durante e depois: análise dos resultados,* temos as considerações dos dados obtidos a partir da aplicação de questionários respondidos pelos alunos, expondo os resultados alcançados durante todo o processo de aplicação da proposta de intervenção. E na **Seção 5** - *Uma história sem fim?,* apresentamos nossas reflexões sobre o desenvolvimento do trabalho, as inquietações surgidas, as descobertas, os percalços, bem como explanamos acerca da necessidade de continuidade desta proposta.

O trabalho gerou movimento e transformações significativas numa escola sem biblioteca mas, agora, com dois espaços de leitura, dando assim, aos alunos, a possibilidade de contato com a Literatura Infantil e Juvenil. As atividades desenvolvidas com criatividade, de maneira lúdico-afetivas, propiciaram aos aprendizes a ampliação de suas "bibliotecas interiores", expandindo também seus repertórios semânticos e cognitivos, formando neles, a ampliação do acervo cultural que poderá ser um facilitador às suas relações intertextuais futuras.

1 "*ERA UMA VEZ...*"

> Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história [...] Porque é assim suave e docemente que se desperta a consciência.
>
> Jean de La Fontaine

A narrativa, oral e/ou escrita, é uma forma de expressão humana, de compartilhamento de experiências que promovem conhecimento e estimulam a fantasia. Inicialmente, nesta seção, tratamos do surgimento do contador de histórias e sua relação com o sujeito leitor/ouvinte. Paralelamente, abordamos as concepções de narrativa e seus elementos, ressaltando a presença do narrador; além do conceito de estilização, perpassando por intertextualidade. E, posteriormente, trazemos a relação da criatividade, do afeto e da identidade no desenrolar narrativo, bem como os tipos de espaços de leitura que podem ser criados na escola.

1.1 OS CONTADORES DE HISTÓRIA

Segundo Coelho (2000, p. 70) "história, estória, enredo, intriga, trama, assunto...são alguns dos rótulos dados ao que acontece na narrativa (conto, romance, novela, etc.). Seu conteúdo pode ser tão diversificado quanto o é a vida e a imaginação humanas". Segundo a autora, o ato de narrar corresponde a uma voz familiar, a do contador de histórias, que serve como mediador entre a situação narrada e o ouvinte.

As histórias são contadas pela necessidade do homem em comunicar-se e trocar experiências, e conforme Chesterton (2008, p. 101), "se há uma história; há um contador da história". E esses contadores surgiram com os povos antigos, representados pelos anciãos, que se reuniam ao redor das fogueiras e narravam as experiências culturais de seus povos.

No século VI a.C., encontramos os celtas com a tradição oral de contar mitos e lendas. Eles eram considerados, na antiguidade, como um povo pacífico, que não abria mão da própria cultura e de suas crenças religiosas, sendo governado por uma casta sacerdotal, os druidas (COELHO, 2012). Com relação à perpetuação de sua história, os celtas trazem a figura do bardo como responsável por eternizá-la de geração em geração, cantando ou recitando. Da mesma maneira, outros povos – a exemplo dos indígenas e africanos - utilizaram-se de contadores de histórias para a manutenção dos costumes de suas sociedades, conservando, assim, a cultura a qual pertencem.

Paralelamente, os contos de fada também tiveram origem na oralidade – e eram lidos/contados em vilas francesas no século XVII. No entanto, ao chegarmos ao final do referido século, de acordo com Coelho (2012), as narrativas entram em declínio. Neste momento, surge

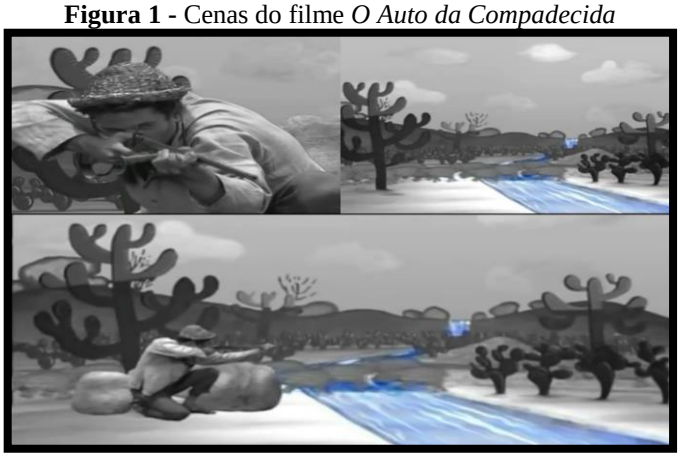
Charles Perrault como iniciador da Literatura Infantil. Para Darnton (1988), embora membro da elite francesa, o referido autor, também, estava presente em vilas da classe popular com seus contos adaptados, e dessa forma, estabelecia contato entre cultura erudita e popular.

Passando da Europa para o Brasil, nesse contexto de cultura popular, cabe também refletirmos sobre a cultura narrativa oral brasileira do povo nordestino, pois nessa população, encontraremos igualmente o costume do relato oral de suas vivências, partindo de memórias construídas, experienciadas ao longo da vida. Nesse cenário, Gomes (2002, p. 2) diz que,

> O Nordeste do Brasil é, de modo específico, uma região geográfica onde ainda são fortes os elementos da oralidade nas manifestações populares, disseminadas pelos romanceiros, cantadores de viola, trovadores, poetas, contadores de histórias, carpideiras, e também presentes nas cantigas de roda e no folclore infantil.

Nessa vertente, Nascimento Neto (2006, p. 17) exemplifica, através da figura do contador de histórias sertanejo, Chicó, personagem da obra *O Auto da Compadecida* (SUASSUNA, 2000), no gênero filme, o imaginário nordestino e a riqueza da cultura brasileira, conforme visualizamos nas imagens a narração da caça de pacas, animal típico da América do Sul:

Figura 1 - Cenas do filme *O Auto da Compadecida*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=v2Sep-QdLzs

Para Lima (2016, p. 8), “se pensarmos que todas as culturas conhecidas são contadoras de histórias e que qualquer experiência humana pode ser expressa como narrativa, estaremos sempre cercados por elas”. O autor, fazendo-se valer não só de folhetos cordelistas, histórias de repentistas ou de cegos cantadores nas feiras livres, afirma que a mais profunda identidade cultural de um povo está baseada na tradição oral, e em muitas culturas, por meio dos contadores de histórias - portadores da memória da comunidade.

Essa memória era utilizada para transmitir ensinamentos, perpetuar tradições, divertir e, às vezes, assombrar, mas principalmente para fazer, quem as escuta ou escutava, refletir, criar uma referência em suas ações. Desse modo, agiam diversos povos, a exemplo dos indígenas que, de acordo com Chaves e Pezzuti (2009), através do homem mais idoso da aldeia, denominado *imabuté,* contador de história, utilizava as narrativas para transmitir ensinamentos às novas gerações.

Segundo Ramalho (2011), os indígenas abordam, em suas narrativas, temas como sexualidade e morte com naturalidade, além de utilizá-las em preparação dos rituais de passagem; tais narrativas "trazem a conexão entre mundo material e espiritual, e falam de um encantamento que pode nos conectar novamente com a vida gerando uma nova compreensão de nossa existência através da ancestralidade viva (2011, p. 28) ".

Já o povo africano traz, na figura do contador de histórias, o griô ou *griot*, um poeta, músico que viajava pelas aldeias da África escutando, contado e recontando a história das famílias. Para Lima (2010), o *griot* é um transmissor nobre de histórias, cuja função principal é perpetuar a memória de seu povo, mas não escreve nenhuma delas, guarda-as na memória para depois recontá-las. Para ilustrar, segue imagem de um *griot* retratada no filme franco-belga, *Kiriku e a Feiticeira*, que traz uma história baseada na tradição oral africana, conforme visualizamos:

Figura 2 - Cena de um griot no filme *Kiriku e a Feiticeira*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=SZt0MskjWiY

Através da palavra, o *griot* ou a *griotte* – versão feminina, exerce um papel importante na vida cultural e social do seu povo. Segundo Ferreira (2012), a mulher escravizada utilizava a contação de histórias para transmitir ensinamentos ancestrais no navio negreiro, e que tal prática "difundiu-se no Brasil, principalmente entre as mães de santo, que reuniam as crianças em seus terreiros e contavam-lhes histórias de África, com o objetivo de ir costurando essa

colcha de retalhos, que é a memória afro-brasileira" (p. 5). A seguir, apresentamos a imagem de *griots* e *griotte*, na África.

Figura 3 – *Griots* e *griotte* na África

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=u6MY3v-WA94

No século XX, Benjamin (1994) considera que a arte de narrar está em vias de extinção, devido à ausência de pessoas que sabem fazê-la apropriadamente, ou seja, é como se fosse retirada destas pessoas uma aptidão natural, algo que lhes parecia inalienável, a faculdade de intercambiar experiências. O autor assevera que esse desaparecimento está acontecendo devido à extinção do lado épico da verdade, no qual as histórias são simplesmente relatadas/informadas e não mais contadas.

Tal concepção contrapõe-se à ideia de Ramos (2011) ao afirmar que, na atualidade, a figura do contador/narrador de história encontra-se em ascensão:

> Em meados do sec. XX, os contadores de histórias, após terem quase submergido em consequência do surgimento das novas mídias, ressurgem, como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como *novos contadores, ou contadores urbanos*. Com o surgimento dos contadores urbanos, a arte de contar histórias passou a ser reconhecida também no campo pedagógico (RAMOS, 2011, p. 34).

Neste contexto, sempre existirá o encantamento quando alguém contar uma história, seja uma pessoa letrada ou não, pois a arte narrativa se manifesta tanto no contador tradicional, através da narração de sua experiência e de suas memórias, quanto no narrador contemporâneo que, por meio da pesquisa e da leitura, insere-a na prática pedagógica, onde o "O professor contador de histórias promove em seu cotidiano o fazer artístico das crianças" (BEDRAN, 2011 p. 61).

Segundo Sant'Anna (2011), a contação de histórias passou a ser revalorizada, nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1980, em que há uma variada bibliografia que

transpõe diversas áreas do conhecimento dando conta de uma verdadeira redescoberta da arte de contar histórias:

> E isto se tornou tão visível e notável que as universidades se voltaram para este fenômeno estudando o renascimento da contação de estórias em nossa cultura. Cursos de contadores de história se espalham por todas as partes, ao mesmo tempo em que, paralelamente, cursos sobre leitura, secretarias de leitura e até mesmo Cátedras de Leitura (a exemplo da PUC-Rio) começam a ser criados nas universidades**. Quer dizer, a leitura e a contação de estórias não apenas estão na moda, mas irremediavelmente geminadas (**SANT'ANNA, 2011, p. 14, grifo nosso**).**

Apoiados no quadro apresentado, ressaltamos que a criança que não teve contato com a escuta de histórias em casa, ao encontrar um professor que desempenhe tal função, poderá desabrochar a criatividade. Em sala, o professor pode utilizar a narrativa de histórias como uma sensibilização, antes, durante ou depois a explanação de um assunto a ser trabalho. Com isso, poderá estimular a imaginação do aluno, exemplificar o conteúdo trabalhado e facilitar a conexão entre quem fala e quem escuta; dessa forma, o professor poderá perceber, na referida estratégia, um elemento lúdico e facilitador ao aprendizado. Portanto, consideramos a arte de contar histórias uma atividade pedagógica ascendente, que precisa ser mantida entre os jovens de diversas idades.

O contador de histórias mantém contato com a leitura para ampliar seu repertório, e assim compartilhar com os ouvintes. Dessa maneira, tanto professores quanto alunos quando se dispõem a tornar-se contadores, expandindo seus repertórios culturais, podem contagiar a si e aos outros, pois são experiências lúdicas que promovem conhecimento e estimulam a fantasia.

Quando um aluno protagoniza uma vivência de narrador/contador de histórias, pode se tornar um descobridor de caminhos e formas de sedução dos ouvintes, assim como, pode corroborar para a descoberta da sua trajetória de leitor. Pois, pressupõe uma passagem anterior dele pela experiência de leitor, porque ao assumir esse papel do contador de histórias, o aluno mergulha numa estratégia de promoção da leitura, e fica em contato direto com o texto a ser contado, para tanto, ele necessita ler repetidas vezes a narrativa escolhida a fim de dominar a história.

Para facilitar o processo do aluno ser um contador de histórias na sala de aula, o professor pode trabalhar pequenos grupos, que serão os primeiros ouvintes, dando sequência a um grupo maior na própria turma; em seguida, uma apresentação para toda a turma, posteriormente, apresentações em turmas com séries mais baixas, até que o aluno sinta-se encorajado a uma performance com uma plateia formada por toda a escola. A medida que esse processo de apresentações cresce, o número de leituras do aluno aumentará, pois existe a

variação das histórias apresentadas, visto que, cada história é adequada a um determinado público.

Busatto (2013) afirma que contar histórias é estar diante de um exercício de vida, e quanto mais cedo há uma identificação com a referida prática, mais desenvolveremos recursos para lidarmos com situações inevitáveis. E, na contemporaneidade, está acontecendo uma valorização da figura do professor/contador de histórias, pois

> Neste século XXI tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou o Professor/Contador de Histórias, e a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, com presença certa em bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas. Esse antigo costume popular pertencente à tradição oral vem sendo resgatado pela educação como estratégia para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita – a formação do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 235).

Diante do exposto, percebemos que a jornada iniciada ao redor da fogueira, pelos contadores de histórias, ultrapassou a barreira do tempo e conseguiu tomar variados espaços, assentar em alguns lares e pousar em determinadas escolas para encantar e formar novos leitores.

1.2 AS NARRATIVAS E SUAS PECULIARIDADES

Ao longo do tempo, diversos autores dedicaram-se ao estudo da narrativa. De acordo com Fiorindo (2009), há uma dificuldade em encontrar uma única definição para narrativa, pois

> Embora existam diversos estudos para tentar conceituar o que é uma narrativa, não há ainda uma definição categórica que consiga assumir tal papel, pois ela depende de uma série de elementos que a caracterizam de acordo com o objetivo a ser atingido (FIORINDO, 2009, p. 27).

Para Benjamin (1994, p. 9), "a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação". Segundo o autor, ela representa a experiência que passa de pessoa para pessoa, sendo a fonte a que recorreram todos os narradores; portanto, a vida é narração. Concordarmos com o estudioso, ao entendermos a vida como uma grande narrativa coletiva, com seus espaços físicos e afetivos, na qual cada ser compõe um narrador/personagem.

Nesse contexto, Barthes afirma que

> [...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas [...] a narrativa está sempre presente, como a vida (BARTHES, 1973, p. 19).

Conforme Held (1980, p. 18), “uma vida humana é uma ficção que o homem inventa à medida que caminha”. Nesse sentido, seríamos sujeitos que atuam num tempo psicológico e impreciso de um espaço chamado vitalidade, onde encontramos um foco narrativo em primeira pessoa – eu, que cotidianamente sequencia ações com outros, nesta grande narrativa experienciada todos os dias, que é a vida.

Com a passagem da narrativa oral para escrita, Coelho (2012) nos lembra do livro *Contos da Mãe Gansa* (1697), no qual *Charles Perrault*[1] agrupou oito histórias coletadas da memória do povo, dentre elas *Chapeuzinho Vermelho*. Segundo a autora, na mesma época, outro intelectual francês de prestígio, *La Fontaine*, dedicou-se também ao resgate e publicação “das antigas historietas moralistas” – as Fábulas, mantidas pela memória popular.

Cem anos mais tarde, imbuídos do desejo de determinar a autêntica língua alemã, os irmãos Grimm “entregam-se à busca das antigas narrativas, lendas e sagas que permaneciam vivas, transmitidas de geração para geração, pela tradição oral” (COELHO, 2012, p. 29), e publicam contos que “correm o mundo”, mas deles retiram partes alusivas à violência ou maldade, principalmente quando o alvo eram as crianças.

No que tange à forma como a narrativa será apresentada, ressaltamos que, para movimentar a imaginação de uma criança que está escutando uma história, não há distinção entre a narrativa estar sendo lida ou contada, pois as duas formas serão um passaporte para o mundo da fantasia. No entanto, cabe ressaltar, que o despertar da imaginação da criança será mais aguçado sem a presença do livro ou de imagens durante a contação, mas as duas formas referidas anteriormente ativam o imaginário.

Segundo Tahan (1964), ao contar uma história, é preciso mostrar uma expressão viva, ardente e sugestiva, sentindo a história contada, além conhecer bem o enredo e falar com voz adequada, clara e agradável; e se a história for lida, as imagens devem ser mostradas, após serem descritas com entusiasmo e detalhes. Busatto (2003), afirma que, para tornar significativo o narrar, é imprescindível conhecer a história a ser contada.

Entre os tipos de narrativas também encontramos as imagéticas, ou seja, histórias construídas sem o texto verbal, apenas com imagens, que podem ser expressas no livro impresso e/ou virtual. Considerando o espaço virtual, no século XXI, encontramos as narrativas fílmicas,

[1] Segundo Coelho (1991), em 1697, *Charles Perrault* abandona o sistema de versos e encontra o caminho certo ao começar a redigir em prosa, em linguagem clara que agrada a crianças e adultos. No entanto, ao final de cada história, retoma os versos através de pequenos poemas para encerrá-las. Neles, aponta para normas de comportamento, referentes à moralidade. Em sua obra *Chapeuzinho Vermelho*, escreveu um poema que teve o intuito de alertar às meninas contra a sedução amorosa dos inescrupulosos meninos mais velhos - representados pelo personagem do lobo.

que podem ser filmes curtos, sem o texto verbal, apenas com as ações dos personagens em cena, veiculados no *Youtube*, que contam a história de um ou mais personagens, num espaço, durante um tempo determinado.

Segundo Gancho (1991), contar histórias é uma atividade que muitas pessoas praticam; e ressalta que as narrativas são compostas de cinco elementos: personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. Conforme a estudiosa, sem os fatos não há história e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar.

Inicialmente, temos no personagem o ser atuante e responsável pelo desdobrar da história, pela execução da ação do enredo, podendo ser real ou fictício. No enredo, podemos encontrar a verossimilhança, que, para Aristóteles, em *A Arte Poética*, trata-se de entender que não cabe a uma narrativa repetir o real, mas sim abarcar suas possibilidades de forma verossímil e de acordo com o objetivo do poeta para realizá-la. Isto é, mesmo sendo fictício, o leitor precisa crer no que está exposto no texto pela apresentação de elementos plausíveis.

Nessa concepção, da verossimilhança no enredo, tomemos, por exemplo, a obra *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2013), que é composta por um enredo aparentemente sem nexo, devido à presença de muitos elementos fantasiosos e imaginários do *nonsense*, marcado pela aparência do inusitado, do humor, de trocadilhos, de anagramas, de poemas paródicos e/ou algumas citações críticas feitas pelos personagens, mas o leitor percebe a lógica do enredo. Em paralelo, temos o tempo, a duração da narrativa, no qual os fatos do enredo estão atrelados, que pode ser longo, como nas novelas, romances entre outras ou acontecer num período mais curto – como nos contos; e, hoje, também encontramos os curtíssimos contos – os nanocontos.

Além dos referidos elementos, temos o narrador, que pode executar muitas funções como descrever os personagens, apresentar o espaço onde as ações acontecem, sequenciar os fatos e situar o leitor/ouvinte no tempo da narrativa (GANCHO, 1991). Assim sendo, o papel do narrador é propiciar o contato entre o leitor/ouvinte e a narrativa, sendo um intermediário que coloca o mundo literário do autor diante dos olhos/ouvidos do espectador.

Paralelamente, podemos dizer, também, que hoje a narrativa é híbrida, pois ela pode ter diversas semioses – imagens, sons, movimentos.... Por conseguinte, entendemos que mesmo existindo dificuldade em encontrar uma única definição para narrativa, fica-nos a certeza de que ela representa a experiência que passa de pessoa para pessoa, pois a vida é uma narrativa.

Assim, partindo da premissa *sherazadiana* em que histórias mudam histórias, consideramos a narrativa como uma ficção humana que está presente em todos os tempos, sendo uma arte viva e camaleônica, cujo mimetismo atua de acordo com a época e os costumes

vigentes. E quando a narrativa sai do real para o imaginário, não deixa de representá-lo, seja por imagens ou por palavras (oral ou escrita), que a deixa sempre viva no escoar do tempo.

1.3 OS CONTOS DE FADA

De acordo com Fiorindo (2001), apoiando-se em Carroll (2013), existem duas razões para criar uma obra imaginária: a primeira parte do autor (impulso) e a segunda do interlocutor (crítica). Assim, é possível a existência da obra imaginária completa, onde o autor escolhe a forma: verso, prosa, conto, romance ou teatro.

Para elaboração do conto de fada, o autor se baseia nas imagens que se juntam e formam a história, e o referido gênero se distingue das outras formas literárias pela sua brevidade, tradicionalismo flexível, contra todo tipo de análise, digressão, reflexão e limitação de vocabulário, redutoras do sentido da história. Segundo Propp (1997), a unidade de composição do conto reside na sua realidade histórica, por isso o conto de fada é inteiramente composto de elementos que remetem aos fatos e às concepções que caracterizam uma sociedade supratemporal.

Paralelamente, notamos que virtudes básicas das mulheres nos contos de fada clássicos; fragilidade, submissão e incapacidade de governar um reino sozinha, vêm perdendo espaços para as protagonistas/heroínas. Aquela mulher que antes era salva pelo príncipe, na contemporaneidade, pratica o salvamento, além de encontrarmos a princesa que governa sozinha o reino, como na animação infantil *Frozen: Uma Aventura Congelante*[2] (BUCK; LEE; MORRIS, 2013), ou a mulher guerreira que ajuda seu povo, como no filme infantil *Moana: Um Mar de Aventuras*[3] (CLEMENTS et al., 2017).

Outro aspecto, é a necessidade de utilizarmos versões de contos de fada com o protagonismo negro, contribuindo para um movimento menos polarizador. Pois, faz-se imperativo ampliarmos o olhar para além do negro como um escravizado e reconhecermos o valor dos afrodescendentes, também formadores da cultura do país; e a literatura representa uma ferramenta que contribui para o rompimento de paradigmas como esse.

A título de ilustração, temos as adaptações *Joãozinho e Maria* (AGOSTINHO e COELHO, 2013), cujo enredo, semelhante ao clássico que deu origem, conta a história de dois

[2] O filme *Frozen: Uma Aventura Congelante* (BUCK; LEE; MORRIS, 2013) narra as aventuras de duas irmãs num reino congelado; Ana, uma jovem e corajosa princesa e Elsa, a irmã, mais velha e solteira; há presença do príncipe - vilão, que contrapõe a imagem do príncipe salvador.

[3] O filme *Moana: Um Mar de Aventuras* (CLEMENTS et al., 2017) conta a história de uma jovem destemida, Moana, que decide velejar através do Oceano Pacífico, auxiliada por um semideus, para melhorar a vida de todas as pessoas da ilha onde vive e, para tanto, enfrenta grandes obstáculos.

irmãos muito pobres, que viviam em um barraco, na Serra da Mantiqueira/Minas Gerais, e perdem-se na floresta quando voltam para casa; já em *Rapunzel e o Quibungo* (AGOSTINHO e COELHO, 2012), temos a história de uma menina baiana que, ao brincar na Lagoa do Abaeté[4], foi sequestrada e trancada em uma torre pelo *Quibungo*, uma espécie de bicho-papão, conforme visualizamos a seguir:

Figura 4 - Livros: *Joãozinho e Maria* / *Rapunzel e o Quimbungo*

Fonte: Acervo pessoal

Sejam adaptados, estilizados ou utilizados em suas versões originais, a grande diferença do conto de fada para qualquer outro conto imaginativo é que ele pode falar de coisas eternas e universais, à semelhança dos mitos sem, necessariamente, como estes, versar sobre atos heroicos de deuses, por isso a maioria dos contos de fada não possuem autor conhecido. De acordo com Carroll (2013), há muito mais significado no conto do que aparenta, pois, sua forma maravilhosa possibilita transmitir mensagens de valores humanos por meio da história.

De acordo com Coelho (2000), o conto de fada, devido à origem céltica ligada ao sobrenatural, tem um conteúdo espiritual/ético/existencial e visa a realização interior do ser humano, e para tal afirmação a autora toma por base a origem da palavra fada, cujo nome origina-se do termo latino *fatum*, que significa destino. De acordo com Fiorindo (2001), os contos de fada trazem os arquétipos, ou seja, os comportamentos humanos, de forma simbólica, que são transmitidos de geração em geração.

Dessa maneira, os contos de fada permitem aprender observar melhor a vida, como afirma Chesterton (2008, p. 82), “as coisas em que eu mais acredito agora, são as coisas denominadas contos de fadas. Eles me parecem ser as mais racionais de todas as coisas. Não

[4] A Lagoa do Abaeté, situada em Itapuã- bairro de Salvador/Bahia, é um local símbolo da natureza turística da Bahia, acerca dele. Segundo Teixeira (2014), a Lagoa do Abaeté é um espaço vivo que oscila entre o real e o imaginário devido as duas lendas e a mitologia que a cerca. Disponível em encurtador.com.br/ghlT4.

são fantasias: perto deles, as outras coisas é que são fantásticas". Nessas narrativas há certas sequências e desenvolvimentos, que são no verdadeiro sentido da palavra necessários, como acontece nas sequências matemáticas lógicas. No país das fadas, admite-se essa razão e necessidade, porém o teste é o da imaginação, onde as leis científicas não podem interferir.

De acordo com o autor, "no país das fadas evitamos a palavra 'lei'; mas na terra da ciência eles são especialmente apaixonados por ela" (CHESTERTON, 2008, p. 86). Nos contos de fada, a ideia de leis científicas perde todo o sentido relacionado ao seguimento de regras. Portanto, é fundamental que vejamos as transformações dos fatos, descritos nos contos de fada, de modo subjetivo, suscetível a interpretações várias, e não segundo a maneira antifilosófica da ciência. Pois,

> Quando nos perguntam por que os ovos se transformam em pássaros ou por que as frutas caem no outono, devemos responder exatamente como a fada madrinha responderia se Cinderela lhe perguntasse por que os ratos se transformaram em cavalos ou por que as roupas dela desapareceram depois da meia-noite. Devemos responder que é MÁGICA (CHESTERTON, 2008, p. 87).

Segundo o teórico, a mágica dos contos de fada está relacionada com a compreensão do extraordinário, que não encontra em si mesmo uma explicação para ter acontecido. Por conseguinte, compreender os contos de fada seria uma forma simples, porém ampliada, de ver as coisas, sem impor limites à imaginação.

Diante do exposto, consideramos os contos de fada como uma obra imaginária, de formato breve, que representa "o mundo ideal", no qual encontramos os arquétipos de seres humanos com defeitos, e também com virtuosos predicados, equilibradamente distribuídos, passíveis de admiração e imitação, bem como acontecimentos que não estão subordinados às leis que regem o "mundo real", o que lhes garante viverem felizes para sempre.

1.3.1. **Estilização: das fontes às novas histórias**

Ao mantermos contato com os contos de fada, em suas versões mais amenas, àquelas feitas para crianças, com ausência de partes referentes à violência, muitas vezes, não temos a noção do quanto estes textos foram modificados, quantos textos estão ali imbricados desde a sua origem na oralidade.

Tal reflexão dialoga com Marcuschi (2014, p. 129), "há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário".

Sendo assim, consideramos a intertextualidade como o ato de retomar textos já produzidos e que são integrantes da nossa "biblioteca particular".

De acordo com Kristeva (1974), a intertextualidade corresponde ao diálogo com outros textos, pois, todo texto se constrói como um mosaico de citações, sendo absorção e transformação de um outro texto. E, conforme Meserani (1995), as primeiras formulações sobre essas relações entre textos surgem de ensaios pioneiros de autores integrados ao formalismo russo: Tynianov – *Dostoiévski e Gogol: contribuição à teoria da paródia*, e *Bakhtin – Problemas da poética de Dostoiévski*.

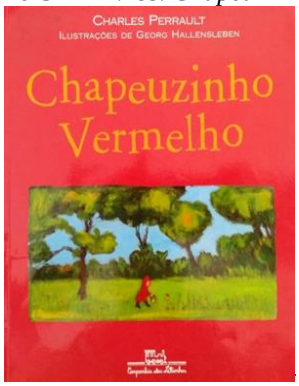
Em conformidade com o exposto, Sant'Anna (1991) afirma que a intertextualidade acontece quando um autor utiliza textos de outros. Desde a década de 70, do século XX, o referido autor vem tratando de intertextualidade de diferentes formas, como por exemplo, a paráfrase, a paródia, e a *estilização* - a qual destacamos.

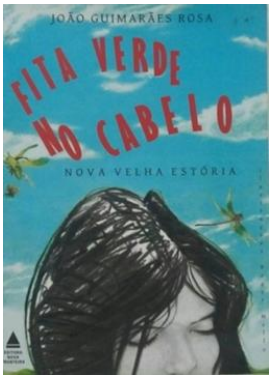
Para o autor, a estilização é um desvio tolerável – pouca mudança em relação ao original; "ou seja, esse desvio tolerável seria o máximo de inovação que um texto poderia admitir sem que lhe subverta, perverta ou inverta o sentido" (SANTANA, 1991, p. 39), enquanto na paródia ocorre o desvio total, pervertendo o sentido original e a paráfrase um desvio mínimo, sendo quase uma reprodução do texto original.

Na estilização não ocorre uma "traição" à organização ideológica entre os textos interligados, pois o tema original do texto se mantém havendo, apenas, pequenas alterações.

A título de exemplificação de um conto estilizado, citamos *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* (ROSA, 1992), que é a estilização de *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT, 1985), conforme imagens a seguir:

Figura 5 - Livros: *Chapeuzinho Vermelho e Fita Verde no cabelo: nova/velha estória*





Fonte: Acervo pessoal

Na narrativa de Guimarães Rosa (1992), em lugar do adereço em forma de capuz vermelho (PERRAULT, 1985), há uma fita verde no cabelo. Com relação aos personagens principais, temos, em ambas as narrativas, a figura de jovens meninas que passeiam na floresta. Essas personagens enfrentam obstáculos semelhantes - em *Perrault*, a morte - representada pelo lobo, corresponde à perda da vida literalmente; e, em Rosa, temos na morte uma passagem simbólica que equivale à "morte" da infância, ou seja, uma entrada para fase da adolescência e, posteriormente, a fase adulta.

Outro exemplo de estilização é a narrativa *Aline no Bosque Encantado* (MELO, FIORINDO E SACRAMENTO, 2017), cujo texto matriz é *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2013), onde ocorrem pequenas alterações, como mudança nos nomes, de Alice para Aline, alteração da cor da pele – de branca para negra, considerando o contexto do Recôncavo Baiano, com suas peculiaridades culturais como a roda de capoeira, conforme visualizamos:

Figura 6 – *Alice no País das Maravilhas*[5] e *Aline no Bosque Encantado*

Fonte: Arquivo pessoal

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM

Portanto, ao estilizarmos uma história, trabalhamos os aspectos reflexivos e constituintes da narrativa matriz, a fim de a modificá-la em pontos específicos, mas sem que haja subversão do texto inicial. Pois, nessa relação intertextual, faz-se necessário haver identificação do texto fonte imbricado com o estilizado, bem como a possibilidade de identificar as alterações feitas.

1.3.2 **O imaginário e o real nas narrativas**

Para Amaral (2004), a ação lúdica para a criança é ato sério e definidor da sua forma de ser e de estar no mundo e, por conseguinte, ao alimentarmos o lúdico dela, possibilitamos o

[5] Livro *Alice no País das Maravilhas*, em pop up, produzido pelo GPLPI - Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares da Universidade do Estado da Bahia – *Campus* V.

desenvolvimento do seu imaginário. Nessa vertente, Held (1980), assevera que cultivar a imaginação das crianças é fugir a um padrão pré-estabelecido de comportamentos, aceitando suas intervenções criativas, e até alimentando-as, a exemplo do uso do conto para narração, ou para criação de um final ou para produção de uma nova história a partir do texto fonte, como por exemplo – a estilização.

Corroboramos com ideia de que, a imaginação de uma criança deve ser alimentada, desenvolvida por meio do uso de contos e do lúdico. Cabe aqui observar que, a imaginação sobre a qual falamos, dentro da literatura de contos de fada, é o ato de transformar estímulos sensoriais em imagens mentais que através das palavras ganham sentido e fazem com que o indivíduo fique em conexão com o mundo que o cerca.

Nessa perspectiva, Freire (1989, p. 11) afirma que

> [...] é importante dizer, a "leitura" do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. **A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato,** sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra (grifo nosso).

Conforme relato do autor, sua alfabetização iniciou-se no meio familiar e depois, ao chegar à escola, e especificamente à professora Eunice Vasconcelos, aprendeu a leitura da palavra, mas tal fato jamais significou para ele "uma ruptura com a "leitura" do mundo. Na escola, com a referida professora, a leitura da palavra foi a leitura da 'palavramundo'".

Da mesma maneira que, a família deve ser um facilitador para o contato da criança com o livro, por conseguinte, inseri-la no mundo da imaginação, a escola também, por ser a principal instituição educacional, deve apresentar-lhes a literatura de maneira lúdica para despertar emoções, pois

> As obras literárias continuam a ser lidas e interpretadas como exemplos ilustrativos de determinadas escolas ou movimentos artísticos e ideológicos que se sucedem na história e não como histórias ou narrativas em si, capazes de emocionar e despertar questionamentos sobre atitudes e valores humanos (GALLIAN, 2017, p. 79).

Apresentar essa narrativa ao aluno, fugindo da leitura que se apresenta enquanto fardo, é um desafio que comumente encontramos na sala de aula, principalmente enquanto professores de Língua Portuguesa. Segundo Pina (2009), a leitura literária não comporta repressões, ela é libertária, ordena que se respeitem as regras do jogo de cada texto, mas não o respeito coercitivo da palmatória; "É a própria inserção no jogo. É o imaginário em ação (2009, p. 94)".

Para Held (1980), não há separação entre o real e o imaginário, pois eles são complementares no mundo da criança. Nessa perspectiva, podemos nutrir esse imaginário apresentando aos alunos histórias dos contos de fada, com a exaltação da fantasia, do sonho permeando a realidade deles com possibilidades criativas para enfrentar e vencer os obstáculos da vida de forma lúdica, pois "a história tem um valor para vida, pois facilita a visualização e a escolha de valores humanos" (AMARAL, 2014, p. 22).

1.3.3 **A identidade e o afeto no desenrolar narrativo**

Além do contato com o lúdico para exercitar o imaginário, os alunos precisam ser auxiliados na luta de (re)constituição de suas identidades. Os objetivos apresentados nos PCN propõem que os alunos do Ensino Fundamental II sejam capazes, dentre outras competências, de conhecer a noção de identidade. E, para tanto, informam que a referida fase estudantil é composta de adolescentes, cuja vida passa por transformações, pois

> Os alunos do terceiro e do quarto ciclos do ensino fundamental, idealmente, apresentam-se na idade entre 11 e 15 anos, ainda que, infelizmente, muitas vezes, por causa das dificuldades que enfrentam na vida e na escola, os estudantes possam ser mais velhos. Trata-se de um período da vida em que o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re)constituição da identidade, para o qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais (PCN, 1998, p. 45).

Diante do exposto, observamos que a escola tem, também, o papel de ajudar os alunos na construção de uma consciência identitária e de pertencimento do local onde vivem, mostrando-lhes que delimitações de espaços, condição econômica, cor da pele, classe social são situações que podem ser ressignificadas, a partir de uma visão integral do ser e estar no mundo; consequentemente, criando redes de relações e frequentando lugares tidos como inacessíveis por eles, principalmente os espaços de arte, cultura e lazer.

Para Bauman (2005, p. 83), "a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado [...]". Conforme o autor, a identidade surge de uma batalha, de uma crise de pertencimento e do empenho de recriar a realidade.

Nessa vertente, percebemos que, as identidades dos alunos emergem pela interação nas diferentes formas de construir e contar suas histórias. Ressaltamos o quão é importante trabalharmos com a questão da identidade em sala de aula, pois o aluno precisa acreditar em seu potencial, na sua condição de cidadão que pode transformar e ser transformado. Pois, "perguntar 'quem é você' só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você

mesmo; só você tem uma escolha, e só o que você escolhe depende de você" (BAUMAN, 2005, p. 25).

Na constituição dessa identidade formada no ambiente escolar, e fora dele, percebemos que a linguagem tem um papel fundamental na construção da experiência de mundo do aluno. Posto isso, reiteramos que o contato com a leitura, mais especificamente das narrativas, utilizadas como ferramentas no desenvolvimento identitário do aluno, torna-se um aliado para fazer o aprendiz superar a crise de pertencimento e recriar a sua realidade, entendendo, assim, o seu papel de leitor, de cidadão.

Nesse contexto, observamos que ao trabalharmos, por exemplo, com a narrativa de *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2013), temos a oportunidade de discutir sobre identidade ao tratarmos da crise de pertencimento que surge na protagonista, ao viver entre o real e o imaginário, bem como em seu esforço em reocupar seu espaço de origem.

Por consequência, ao lidarmos com o referido tema, podemos despertar no aluno, morador da periferia, distante dos livros, pela falta de biblioteca na escola e na vizinhança próxima, o desejo da busca de novos espaços, de experiências que o transporte para além de seus mundos. Nesse sentido, concordamos com Wendell quando afirma que

> O público é conectado ao produto cultural a partir do seu contexto com uma mediação que afirme seu lugar, sua história e sua cidadania. É uma conexão movida por um processo inclusivo e criativo através de um conjunto de ações educativas que afirmam o público presente. O estar conectado é ter direito de saber sobre o que acontece culturalmente ao redor dele, de como pode ter acesso aos eventos e espaços culturais, de conhecer e reconhecer os produtos culturais como parte de sua vida social (WENDELL, 2013, p. 8).

Neste sentido, é papel da escola auxiliar os alunos a transpassarem muros e seguirem em direções a outros espaços, principalmente os de cultura. Dessa forma, apresentamos aos educandos lugares de cultura/leitura que podem despertar os seus desejos pelo novo, estimulando a criatividade e a sua identificação enquanto cidadãos pertencentes a múltiplos ambientes. Outro aspecto importante no papel da escola é a afetividade, no processo ensino e aprendizagem, pois "vivemos em um momento em que há necessidade real de retorno a algo muito simples na relação humana: o afeto" (WENDELL, 2016, s/p). E, ao promover o desenvolvimento afetivo, a escola contribui para o processo de aprendizagem, despertando no aluno sentimentos de acolhida e bem-estar e, com estes, o desejo de aprender e permanecer nesse ambiente. Consequentemente, ao praticar o afeto, além de a escola cumprir sua função de levar o aluno ao aprendizado, desenvolve nele o desejo por aprender. Nesse contexto, Rubem Alves (2004, p. 52) afirma que

> Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affecare*, quer dizer "ir atrás". O afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome.

Diante do exposto, criar um ambiente favorável ao aprendizado, abrindo caminhos para novas experiências do aluno, num processo onde os valores adquiridos ou modificados serão resultados de uma aprendizagem lúdica, é algo imprescindível na escola. E, segundo Fiorindo e Wendell (2017, p. 3), "o uso de elementos criativos e afetivos geram uma ludicidade que estimula o aluno, no decorrer das atividades em classe, e contribui para que ele aprenda experimentando com sentimentos e emoções aquilo que está sendo trabalhado".

Consideramos que, através da ferramenta linguagem, da interação lúdica com a leitura das narrativas de contos de fada e dos contos estilizados, os alunos podem ser capazes de produzir novas narrativas, recriando suas realidades de maneira criativa, possibilitando um ambiente lúdico, onde o bem-estar e a aprendizagem estarão entrelaçados.

Por conseguinte, partindo da reflexão sobre histórias narradas pelos alunos ou aquelas apresentadas pelo professor, podemos despertar o interesse deles pelo mundo da leitura. A fim de exemplificar, pensemos em Freire (1989) quando testemunha que

> Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 1989, p. 9).

A narrativa, rememorada/relida das lembranças afetivas, de alguns momentos de sua vida, ajudaram-no a compor um dos clássicos da educação brasileira, *A importância do ato de ler* (FREIRE, 1989), e assim, percebemos o quanto o ato de narrar está relacionado com o desenvolvimento das ideias, e também com as nossas relações afetivas.

E, quando a escola, através do afeto oportuniza ao aluno (re)descobrir seus próprios caminhos ao conhecer e experimentar o contato com as obras literárias, está contribuindo, não só para sua formação escolar, como também para a sua formação cultural e pessoal, identitária. Pois, uma proposta "que envolve a participação do intelecto e da reflexão, se não estiver fundamentada numa experiência estético-afetiva, está fadada ao fracasso; a se limitar a um mero exercício intelectual" (GALLIAN, 2017, p. 99).

1.4 CRIATIVIDADE E ESPAÇOS DE LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Viajar pelo mundo da leitura requer alguns carimbos no passaporte do leitor dando-lhe acesso e "autorização" para nele permanecer. Dentre os muitos carimbos necessários estão o desenvolvimento do imaginário, o afeto e a criatividade, bem como a necessidade de espaços adequados que convidem/motivem os alunos à leitura.

Este fundamental carimbo no passaporte para o mundo da leitura, chamado criatividade, origina-se do latim *creare*, que significa a capacidade de criar ou produzir coisas novas. E assim, para essa competência criadora aflorar e formar um sujeito criativo, faz-se necessário estimulá-lo através do contato com o novo, o belo, com as diversas artes, a exemplo das narrativas. Segundo Gallian (2017), uma história, uma narrativa que afete ao leitor é uma obra de arte que desencadeia uma movimentação de sentimentos, de ideias, questionamentos e descobertas.

De acordo com Wendell (2013), a partir da relação com a arte, a pessoa exercita sua criatividade, desde a mais complexa obra até a mais fácil de ser entendida, pois a experiência estética nasce a partir do contato com a obra. Nesse contexto, o autor afirma que todo público cria, toda e qualquer pessoa, seja ela jovem, criança, adulta ou idosa é um ser criador.

Conforme o autor, o aluno do ambiente escolar deve ser estimulado a criar, utilizando todas as suas potencialidades para que haja transformação nele próprio e na escola, pois há necessidade de valorização do estudante, pois ele é capaz de mobilizar a escola a partir da sua criatividade e de sua força de comunicação.

Nessa perspectiva, para praticarmos a criatividade no contexto escolar, e fora dele, precisaremos da relação com a arte. E, assim, criamos possibilidades leitoras, mantendo o aluno em contato com a arte da palavra, a literatura, para transformá-lo num agente mobilizador de mudanças, pois "o aluno é o sujeito ativo que tem imenso potencial para mudar e gerar um ambiente saudável, junto com seus professores" (WENDELL, 2011, p. 167).

Um dos espaços a serem explorados são as bibliotecas públicas, localizadas no centro da cidade de Salvador, e seus eventos artísticos que ainda resistem à falta de público, mesmo com todas as inovações que vêm sendo propostas por elas – espetáculos, rodas de contação de histórias, exposições, entre outros.

Cabe observar que, infelizmente, nem todas as escolas estão situadas em localidades que possuem espaços de cultura, para que haja visitação dos alunos. Nesse contexto, compete ao professor, fazendo uso da criatividade e da imaginação, construir algumas possibilidades dessa

relação com a arte - como por exemplo, produzir varais literários, saraus, exposições das produções dos alunos, bibliotecas, cantinhos de leitura, entre outros espaços.

Considerando a ausência de ambientes culturais, cabe ao docente e a comunidade escolar criarem espaços de cultura, dentro da escola, bem como reivindicar acervos literários, junto ao Ministério da Educação, sob a respaldo da Lei 12.244/2010 - que se refere a obtenção de acervos de livros para as escolas. Dessa forma, haverá bibliotecas e outros espaços de leitura, sejam eles fixos ou móveis.

Ainda no que tange à referida Lei, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, pelo Governo Federal, tem como objetivo promover o acesso à cultura e incentivar à leitura fazendo a distribuição de obras literárias às escolas, da educação básica, cadastras no Censo Escolar, conforme a Lei 12.244, sancionada em maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas escolas do país,

> Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (p. 1).

Compete, então, às instituições públicas de ensino requererem seus direitos em manter um acervo em suas unidades escolares, seja para renovar/aumentar o quantitativo de livros já existente, seja para iniciar cantinhos de leitura. Pois, a biblioteca é um espaço de cultura/leitura, e devemos propiciar a sua criação, a fim de oportunizar o contato do aluno com o mundo do livro.

De acordo com Fiorindo (2015)[6], é "imprescindível, a prática de leitura diária, de livros, de revistas, de jornais, de gibis" além de outros, ressaltando que ler bem, não quer dizer apenas a decodificação dos elementos linguísticos na superfície do texto, mas sim a compreensão que vai muito mais além. Nessa vertente, ressaltamos a importância do espaço de leitura, biblioteca escolar ou cantinho da leitura, na mediação do desenvolvimento da prática leitora.

Segundo uma pesquisa da Federação do Comércio do Rio de Janeiro, de 2014, de cada dez brasileiros, sete não leram um livro sequer no ano de 2013[7]. Já em 2016, dados revelados na quarta

[6]Jornal A Tarde, p. A7, 13 de julho de 2015.
[7]Reportagem sobre a pesquisa da Federação do Comércio do Rio de Janeiro sobre a prática de leitura pelos brasileiros. Disponível em http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html.

edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil[8], realizada pelo IBOPE por encomenda do Instituto Pró-Livro, afirma que houve pequena melhora nos índices de leitores no Brasil. Entre estes a pesquisa afirmou que "lê-se mais em casa (81%), depois na sala de aula (25%), e em bibliotecas (19%)". Bem como, entre os fatores que mais influenciam na escolha de um livro estão dicas de outras pessoas (11%) e dicas de professores (7%).

Diante do exposto, percebemos o quanto a escola e o professor podem intervir no quadro apresentado, desde que sejam incentivadores da leitura e proporcionem o contato dos alunos com espaços contributivos para a formação do aluno leitor. Nesse sentido, o espaço de leitura é um ambiente no qual o ato de ler acontece, podendo ser fixo ou móvel; quanto ao primeiro, pode ser o local concreto construído com o objetivo de guarda e consulta de livros - as bibliotecas públicas ou escolares, e as salas ou ambientes construídos para serem destinados à leitura, como foi feito na nossa escola, conforme as imagens a seguir, do espaço fixo de leitura:

Figura 7 - Espaço fixo de leitura

Fonte: Acervo pessoal

E, por espaço móvel de leitura, ou cantinho de leitura, uma estrutura construída para expor livros com o objetivo de fomentar a leitura, geralmente apresentam cores vibrantes e chamativas, que vão desde pequenas caixas confeccionadas com materiais mais simples, como papel ou emborrachado até madeira reaproveitada, como estrado - um objeto utilizado, geralmente, para empilhar e transportar materiais - além de pequenas estantes e prateleiras, entre outros. Uma característica peculiar do espaço móvel ou cantinho de leitura é a possibilidade ser colocado em locais diferentes, sempre que necessário, como podemos

[8]Reportagem sobre a quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em https://g1.globo.com/educacao/noticia/numero-de-leitores-no-brasil-sobe-6-entre-2011-e-2015-diz-pesquisa.ghtml.

verificar nos exemplos a seguir, destacando a **Figura 10**, que corresponde à arvore de leitura móvel, construída para a nossa escola:

Figura 8 – Porta livros em estrado de madeira

Fonte: Blog da professora Juce [9]

Figura 9 – Porta livros com material emborrachado

Fonte: Blog Cantar e Encantar[10]

Figura 10 – Árvore de leitura móvel em madeira com rodinhas

Fonte: Acervo pessoal

Portanto, há necessidade do contato dos alunos com esses espaços, na escola, para formação do leitor, possibilitando a vivência da leitura como um momento de aprendizagem criativa. De acordo com Santos (2015), a transformação e renovação da instituição educativa passa, imprescindivelmente, pelo contemplar do desenvolvimento da criatividade dos alunos, pois a educação escolar, historicamente, preocupou-se em desenvolver aspectos racionais do ser humano, e que novas formas de ensino e aprendizagem embasados na criatividade devem ser vivenciadas na escola.

Da mesma forma, concordamos com Wendell (2013) que a educação se faz por meio da transformação da escola num espaço criativo e cultural, quando teremos na sala de aula a

[9] *Blog* da professora Juce. Disponível em http://professorajuce.blogspot.com/2016/01/muitas-ideias-para-o-cantinho-da.html.

[10] *Blog* Cantar e Encantar. Disponível em http://eixodoleitorcrateus.blogspot.com/2017/01/sugestoes-para-o-cantinho-da-leitura.html.

presença de alunos-viajantes com passaportes carimbados com a criatividade e estando aptos a adentrar e permanecer no mundo da leitura.

2 O PASSAPORTE PARA O MUNDO DA LEITURA

Aqui, apresentamos o espaço, os sujeitos da pesquisa, a seleção do material e as etapas da proposta de intervenção, a fim de despertar no aluno o interesse pelo mundo da leitura, por meio da contação de histórias, fazendo uso da criatividade, em sala de aula e fora dela, contribuindo para a criação de um ambiente de interação afetiva e lúdica com as narrativas.

2.1 PASSEIO PELO REINO ENCANTADO: O ESPAÇO ESCOLHIDO

O espaço selecionado para aplicação da proposta foi o Colégio Estadual Césare Casali, onde leciono a disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, localizada no final de linha do Conjunto Pirajá 1, um bairro periférico da cidade de Salvador/BA.

Ressaltamos que Pirajá, um bairro histórico e importante dentro da trajetória da Independência da Bahia, está dividido em três partes: Pirajá Velho, Pirajá Novo e Conjunto Pirajá, e entre tais partes há muita rivalidade, havendo constantemente brigas entre as facções criminosas que lá existem, e esses fatos interferem diretamente no cotidiano da comunidade que mora ou frequenta o bairro, tornando o dia a dia dos alunos permeado de hostilidade.

Quanto à estrutura física, o colégio tem 14 salas de aulas, sendo 03 salas, no térreo, adaptadas com portas largas para cadeirantes, 10 salas no primeiro andar e uma sala no segundo andar. Possui também uma sala de diretoria, sala de professores, sala do desativado laboratório de informática, cozinha, sala do Programa Mais Educação, sala de secretaria, banheiros masculinos, femininos e um unissex adaptado a pessoas com deficiência. Há, também, uma sala de vídeo climatizada (com TV de 51’ e acesso à internet via cabo). A título de ilustração segue a imagem da sala de vídeo:

Figura 11 - Sala de vídeo

Fonte: Acervo pessoal

O pátio coberto é um espaço organizado com mesas e cadeiras no formato de refeitório; nele, encontramos uma variedade grande de textos confeccionados pelos alunos e um mural para avisos diversos. Há, também, um pátio descoberto, rampado nos declives, com três bancos de tamanho médio. Embora, no referido pátio tenha uma pequena cobertura, ela só tem a função de proteger os estudantes da chuva ao adentrarem na escola, conforme observamos a seguir:

Figura 12 - Pátio coberto e Pátio descoberto

Fonte: Acervo pessoal

O colégio funciona nos três turnos – matutino e vespertino, com turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e no noturno é ofertado o ensino na modalidade Educação Jovem Adulto – EJA.

2.2 OS ENCANTADORES PROTAGONISTAS: SELEÇÃO DE SUJEITOS

Os sujeitos selecionados para esta Proposta de Intervenção são alunos do 9º ano, do turno matutino, turma composta por 35 discentes, com idades ente 13 e 15 anos de idade, sendo 11 meninos e 24 meninas. De acordo com dados obtidos através da aplicação de um questionário (*cf.* **APÊNDICE 1**), verificamos que são todos pertencentes à zona urbana de uma área periférica da cidade Salvador–BA.

Ressaltamos que 90% do grupo reside no bairro, onde está situada a escola, e 10% nos bairros próximos. Ainda com relação à moradia, observamos que 30% dos estudantes vivem com a família tradicional formada por pai, mãe e irmão ou irmãos; e 50% do alunos vivem com tios, mãe ou pai.

No que diz respeito ao contato com a leitura, a maioria dos estudantes, 80%, afirmaram que não são leitores. Dentro dos 20%, autodeclarados como leitores, houve a informação de já

terem lido mais de 5 livros ao longo das suas vidas. No entanto, quando o assunto é já ter ido à biblioteca pública, 90% dos alunos nunca foram a esse espaço de cultura.

O referido fato corrobora com o objetivo aqui traçado, em uma das etapas da proposta de intervenção aplicada, de oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciar ações criativas, por meio do contato com espaços públicos ligados à cultura; e, paralelamente, criá-los na escola, visto que muitos alunos não possuem recursos econômicos para fazer o deslocamento para esses locais, bem como, alguns que não têm idade para fazê-lo sozinhos.

Sobre ouvir histórias em casa, somente 14% dos estudantes declararam que sim. Quanto a narrar histórias, após ler um livro, apenas 12% dos alunos disseram positivamente à questão. E sobre os contos de fada, verificamos que a totalidade da sala os conhece, conforme podemos verificar na tabela a seguir:

Tabela 1 - Informações sobre à visita à biblioteca e a contação de histórias

QUESTIONAMENTOS	SIM	NÃO
Você já leu livro (s)?	7	28
Você já foi a uma biblioteca pública?	3	32
Você costuma ou costumava ouvir histórias em sua casa	5	30
Você já contou uma história depois de ler um livro	4	31
Você conhece os contos de fadas?	35	0

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre a situação socioeconômica dos estudantes, conforme às respostas das questões 13 e 14 do referido questionário, é de baixa renda. As condições econômicas dos referidos alunos coadunam com dados do relatório do *Cenário da Infância e Adolescência no Brasil*, publicado em 2017, um documento que divulga um panorama da situação infantil no país com dados de fontes públicas, como as do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao afirmarem que cerca de 17 milhões de crianças brasileiras, até 14 anos, vivem em domicílios de baixa renda. E que o Norte e Nordeste são as regiões que apresentam as piores situações[11].

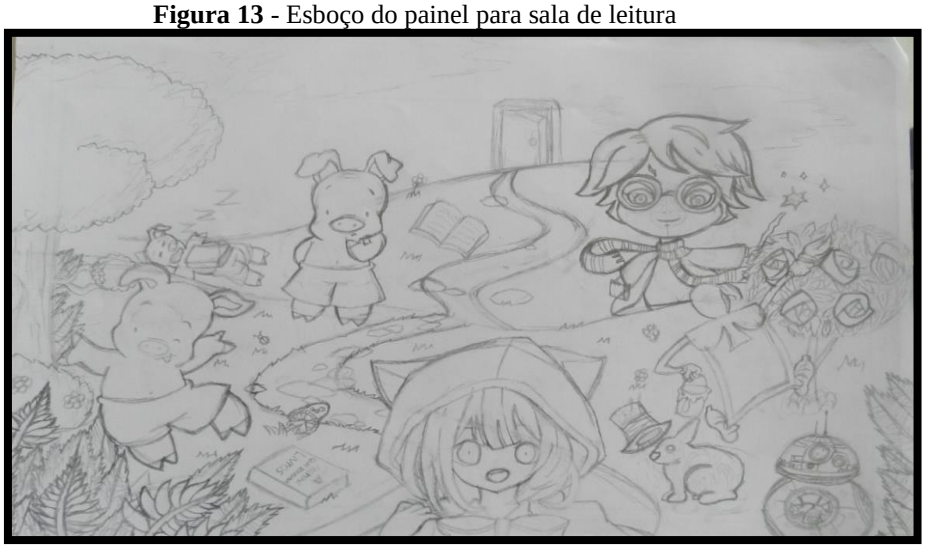
Outro fator importante diz respeito à frequência assídua da maioria dos alunos, com o perfil disciplinar condizente às suas idades, muita conversa e brincadeira, e com uma inclinação

[11] Informações obtidas no site da Agência Brasil < http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-03/estudo-mostra-que-40-das-criancas-de-0-14-anos-no-brasil-vivem-na > .Publicado em 21/03/2017.

perceptível às artes, conforme as respostas apresentadas na atividade 15 do mesmo questionário, em que os alunos tinham que completar a frase “meu maior desejo é”...

Ressaltamos uma das respostas de um aluno que seu maior desejo era ser reconhecido pelos seus desenhos. Diante do exposto, possibilitei que ele criasse um painel para a futura sala de leitura, sendo a ele explicado que as gerações vindouras poderiam visualizar sua obra, ele ficou muito feliz com a proposta e, no dia seguinte, entregou-me um esboço do que queria fazer, conforme visualizamos:

Figura 13 - Esboço do painel para sala de leitura



Fonte: Acervo pessoal

O diretor da escola foi informado da proposta de pintura na sala de leitura e acatou-a prontamente. A responsável pelo aluno foi chamada e autorizou a participação do educando na pintura do futuro painel. No recesso junino, foi entregue o material ao referido aluno para iniciar a obra. Outros alunos, que também gostam de desenho, envolveram-se na atividade, e unidas as suas habilidades, a atividade foi feita (*cf.* **APÊNDICE 2**).

2.3 COADJUVANTES NA AVENTURA: ESCOLHA DO MATERIAL

Em consonância com a realidade descrita, na qual a estrutura física da escola não contempla um espaço para a leitura, o foco da Proposta de Intervenção é o estímulo à leitura como uma prática eficaz, despertando o interesse do aluno por meio da contação de histórias. Para tanto, utilizamos as narrativas de *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT, 1985), *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2013), *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* (ROSA,

1992) e *Aline no Bosque Encantado* (MELO, SACRAMENTO e FIORINDO, 2017) livro e filme[12].

A escolha dos livros deu-se pela possibilidade de trabalharmos partindo do texto fonte para o texto estilizado. Em *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT, 1985), a possibilidade de apresentar um conto de fada em uma versão pouco conhecida e, sua estilização, *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* (ROSA, 1992), em que ocorre uma pequena alteração do texto, que não afeta o sentido do texto fonte (SANT´ANNA, 1991).

Uma abordagem acerca da leitura na qual envolvemos o uso da imaginação, da criatividade do lúdico e do afeto coadunam com os aspectos trazidos por Carroll (2013) em *Alice no País das Maravilhas*, pois, a busca pela saída do mundo enfadonho da protagonista aliam-se a esta proposta que busca o movimento, o contato com o novo mostrando aos alunos o mundo da leitura de livros e a contação de histórias como algo estimulante. E nesse contexto, o conto estilizado *Aline no Bosque Encantado* (MELO, FIORINDO e SACRAMENTO, 2017), tem como fonte a narrativa de Carroll (2013). No novo/velho enredo, estilizado, há a substituição da personagem branca por uma menina negra e, paralelamente, a presença de alimentos saudáveis.

Ressaltamos também que, nas **Etapas** propostas, utilizamos variados livros de contos de fada, papel ofício, papel metro, lápis comum e de cor, hidrocor, textos xerocopiados, imagens impressas, caixas de som, TV, *Notebook*, bem como materiais específicos para sensibilização e apresentações: como capuz vermelho, aventais em tecido colorido, tiras de fitas verdes, entre outros materiais.

2.4 UMA AVENTURA PEDAGÓGICA: A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Aqui apresentamos, detalhadamente, a proposta de intervenção, dividida em 45 aulas, nas quais utilizamos os referidos materiais, mencionados em 2.3. A seguir, descrevemos cada uma das **Etapas** que acontecerão e, posteriormente, noutra seção, detalharemos a execução das mesmas**.**

Etapa I - No mundo da imaginação...
Duração: 4 aulas

[12]*Link* do filme *Aline no Bosque Encantado*: https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM

Objetivo: proporcionar um contato inicial com a contação de histórias na sala de aula e estimular a imaginação através da vivência de emoções e da fantasia a partir da narrativa *Alice no País das Maravilhas*, bem como fazer a apresentação da proposta de intervenção.
Material: portas confeccionadas em papel metro, tatames coloridos, almofadas, desenhos de nuvens, crianças, livro imagético, em *pop-up*[13], de *Alice no País das Maravilhas*, entre outras imagens dispostas nas paredes.

No primeiro momento, serão distribuídos, na sala de aula, convites aos alunos com a mensagem "*Era uma vez* no mundo da imaginação...". No convite, os alunos serão orientados a dirigir-se à sala de vídeo arrumada com almofadas e tatames. Após passarem por duas portas, confeccionadas em papel metro pardo, sendo uma grande e outra pequena; os alunos serão recepcionados por uma contadora de histórias com música. Após acomodação, a contadora de histórias iniciará a narrativa da história *Alice no País das Maravilhas*.

Logo após, a contadora de histórias e a professora conduzirão uma atividade lúdica chamada "No meu mundo da imaginação tem..." cuja finalidade é estimular a fantasia, nela os alunos serão convidados a fechar os olhos e dizerem o que há no "mundo da imaginação" deles. Ao final, será aberta uma roda de conversa com a turma para falarmos sobre a atividade desenvolvida, e assim, em meio à conversa, será apresentada a proposta de intervenção.

Etapa II – Chapeuzinho Vermelho diferente
Duração: 4 aulas
Objetivo: apresentar a narrativa de *Chapeuzinho Vermelho* aos alunos
Material: livro *Chapeuzinho Vermelho*, lápis colorido, caixa decorada, 35 cartões coloridos, painel de floresta pintado em papel metro, *folders*, miniestante, uma caixa colorida, revestida com tecido vermelho e com desenhos de interrogações pretas. Os cartões estarão com frases relacionadas à história e com as pistas da referida narrativa – "*Era uma vez*..." (30 trinta cartões

[13] As palavras "pop up" significam "aparecer", e nos livros, é um recurso no qual as imagens surgem e dão a impressão de saltar das páginas quando abertas. Nele, os livros recebem uma dobradura de papel de forma que as imagens permaneçam rijas e voltadas para cima. Segundo Assad (2016), o livro em formato pop-up é um instrumento lúdico com grande potencial pedagógico e a interação entre ele e o leitor pode dar-se automaticamente, ao folhear o livro, pela forma tridimensional como se apresenta.

vermelhos); “Ela foi pela floresta” (3 cartões verdes); “Lobo mau” (1 cartão marrom); “Casa da vovó” (1 cartão branco).

Na segunda etapa, os alunos formarão grupos de 7 integrantes. Eles sentarão em seus respectivos grupos e, com os cartões em mãos, deverão escrever, na parte de trás, suas hipóteses acerca do que acontecerá na aula. A instrução inicialmente dada será escrever a primeira ideia que surgir após a leitura do cartão, e a segunda instrução, não permitir que os colegas dos outros grupos leiam.

Conforme mencionado, os cartões/pistas conduzem à narrativa a ser trabalhada, e à medida que os alunos ouvirem a leitura das hipóteses dos colegas, serão direcionados à ideia que acontecerá a escuta de uma história, a qual deverão descobrir. Após isso, numa conversa compartilhada, explicarei sobre a atividade e farei uma breve abordagem acerca das especificidades do referido conto, pois será contada a versão original de Perrault (1985) e os alunos apresentarão suas impressões sobre a atividade.

A surpresa final ficará por conta da inauguração do Cantinho de Fadas, na sala, composto por uma miniestante com rodinhas, um espaço itinerante criado para disponibilizar livros e *folders* com endereços de *sites* nos quais será possível encontrar contos de fada e outras histórias na *web*, bem como a possibilidade de levar para casa, como empréstimo, um exemplar do conto que eles ouviram.

Etapa III – Criatividade intertextual: sala de exposição

Duração: 4 aulas

Objetivo: reconhecer o conceito de intertextualidade em diversas manifestações artísticas.

Material: papel-metro branco, lápis de cera, hidrocor, lápis de cor em madeira, notebook, *pendrive*, TV, *banners* dos filmes *Minions*, *Piratas do Caribe, Shrek, Thor, A Era do Gelo 4, Mulher Maravilha*. Vídeo com propaganda parodiando o conto de fada *Os três porquinhos*, textos publicitários do Hortifrutigranjeiro parodiando filmes – Milhons, *Batatas do Caribe, Chuchurek, Thormate* e *A Era do Jiló 4*, *Marervilha*. Texto publicitário da *MonBijou*, uma imagem da obra de arte Monalisa.

Nesta etapa, a sala de aula será chamada de sala de exposição, com um cartaz na porta de entrada. Em um lado da sala, estarão expostos b*anners* com títulos dos filmes: *Auto da Compadecida, O menino maluquinho, À Espera de um Milagre, Minions, Mulher Maravilha, Piratas do Caribe, Shrek, Thor, A Era do Gelo 4* e a imagem do quadro da Monalisa. E, do outro lado da sala, estarão expostos outros *banners* compostos por imagens parodiadas da Campanha Publicitária de uma rede de vendas de produtos hortifrutigranjeiros – *Aipo da*

Compadecida, O pepino maluquinho, À Espera do Alface, Milhons, Marervilha, Batatas do Caribe, Chuchurek, Thormate e *A Era do Jiló 4* além da imagem do quadro da *MonBijou*, produto cujo personagem da propaganda parodia a Monalisa.

Após as visualizações, todos sentarão em círculo e será solicitado que cada aluno diga uma palavra sobre os cartazes vistos, sendo seguido pelo colega que repetirá a palavra escolhida pelo anterior e dirá uma nova palavra e, assim, sucessivamente.

Em seguida, os alunos assistirão ao trecho de uma propaganda em vídeo[14] de uma agência prestadora de serviços que faz intertextualidade com a história dos *Três Porquinhos*. A partir das exposições vistas, os alunos serão divididos em 7 grupos e, sob a supervisão das professoras de Artes e Língua Portuguesa, serão convidados a criar marcadores de livros, com novos títulos a partir das observações da sala de exposição.

Etapa IV - Fita Verde no cabelo: (re)conhecendo um conto estilizado

Duração: 4 aulas

Objetivo: apresentar a estilização de narrativas através da criatividade, considerando as emoções despertadas com a leitura do conto e no cotidiano dos alunos.

Material: livro *Fita Verde no Cabelo: nova/velha estória* (ROSA, 1992) e pedaços de fita na cor verde.

Nesta etapa, ao entrarem na sala, os alunos já encontrarão as cadeiras dispostas em semicírculo e fitas verdes espalhadas pela sala. Iniciarei, levantando hipóteses do porquê da fita verde estar na sala. Em seguida, perguntarei oralmente aos alunos:

1) O que vocês acham que vão encontrar neste texto? Paralelamente, mostrarei a capa do livro, fazendo movimentos circulares pela sala.
2) Sobre o que trata a história?
3) Vamos olhar as imagens. Elas nos dizem o quê?

Os alunos receberão o conto “Fita Verde no Cabelo: nova/velha estória”, que será lido em voz alta pelos grupos, já formados nas etapas anteriores. Em seguida, abordarei sobre estilização a partir do texto fonte (SANT’ANNA, 1991) e explicarei sobre as possíveis dúvidas semânticas. Paralelamente, será realizada uma discussão sobre “o amadurecer”, a mudança de fases na vida da personagem principal.

Etapa V - Mosaico com *Aline no Bosque Encantado*...

[14] *Link* referente a propaganda em vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=X2vnz5L3bTU.

Duração: 4 aulas

Objetivo: despertar no aluno o senso crítico da leitura através do contato com o conto estilizado.

Material: filme de *Aline no Bosque Encantado* (MELO, FIORINDO e SACRAMENTO, 2017), TV, *notebook*, caixa de som, tinta guache em variadas cores, pincéis, copos plásticos e pequenas telas em tecido.

Nesta etapa, os alunos serão direcionados à sala de vídeo, depois serão informados que debaixo de algumas cadeiras há cartões com frases que deverão ser completadas para terem sentido. As referidas frases serão relativas ao conto que será trabalhado. Após o compartilhamento das frases completas, será exibido o vídeo e contarei a história de *Aline no Bosque Encantado*.

No filme curto do conto estilizado *Aline no Bosque Encantado*[15], criado a partir do texto matriz de *Alice no País das Maravilhas*, há alterações mínimas com relação ao conto original, por exemplo, a substituição das guloseimas do conto original por alimentos saudáveis e a substituição da personagem Alice branca por Aline negra, e adaptação ao contexto do Recôncavo da Bahia, a fim de aproximar os aprendizes ao contexto real de ensino.

Num segundo momento, numa roda de conversa, aproveitaremos para refletir sobre o conto original, e exaltar a ideia principal do conto estilizado - inclusão de alimentos saudáveis, considerando o contexto da população afrodescendente à miscigenação brasileira. Ao final, os alunos pintarão pequenas telas e formarão um mosaico sobre o vídeo assistido.

Etapa VI – Reconhecendo os elementos da narrativa

Duração: 2 aulas

Objetivo: reconhecer os cinco elementos da narrativa (GANCHO, 1991).

Material: cópias xerografadas do conto estilizado *Aline no Bosque Encantado*, livros *Contos de Fadas Contemporâneos*, cola, lápis de cor, mural em isopor forrado com tecido.

Inicialmente, apresentarei os cinco elementos da narrativa (GANCHO, 1991) e entregarei, para cada grupo, uma folha recortada e embaralhada para que os alunos montem a sequência correta do conto estilizado – *Aline no Bosque Encantado*.

Logo após, um representante de cada grupo lerá para o restante da turma a sequência e a identificação de cada elemento da narrativa feita pelo grupo. Depois, lerei o texto original para comparação e possíveis correções. Os elementos encontrados nos textos serão expostos

[15] A referida produção fílmica faz parte do Projeto *Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo*, que acontece no Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB), coordenado pela Prof.ª Drª. Priscila Peixinho Fiorindo. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM.

num mural previamente confeccionado. Ao final, os alunos serão informados que existem outros contos no livro *Contos de Fadas Contemporâneos*, que estarão à disposição para empréstimo no Cantinho de Fadas.

Etapa VII - Protagonistas no mundo da imaginação

Objetivo: Estimular a criatividade e incentivar a leitura através da experiência de contar histórias, principalmente os contos de fada.

Material: livros variados de contos de fada, tapete, autorizações dos responsáveis, perucas, maquiagens, roupas coloridas em material sintético, chapéu de palha enfeitado, almofadas, autorização dos responsáveis, aventais coloridos, *slides*, *TV* e *notebook.*

Esta etapa está dividia em dois momentos, ensaio da contação de histórias pelos alunos da turma; e depois, a efetiva contação de histórias para alunos do 4º e 5º anos, turma de aceleração, da Escola Municipal General *Labatut* - classe do Programa Acelera, o qual agrega alunos dos 3º, 4º e 5º anos Ensino Fundamental I, em defasagem idade/série.

Momento 1 – Conhecendo técnicas básicas de contação de histórias

Duração: 2 aulas

Ao entrarem na sala, os alunos encontrarão a professora com avental colorido, sentada sob um tapete feito em tecido colorido, acompanhada por variados livros de contos de fada. Eles serão convidados a sentar em meio aos livros para manuseá-los. Depois, será lançado o convite para que os grupos visitem a Escola Municipal General *Labatut*, para uma sessão de contação de histórias.

Depois, aos alunos, serão passadas técnicas para contação de histórias por meio de *slides*, lembrando-os sempre de conservarem a espontaneidade, deixando seus corações falarem para cativar futuros ouvintes para que eles queiram ouvir novamente.

Os *slides* a serem exibidos conterão as seguintes técnicas:

1. Iniciar com uma música ou com um aquecimento de mãos, olhos, ouvidos e bocas.
2. Escolher uma história já lida, dentre as que vocês gostem muito e desejem contar.
3. Ler e reler a história muitas vezes.
4. Pensar na melhor forma de apresentar essa história, lembrando de todos os elementos constituintes da narrativa.
5. Modificar a voz para o narrador e para as personagens da história.
6. Exercitar a concentração.
7. Cuidar da postura, mas mexer o corpo livremente.
8. Contar para o espelho, antes de contar para o público.

9. Usar os olhos na hora de contar, olhar para todos os presentes.
10. Finalizar com uma frase que simbolize o término, por exemplo, “E assim, a história chega ao fim...”

Os alunos deverão levar para casa os livros escolhidos para ler e ensaiar e uma cópia digitada com as respectivas técnicas. Na segunda aula programada para este primeiro momento da atividade, os alunos contarão as histórias para os demais membros dos seus grupos. E assim, decidirão, entre eles, qual/quais membro(s) do grupo fará/farão a contação de história na escola vizinha. Em sequência, escolherão os acessórios e vestimentas, deixando tudo organizado para o dia seguinte.

Ressaltamos que, embora sejam muito próximas as escolas, os alunos são menores e deverão levar as autorizações para saída da escola, assinadas pelos responsáveis.

Momento 2 – Alunos/contadores em ação

Duração: 4 aulas

Desse modo, munidos com as referidas autorizações, previamente assinadas, os alunos/contadores serão levados para a Escola Municipal onde farão suas apresentações. Ao final, será feita uma roda de conversa para avaliar a experiência.

Etapa VIII – Mediação cultural: visita à Biblioteca Central dos Barris

Duração: 7 aulas

Objetivo: oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciar ações criativas, através de momentos de descoberta pelo contato com espaços públicos ligados à cultura.

Material: TV, *slides*, ônibus, autorizações escritas dos responsáveis, figurino, maquiagens, entre outros.

Esta atividade seguirá o ponto de vista educacional e formativo de Wendell (2013) sobre Mediação Cultural, cuja metodologia é dividida em três etapas – antes, durante e depois do encontro do público com o produto cultural. Os alunos serão convidados a visitar a Biblioteca Central dos Barris.

Serão exibidos, num primeiro momento, *slides* contendo informações sobre a biblioteca, e seus espaços afins, conforme descrito a seguir:

1) Onde está situada a BIBLIOTECA? Centro da cidade, Barris, próxima à Estação Lapa (principal estação de ônibus da cidade), de *Shoppings* populares, e à Avenida Sete de Setembro (um local que abriga um centro de comércio popular de Salvador - BA). Ressaltamos a importância de citar tais locais, pois tratam de lugares frequentados por

grande parte da classe trabalhadora, mostrando, assim, que o espaço biblioteca pode e deve ser acessado por todos. Depois, apresentarei outros aspectos para a visita à Biblioteca, enumerados a seguir:

2) Como se comportar? Trazer neste momento as questões sobre o fazer silêncio, mas também sobre ficar à vontade num espaço público e gratuito, recheado de oportunidades para diversão e conhecimento;
3) O que vão encontrar? Um acervo de mais de 120 mil livros, um teatro, dois cinemas, um espaço verde para bate-papo - do lado de fora, uma sala de exposição artística.
4) Qual livro você espera encontrar na Biblioteca? As referidas respostas serão dadas pelos alunos.

Logo após apresentação dos *slides*, serão distribuídas as autorizações aos responsáveis, que deverão voltar devidamente assinadas no dia seguinte, quando os alunos embarcarão num ônibus cedido pela direção da escola, e seguiremos rumo ao centro da cidade, à Biblioteca Central dos Barris. Após visitação guiada pela biblioteca e seu acervo, visitaremos todo o complexo que é composto por salas de cinema, teatro, sala de exposição. Depois, todos serão direcionados ao espaço externo, onde faremos os comentários sobre a experiência vivenciada.

Etapa IX – Criação e contação de narrativas estilizadas

Duração: 6 aulas

Objetivo: estimular no aluno o seu potencial cognitivo e criativo através da criação de narrativas estilizadas.

Material: papel ofício, lápis, caneta, mural de papel metro, narrativas de *Fita Verde no Cabelo: nova/velha estória* – e de *Aline no Bosque Encantado*.

No início desta etapa, haverá uma revisão sobre o conceito de estilização (SANT'ANNA 1991) e uma conversa informal sobre as histórias lidas e contadas: *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT, 1985), *Fita Verde no Cabelo: nova/velha estória* ROSA, 1992), *Alice no País das Maravilhas* (GPLPI/UNEB, 2017) e *Aline no Bosque Encantado* (MELO, FIORINDO E SACRAMENTO, 2017). No momento seguinte, cada grupo estilizará a história de *Chapeuzinho Vermelho* ou *Alice no País das Maravilhas*.

Para tanto, deixarei à disposição as estilizações já trabalhadas, para que façam uma releitura e, assim, iniciem suas próprias estilizações. Em seguida, será feita uma leitura para a turma, na qual, identificarei os elementos da narrativa, bem como os elementos intertextuais utilizados pelos alunos. Após a criação coletiva das histórias estilizadas, cada grupo fará uma

sessão de contação de história com a narrativas escolhidas entre todas as que foram criadas pelos integrantes de cada grupo.

Ao final, será revelada a proposta do “Sarau Histórias mudam histórias...” quando reuniremos moradores e a comunidade escolar para escuta das narrativas autorais; dessa vez, no espaço comunitário da Associação de Moradores do Conjunto Pirajá 1, um espaço amplo, com palco, cuja sede fica atrás da escola.

Etapa X – Sarau histórias mudam histórias...

Duração: 4 aulas

Objetivo: oportunizar aos alunos momentos para partilhar as experiências obtidas durante as atividades realizadas, bem como desenvolver no aluno o seu potencial criativo através da contação de histórias.

Material: voz e violão, contadora de histórias, imagens, balões coloridos, almofadas, tapetes, microfone, figurino, maquiagens, instrumentos musicais, entre outros.

Após distribuição de convites para escolas vizinhas, creche, familiares e comunidade escolar, acontecerá o Sarau. A plateia será sensibilizada com uma contadora de histórias e um músico – voz e violão. Depois, explicaremos o objetivo da atividade, e um representante de cada grupo contará a história autoral estilizada.

Nesta etapa, também, haverá um momento de socialização dos trabalhos realizados pelos alunos, em que eles avaliarão a construção de seus conhecimentos durante as atividades da proposta de intervenção. Será mostrado um pequeno vídeo com uma sequência de fotos da trajetória, desde a primeira atividade até as apresentações dos contos produzidos por eles. Nesse momento, será aberto um espaço para comentários sobre o quantitativo de livros vistos ou vídeos assistidos, desde o início dos trabalhos, além da verbalização do que foi mais significativo para os alunos envolvidos, os quais apresentarão o que mudou na vida escolar, familiar e social, após a experiência de contação de histórias e acesso aos contos de fada e às narrativas estilizadas.

3 UMA HISTÓRIA CONSTRUINDO MUITAS OUTRAS HISTÓRIAS...

> Um passo de coragem para integrar corações. Passeamos com força e fé para transformar.
>
> Ney Wendell

Nesta seção, analisamos e relatamos a proposta de intervenção, anteriormente apresentada, aqui já aplicada, cujo foco é formar leitores, partindo da contação de histórias. Todas as etapas desenvolvidas, durante as aulas, estão relacionadas à arte de contar e de ouvir história com suas peculiaridades, a fim de estimular a produção de novos enredos cocriativos e colaborativos, ressaltando sobre a visita aos espaços de cultura.

Durante a Etapa I, os alunos tiveram a primeira aproximação com uma contadora de histórias, esta lhes apresentou a narrativa de *Alice no País das Maravilhas* (CARROL, 2013); em sequência, tivemos a Etapa II com a contação da história *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT,1985) uma versão pouco conhecida, com um final diferente da popularmente eternizada pelos Irmãos Grimm[16] - na qual a Chapeuzinho e a Vovó são ajudadas por um Caçador, já na versão trabalhada em sala neta e avó morrem. Bem como, neste dia, houve a inauguração do Cantinho de Fadas ou Cantinho de Leitura - uma miniestante com rodinhas e abastecida com livros dispostos para empréstimos a todos na escola (*cf.* **APÊNDICE 3**).

Na Etapa III, os alunos foram apresentados ao conceito de intertextualidade, pois, nas duas etapas seguintes (IV e V) trabalharam com a estilização, assim, fez-se necessário o entendimento sobre a relação entre textos para ser um facilitador na compreensão de um texto estilizado. Na Etapa VI, foi-lhes apresentados os elementos que compõem uma narrativa (GANCHO , 1991), para assim, apoiá-los em suas futuras construções textuais que aconteceram em etapas finais. A mais longa das etapas foi a VII, nela, os alunos conheceram as técnicas de contação de histórias e fizeram apresentações na sala, para os colegas, e fora da escola.

Já na Etapa VIII, aconteceu outra atividade para além dos muros escolares, uma visita ao Complexo Cultural dos Barris, formado pelo Espaço Xisto Bahia**,** as Salas Alexandre Robatto e Walter da Silveira, a Galeria Pierre Verger e, principalmente, a Biblioteca Pública do Estado da Bahia, popularmente chamada de Biblioteca Central dos Barris. Na Etapa IX, aconteceu a produção das estilizações dos alunos, todas baseadas em textos contidos no

---

[16] Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, os irmãos Grimm dedicaram-se à literatura e escreveram versões dos contos fantásticos. Disponível em https://www.infoescola.com/biografias/irmaos-grimm/.

Cantinho de Fadas. O fechamento das Etapas deu-se na X, com o Sarau Histórias mudam Histórias, no qual os aprendizes eram os protagonistas do evento.

Tais atividades tiveram por finalidade fazer os alunos "navegarem" pelo mundo da leitura através do contato com espaços de cultura e com os livros, principalmente os contos de fada clássico e estilizado, socializados no Cantinho de Fadas. A seguir, descrevemos cada uma das **Etapas** que aconteceram**.**

3.1 NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO... **ETAPA I**

O trabalho começou no dia anterior à execução da **Etapa I**, propriamente dita, pois, na véspera, os alunos receberam convites que foram distribuídos, com a mensagem "Era uma vez no mundo da imaginação...". No convite, os alunos foram orientados a dirigir-se à sala de vídeo que já estava arrumada em semicírculo, com tapete e tatames, painel de floresta e personagens da história a ser contada, *Alice no País das Maravilhas*.

A atividade estava marcada para iniciar às 09h00. No entanto, alguns minutos antes desse horário, os alunos já estavam ansiosos no corredor de acesso à sala de vídeo, curiosos para descobrir o que estava por acontecer e, também, por já estarem avistando a porta confeccionada em papel metro pardo colada no lugar da porta original. Após passarem pela porta de papel, os alunos encontraram uma sala preparada com uma música *Senta que lá vem história*[17], da autoria de Marcelo Serralva, com um ritmo animado, e também, foram recepcionados por uma contadora de histórias trajando uma imensa saia colorida, que chamou atenção pelo tamanho e pelas cores. Para ilustrar a sequência dos fatos, seguem as figuras:

[17]*Link* da música: http://contarhistoriascommusica.com.br/senta-que-la-vem-historia-musica-para-o-inicio-da-contacao/.

Figura 14 - Convites: “Era uma vez ...” no mundo da imaginação!

Fonte: Acervo pessoal

Figura 15 - Alunos ansiosos por passar na porta de papel

Fonte: Acervo pessoal

Figura 16 – Sala para contação de histórias

Fonte: Acervo pessoal

Figura 17 – “Era uma vez...”

Fonte: Acervo pessoal

Após acomodação, a contadora de história conduziu uma atividade lúdica chamada “No meu mundo da imaginação tem...”, - programada para ser feita depois da contação, mas a contadora sugeriu que a utilizássemos como sensibilização - cuja finalidade foi estimular a imaginação e, nela, os alunos foram convidados a fechar os olhos, pensar, e, depois, dizer o que há no “mundo da imaginação” deles, conforme visualizamos a seguir:

> **Aluna A:** “Quando eu era pequena, tipo uns seis anos, eu tinha muitos amigos imaginários, minha mãe diz que eu até hoje eu fico voando, e eu acho que fico, principalmente quando leio”.
> **Aluno B:** “Quando eu ouço uma música, me imagino nela”.
> **Aluno C:** “Eu não sei o que tem no mundo da minha imaginação, mas eu sempre brinco quando vejo uma sinaleira que eu tenho poderes mágicos, e que, ela vai ficar da cor que eu quiser com um sopro”.
> **Aluna D:** “Eu sempre sonho voando, porque sempre me imagino voando”.
> **Aluna E:** “Eu sempre imagino que se eu for ‘no’ quintal, ‘de’ noite, alguma coisa vai me pegar”.

Durante a interação dos alunos com a contadora, houve muitos que falaram, poucos foram tímidos e mantiveram-se calados. As falas foram diversas, e não foi constatado nenhum exemplo que remetesse à ligação de uma imaginação associada à escuta de histórias quando crianças, e somente uma aluna associou a imaginação à leitura.

Em seguida, a contadora de histórias, começou a dar características da personagem "Alice", e falou da imaginação da personagem no país das maravilhas. Explicou aos alunos que o primeiro título dado ao livro por Lewis Carroll foi *Alice debaixo da terra*, e nesse momento, uma aluna levantou a mão e disse que aquele era um título melhor que no país das maravilhas. Novamente, outra aluna a interrompeu e falou sobre achar ser mais interessante ter aventuras debaixo da água, como as de *A Pequena Sereia*[18].

A contadora respondeu atenciosamente às colocações das alunas. A respeito da primeira colocação, lançou uma pergunta à aluna sobre o que ela achava mais interessante, receber um convite para, através da imaginação, vivenciar uma aventura no país das maravilhas ou seria mais interessante um convite para uma aventura "debaixo" da terra? Nesse momento, um aluno gritou que estar debaixo da terra é estar morto, "estar no caixão", todos riram. Por fim, a aluna disse que, pensando assim, como o colega, talvez fosse melhor deixar no país das maravilhas mesmo. A contadora explicou que os títulos precisam aguçar a nossa vontade de estar naquele mundo que a história nos traz.

Quanto à outra aluna, a contadora perguntou se ela conhecia a história de Ariel, nome da personagem da história *A Pequena Sereia*, e a aluna respondeu que sim. Então, a contadora disse-lhe que a personagem Pequena Sereia sempre quis viver aventuras na terra, assim como Alice, a personagem da história que ela iria contar.

Foi importante, naquele exato momento, a contadora inverter a ordem da atividade, pois conforme Wendell (2016), ela utilizou elementos para desenvolver a integração desde o falar com amorosidade, ouvir com respeito, expressar com criatividade até o valorizar a presença dos alunos, produzindo a integração afetiva do grupo.

Depois, pediu que todos ficassem de olhos, ouvidos e corações atentos à história. Então, retirou, da ponta de sua longa saia colorida, o livro imagético, e iniciou a narrativa do conto *Alice no País das Maravilhas*. E mesmo sendo uma turma grande e agitada, no momento da história os alunos ficaram atentos.

---

[18] *A Pequena Sereia* conta a história de uma princesa sereia que deseja se tornar humana. A história ficou popularmente conhecida por se tornar um filme de sucesso dos Estúdios *Disney*, e foi baseado no conto homônimo do escritor *Hans Christian Andersen*. Disponível em http://www.oficialhostgeek.com.br/tag/the-little-mermaid/.

A professora de Língua Portuguesa, Rita de Cássia, que foi assistir à apresentação da contadora, confessou, ao final, que, durante a atividade, ficou encantada com o momento em que o livro aparece “magicamente” de debaixo da ponta da saia, pois mesmo quando a contadora estava em pé, teve cuidado para não mostrar o livro, isso só foi possível, devido à saia ser bastante comprida. Essa constatação de encantamento, também pode ser percebida nos alunos. Para ilustrar, segue imagem do referido momento:

Figura 18 – Um momento mágico

Fonte: Acervo pessoal

Nesse momento, as atenções estão todas na contadora, que encanta a plateia de alunos e professoras com o *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2012), no livro imagético (GPPLPI/UNEB, 2017), conforme observamos:

Figura 19 - Início da contação de histórias

Fonte: Acervo pessoal

Ao final, foi aberta uma roda de conversa com a turma para falarmos sobre as impressões da história. A maioria dos comentários giraram em torno do “Gostei! ”; ou observações sobre

os personagens, como Gato *Cheshire,* o Chapeleiro, a Rainha de Copas e os soldados. As opiniões variaram bastante, mas uma sinalização foi evidenciada com frequência, eles associaram a atividade lúdica anterior, que trabalhou com a importância da imaginação, com o conto de *Alice no País das Maravilhas*. Seguem alguns comentários para exemplificar:

> **Aluno F:** "Ó professora, eu gostei, já sabia da história de Alice, já assisti filmes, mas só que eu não sabia que era um livro, pensei que era diretamente um filme, aí, hoje, eu achei interessante saber que é um livro. "
> **Aluna G:** "Quando você assiste ou lê essas coisas de mundos 'sobrerreais' você cria uma imaginação que você perdeu, ou que você não lembrava que tem. É 'tipo' uma esperança de achar o perdido (referindo-se à imaginação). "
> **Aluna H:** "Eu gostei de Alice por vários motivos, como essa coisa de mundo diferente, e achei interessante o que R. falou (Aluna G), porque quando a gente cresce perde mesmo a imaginação. E eu gosto de imaginar as coisas, e com a história, eu lembrei do filme do *Pequeno Príncipe* que ele 'sai fora' do mundo real. E é isso que chama atenção."

Aproveitando as observações feitas pelos alunos, explanei rapidamente sobre os suportes livros e filmes, e acerca, principalmente, do que a aluna chamou "sobrerreais". Aproveitei o neologismo criado, e expliquei-lhes o conceito do *nonsense,* do que aparentemente é sem nexo nos elementos fantasiosos e imaginários, mas que ao mergulharmos na história, nós, os leitores, percebemos o sentido. Ressaltamos que uma minoria de alunos não participou da interação. Aqui, houve uma aluna que disse não ter se identificado com a história, mas quando solicitado que explicasse o motivo ela disse:

> **Aluna I:** "Olhe professora, eu até gosto de sair da realidade, mas nunca gostei dessa história. Eu até tenho uma imaginação muito fértil, quando eu vejo um filme ou uma série, eu sonho e me imagino nela, aí eu gosto, mas com Alice eu não me identifiquei, na verdade, hoje, com a 'pró' contando, eu até entendi a história e gostei um pouquinho.

Nesse momento de fala da aluna, comprovamos como afirma Fiorindo: "somente gostamos do que conhecemos, e do que conhecemos muito bem" (2015, p. A7). Ao assistir ou ler o livro, a aluna não deixou claro como teve acesso à história; percebemos, pela sua fala, que não entendeu a história, e, talvez, por isso tenha afirmado não gostar da narrativa. E, ao dizer depois que, "com a 'pró' contando, eu até entendi a história" e, em seguida, fazer outra afirmativa, mesmo que numa proporção diminutiva, "gostei um pouquinho", mostra que ao compreender a história começa a encontrar motivos para gostar da mesma.

Para finalizar a etapa, foi apresentada a proposta de intervenção recebida com grande entusiasmo pelos alunos; em seguida, foram servidos os bolinhos, pois eles perderam o

momento do lanche da escola, já que a execução da etapa ultrapassou o intervalo. Nessa etapa, os alunos ficaram envolvidos e felizes com a proposta apresentada.

3.2 CHAPEUZINHO VERMELHO DIFERENTE - **ETAPA II**

Iniciei a etapa convidando os alunos a sentarem em grupos de 7, no máximo. Depois de acomodados, foi feita a entrega dos cartões coloridos com as pistas sobre o que seria feito naquela aula. A eles, foram dadas duas orientações: a primeira, que escrevessem a primeira ideia que surgiu após a leitura dos cartões; e a segunda foi não permitir que os colegas dos demais grupos vissem, conforme observamos:

Figura 20 – Sensibilização em grupo

Fonte: Acervo pessoal

As frases colocadas nos cartões estavam relacionadas à história a ser contada, *Chapeuzinho Vermelho*. Inicialmente, por haver muitos cartões com a frase “Era uma vez...”, expressão utilizada nas histórias infantis, quando os alunos a liam, surgiam hipóteses que variavam entre “vamos ouvir uma história” e “vamos ler um conto de fada”. E como o esperado, à medida que os grupos liam as demais hipóteses, os alunos dos outros grupos se agitavam. Alguns diziam já saber do que se tratava, mas a todo momento foi pedido que somente o grupo indicado, que estava com a palavra, falasse.

Propositalmente, os cartões: “Ela foi pela floresta...”, “Lobo mau...” e “Casa da vovó” foram entregues ao último grupo, pois, referiam-se às pistas que davam a certeza de tratar-se do conto a ser trabalhado. Após a leitura dessas pistas, todos falavam quase simultaneamente que era a história de *Chapeuzinho Vermelho*, o que só confirma o resultado do questionário aplicado anteriormente, no qual toda a sala afirmou conhecer os contos de fada.

Após a confirmação da história a ser contada - *Chapeuzinho Vermelho*, pedi que virassem as cadeiras para frente, coloquei um capuz vermelho e iniciei a contação da história.

Depois da contação, foi feita uma breve abordagem sobre a narrativa, expliquei que o referido conto de fada teve origem na oralidade, e *Perrault* foi quem coletou a referida narrativa. Foi feito um breve relato sobre a época do referido autor, assim como o papel dele como iniciador da Literatura Infantil, e de como as crianças eram vistas como miniaturas dos adultos. Em seguida, foi perguntado sobre quem conhecia o conto ouvido, na versão do escritor francês, mas ninguém conhecia o conto na citada versão, e sim, na versão dos Irmãos Grimm. Essa referência aos Irmãos Grimm foi um gancho para que eu pudesse abordar a questão das versões, informei aos alunos que os referidos autores publicaram contos que correram o mundo, mas deles retiraram as partes relacionadas à violência ou maldade, principalmente quando as crianças eram o alvo (COELHO, 2012).

Ao final da história, foi solicitado que os alunos falassem sobre suas impressões na atividade, o que a maioria disse foi que gostou muito de ouvir a história. Ao mesmo tempo, os alunos abordaram sobre o desconhecimento da versão contada, e também, o fato de não conhecerem o referido autor francês. Dialogamos que as histórias têm a função de nos divertir, perpetuar a cultura dos povos e nos fazer refletir.

Neste momento, falei de forma breve sobre o conto de fada ser uma obra imaginária que tenta representar um “mundo ideal”, no qual os seres humanos são representados com seus defeitos e qualidades, e que nada nesse mundo imaginário está regido por leis mundo real, mas por mágica (CHESTERTON, 2008).

Ao final, a miniestante móvel e com rodinhas, em formato de árvore, cujos frutos são livros, que estava encoberta ao canto da sala, foi descoberta e o Cantinho das Fadas foi inaugurado. Naquele momento, foi à sensação da sala, pois muitos alunos tiraram fotos com a estante, assim como teceram muitos elogios à sua beleza. Foi-lhes explicado sobre o objetivo dela, e que ela nos acompanharia em todas as aulas, com livros para serem emprestados, assim como, exemplares do conto apresentado em sala, conforme visualizamos:

Figura 21 - Cantinho de Fadas

Fonte: Acervo pessoal

Dessa forma, os alunos ficaram entusiasmados com a novidade apresentada, a estante móvel enquanto espaço de leitura, na medida em que pegavam os livros e folheavam, demonstravam e comentavam o encantamento.

3.3 CRIATIVIDADE INTERTEXTUAL: SALA DE EXPOSIÇÃO – **ETAPA III**

No início da **Etapa III**, fui buscar os alunos no pátio da escola, que estavam agitados, e fiz uma grande roda e lhes informei que iríamos a uma exposição. Um dos alunos perguntou se iríamos passear, no que eu lhe respondi que a exposição tinha vindo até eles. E, em resposta a minha colocação, ouvi um deles dizer: "*Tá* legal essa surpresa nas aulas, professora!", o que corrobora com a afirmação de Amaral (2004) que, quando alimentamos o lúdico na criança, possibilitamos o desenvolvimento do seu imaginário.

Em seguida, houve muita conversa até a chegada do espaço. Dei-lhes as boas-vindas à sala de exposição e solicitei que entrassem. Eles foram orientados a olhar à vontade e, depois, sentarem-se em uma das cadeiras dispostas ao centro da sala, conforme visualizamos:

Figura 22 - Sala de Exposição

Fonte: Acervo pessoal

Figura 23 - Cartazes na Sala de exposição

Fonte: Acervo pessoal

As primeiras imagens eram cartazes replicados de originais, dispostos em fileiras até a imagem da Monalisa, ao canto da fila, sendo seguido pela imagem da campanha publicitária que parodia a citada obra, e as demais imagens eram todas relativas aos cartazes vistos no primeiro momento. Ao entrar, os alunos comentavam sobre já terem visto ou não os filmes cujos títulos estavam expostos. Em alguns cartazes, simplesmente passavam e em outros observavam mais tempo, apontando e comentado com o colega ao lado.

Contudo, o que mais lhes chamou à atenção, e o mais interessante de observar, foi o contato deles com as imagens e textos parodiados relativos a desenhos e filmes que veicularam há pouco tempo, eles riram muito, e chegaram a fazer uma aglomeração à frente desses cartazes, conforme observamos:

Figura 24 - Alunos durante a exposição

Fonte: Acervo pessoal

Logo após, solicitei que cada um dissesse uma palavra sobre as imagens em exposição, sendo seguido pelo colega que repetia as palavras ditas e falava uma nova. Foi um momento de muita descontração. Todos queriam falar ao mesmo tempo; então, pedi que eles dissessem, em uma primeira rodada, uma palavra, e só depois comecei a dinâmica. Pois assim, eles conseguiram ouvir a palavra do colega com mais atenção, conforme visualizamos a seguir:

Figura 25 - Alunos no momento da dinâmica

Fonte: Acervo pessoal

Houve muitas repetições e as palavras produzidas correspondiam às imagens expostas, não sendo pertinente fazermos aqui a exposição de todas elas; então, seis palavras correspondentes às leituras dos alunos foram selecionadas, conforme a tabela:

Tabela 2 – Respostas dos alunos

Aluno A: filmes	**Aluno B:** criatividade	**Aluno C:** legal
Aluno D: divertido	**Aluno E:** interessante	**Aluno F:** participação

Fonte: Elaborada pela autora

Em seguida, foi perguntado aos alunos sobre a imagem cujo título utilizado, À *espera de uma alface*, faz referência ao filme *À espera de um milagre* (1999), criado muitos anos antes do nascimento dos alunos, e por esse motivo seria possível que a maioria deles não o conhecesse. Quase todos os alunos disseram que não entenderam, exceto dois deles:

Aluno A: "Eu já assisti *À espera de um milagre*. "

Aluna B: "Eu vi o cartaz com o filme lá no começo, aí entendi".

A partir das falas dos alunos, pude explanar sobre o princípio do conceito de intertextualidade, que somente acontece tendo como ponto de partida um texto pertencente ao acervo do leitor (MARCUSCHI, 2014). Nesse sentido, foi explicado sobre o conceito de intertextualidade, na perspectiva do referido autor, em que todos os textos comungam entre si e nenhum se acha isolado, e que somente podemos perceber tal fato se o texto fizer parte de nossa lista particular de textos.

Com o intuito de levar os alunos a um melhor entendimento acerca do assunto intertextualidade, exibi na TV o vídeo *Bota pra fazer*, uma propaganda que veicula no *You Tube*, com duração de trinta segundos, conforme observamos na imagem:

Figura 26 - Cena do vídeo publicitário *Bota pra fazer*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=9YLv5ml8XXo

Com a exibição do vídeo, os alunos foram levados a identificar a intertextualidade em outro suporte, respondendo aos seguintes questionamentos:

1. Sobre o que trata o vídeo assistido?
2. Há alguma relação entre uma história dos contos de fadas com a propaganda? Qual?

Os alunos responderam, de uma só vez, que o vídeo utilizava a história *Os três porquinhos*. Uma das alunas relatou que no Largo do Tanque (bairro próximo à escola) há um

cartaz com uma propaganda do *S.O.S Mata Atlântica* com a imagem do Lobo Mau e dos Três Porquinhos. Nesse momento da atividade, com o exemplo da observação sobre outra utilização do conto em mais uma campanha publicitária, ou com o, quase uníssono, coro ao responderem sobre o título do conto de fada usado na propaganda, pude perceber o aprendizado dos alunos acontecendo, pois, as respostas dadas por eles refletiram isso.

Posteriormente, foi solicitado que todos criassem novos títulos para livros ou filmes que já conheciam, depois eles leram entre os colegas do grupo os novos títulos criados. E o momento final, ficou por conta da atividade interdisciplinar com a professora de Arte, Rubeni *Umarak*, que os orientou a fazerem marcadores de livros, e a eles foi dito que bons leitores precisam de marcadores para não danificar os livros. Nos marcadores confeccionados, foram colocadas as frases criadas. Os alunos receberam orientações de como cortar o molde e construir os marcadores. Eles ficaram divididos em grupos, para melhor organizar os trabalhos, mas cada um deles fez seu marcador e seu título novo.

Como podemos observar, os alunos trabalharam em grupo, aprendendo a confeccionar os moldes dos marcadores, em papel metro, com a professora de Arte:

Figura 27 – Confecção dos marcadores

Fonte: Acervo pessoal

Ao final, os alunos demonstraram o quanto são criativos, se estimulados, pois se dedicaram bastante na confecção dos marcadores, e mais que isso, o que realmente surpreendeu foi a criatividade ao inventarem os novos títulos. A exemplo do título do livro/filme “Como eu era antes de você” foi apresentado como “Como eu era antes de ler”, “Liga da Justiça” como “Liga da Injustiça”, assim como houve aquele que, seguindo a linha da exposição, que tratava de uma campanha de para uma empresa de alimentos, criou “O Pimentão Vermelho”, entre outros.

3.4 FITA VERDE NO CABELO: (RE)CONHECENDO UM CONTO ESTILIZADO - **ETAPA IV**

Iniciei as atividades, da Etapa IV, utilizando fitas verdes para aguçar a curiosidade dos alunos e, assim, trabalhar com eles o conto estilizado *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* (ROSA, 1992). As referidas fitas foram espalhadas pelo rol de entrada e no interior da sala. Alguns pedaços de fita estavam em forma de laço, ou simplesmente dispostos no chão. Quando os alunos subiram as escadas, já encontraram as fitas verdes espalhadas, e foi perceptível que estavam com a curiosidade estimulada, corroborando com a ideia que "não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move" (FREIRE, 1996, p. 15). A seguir, visualizamos as imagens deles no rol, e da sala com as fitas espalhadas. E depois, os alunos, já no interior da sala, aguardando o início das atividades:

Figura 28 – Alunos e as fitas verdes espalhadas

Fonte: Acervo pessoal

Foram feitas as perguntadas previamente planejadas, bem como outras que se mostraram necessárias: 1) O que vocês imaginam que significam estas fitas verdes espalhadas? Uma aluna respondeu, que as fitas significavam "esperança"; outro aluno disse que era devido a Copa do Mundo, e foi seguido por vários que deram a mesma resposta. Outros, se calaram, mas a maioria respondeu Copa do Mundo, e quando o último repetiu a pergunta, vi a oportunidade de iniciar a atividade:

> **Aluno A:** "É ou não é por causa da Copa, professora? " Cabe salientar, que a atividade foi aplicada em vésperas do início da Copa do Mundo, tal fato, justifica todas as respostas.

> **Professora:** “Não, as fitas verdes não estão relacionadas à Copa. As fitas estão relacionadas ao título deste livro”. Mostrei-lhes o livro *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória*.

2) O que vocês acham que vão encontrar neste texto? Sobre o que vocês acham que trata a história? As respostas/hipóteses variaram entre questões relativas a natureza, mas a grande maioria disse que o livro contava a história de uma menina, de uma adolescente com uma fita verde no cabelo.

3) Vamos olhar as imagens. Elas nos dizem o quê?

Nas quatro páginas iniciais, eles ficaram calados, pois as imagens não revelam muito da história. Ao chegarmos às sextas e sétimas páginas, eles começaram a falar bastante. Alguns disseram especificamente o que tinha na imagem, outros foram além, com associações à narrativa de *Chapeuzinho Vermelho*, e uma das alunas citou a atividade anteriormente feita, sobre intertextualidade:

> **Aluno B:** “Tem dois lobisomens jogando capoeira. ”
> **Aluno C:** “Dois malhados com máscaras. ”
> **Aluna D:** “São metade lobos e metade homens, professora? ”
> **Aluna E:** “Tem uma mulher na floresta. ”
> **Aluna F:** “Lobo, floresta e vovó, ‘tá’ que nem a história de *Chapeuzinho Vermelho*. ”
> **Aluna G:** “É intertextualidade, aquilo de um texto dentro de outro, como os da última aula?” Referindo-se à atividade sobre intertextualidade da Etapa III.

Quando a Aluna F citou o conto *Chapeuzinho Vermelho*, muitos outros, como fora feito anteriormente com as hipóteses, seguiram-na, e disseram também ter alguma ligação com o citado conto. Logo após, fiz uma revisão do que foi dito na Etapa III, sobre intertextualidade, e abordei o assunto estilização (SANT’ANNA, 1991). Inicialmente, percebi que teria dificuldade em explicar o fato de a estilização ser um desvio mínimo, sem que eles lessem o livro. Então, organizei os grupos, alguns preferiram ficar sozinhos e fizemos a leitura.

Vale ressaltar, que durante as formações dos grupos, alguns alunos pegaram as fitas e amarram-nas às cabeças e, nesse momento, um clima de festa à fantasia tomou conta da aula. Em nenhum momento fiz objeção; dessa forma, os que estavam tímidos em pegar, resolveram seguir os colegas, e quase todos estavam à caráter para a história. Inicialmente, fizeram uma leitura silenciosa, depois, contei-lhes a história sem o uso do livro, seguem algumas imagens:

Figura 29 - Momentos de colocação das fitas e de leitura

Fonte: Acervo pessoal

Após a leitura e a contação do conto *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* (ROSA, 1992), que todos afirmaram desconhecer, utilizei a cena pela qual se alvoroçaram, no início da atividade, a dos lenhadores com cabeça de lobos, e comecei a explanar sobre estilização.

Relembrei a história da *Chapeuzinho Vermelho*, o Lobo Mau representava o mal da história, e que nela, ele demonstrou medo de alguém. Alguns alunos lembraram e responderam "dos lenhadores", e comecei a sinalizar as pequenas alterações feitas por Rosa (1992), no que tange à representação do mal, que em *Fita Verde no Cabelo: nova/velha estória*, equivale não mais ao lobo, mas ao medo da morte, do crescer, seguir para maturidade.

A partir disso, os alunos começaram a tratar de semelhanças e diferenças, que após as explicações, eles conseguiam identificar no texto. Como por exemplo, a comparação do laço verde e do capuz vermelho, eles associaram a cor verde ao ser adolescente, e a cor vermelha, da personagem Chapeuzinho, ao fato de ela ser criança. Bem como, ao final da atividade, evidenciou-se o entendimento sobre a estilização. Em dado momento da conversa informal, ao falarem sobre ser criança ou adolescente, iniciei uma discussão sobre "o amadurecer" e os alunos fizeram algumas observações:

> **Aluna F** (novamente): Quando o laço dela caiu, foi porque ela 'tava' ficando madura, só acho.
> **Aluna H:** Eu li e li de novo, e como R. (Aluna F.) disse quando a fita cai, ela fica madura, consegue enfrentar o futuro.
> **Aluna I:** Eu percebi que 'tava' grande quando comecei a enjoar meus brinquedos.
> **Aluna J:** Eu vi que tinha crescido quando, todo dia, via meus pais brigando, até acontecer a separação deles.

> **Aluno K:** Entendi que preciso ajudar minha mãe, porque a gente mora na casa dos fundos de minha vó, e eu aprendi que tenho que ajudar minha mãe, então cresci, 'né pró'?
> **Aluna L:** Quando tive que cuidar de meus dois irmãos, depois da separação de meus pais.
> **Aluno M:** O lobo da minha família é o dinheiro.

Nas colocações dos alunos, percebemos respostas relativas à abordagem que o livro traz sobre a perda da fita verde estar relacionada ao crescimento da personagem que enfrentará os obstáculos da vida, sem a presença da avó que morreu. Nesse momento, observamos que eles se identificam com a narrativa e trazem-na às suas realidades, o real e o imaginário imbricados; tal fato coaduna com a perspectiva de Held (1980) de que não há separação entre o real e o imaginário, pois eles são complementares no mundo da criança.

Através do conto, notamos a identificação do mundo concreto deles, como, por exemplo, o enfrentamento de suas realidades, mas de forma descontraída/lúdica, em uma sala colorida pelo verde das fitas. A aula tornou-se permeada de alunos reflexivos que, ao final, levaram todos os exemplares disponíveis no Cantinho de fadas para casa, dando a impressão que aquele assunto ali despertado precisava amadurecer numa relação mais íntima entre livro *versus* leitor, corroborando com Amaral (2014, p. 22): "a história tem um valor para vida".

3.5 MOSAICO COM *ALINE NO BOSQUE ENCANTADO...* – **ETAPA V**

A fim de iniciar a Etapa V, os alunos foram direcionados à sala de vídeo, onde uma boneca da personagem do conto a ser trabalhado - Aline, estava sentada, em cima de uma pequena mesa, ao centro da sala, os "esperava" entrar, conforme observamos:

Figura 30 - Boneca feita a partir do personagem Aline

Fonte: Acervo pessoal

Depois que os alunos se sentaram, foram informados que, espalhados pela sala, debaixo de algumas cadeiras, havia sete cartões. E neles, frases que deveriam ser completadas para

terem sentido. Alguns alunos levantaram-se rapidamente em busca dos cartões, como se estes fossem tesouros a ser descobertos. Outros alunos não levantaram para procurar, e alguns fizeram uma simples busca por debaixo de suas próprias cadeiras e mesas, mas nada além disso.

Nos minutos iniciais, foram encontrados seis cartões, e os alunos que os encontraram reuniram-se ao centro da sala. No entanto, faltava o último cartão, que estava debaixo da mesa onde fora colocada a boneca Aline. Quando o aluno M. encontrou esse último "tesouro", gritou e pulou bastante, então, a turma não sabia se ria, ou se terminava de formar as frases, conforme visualizamos:

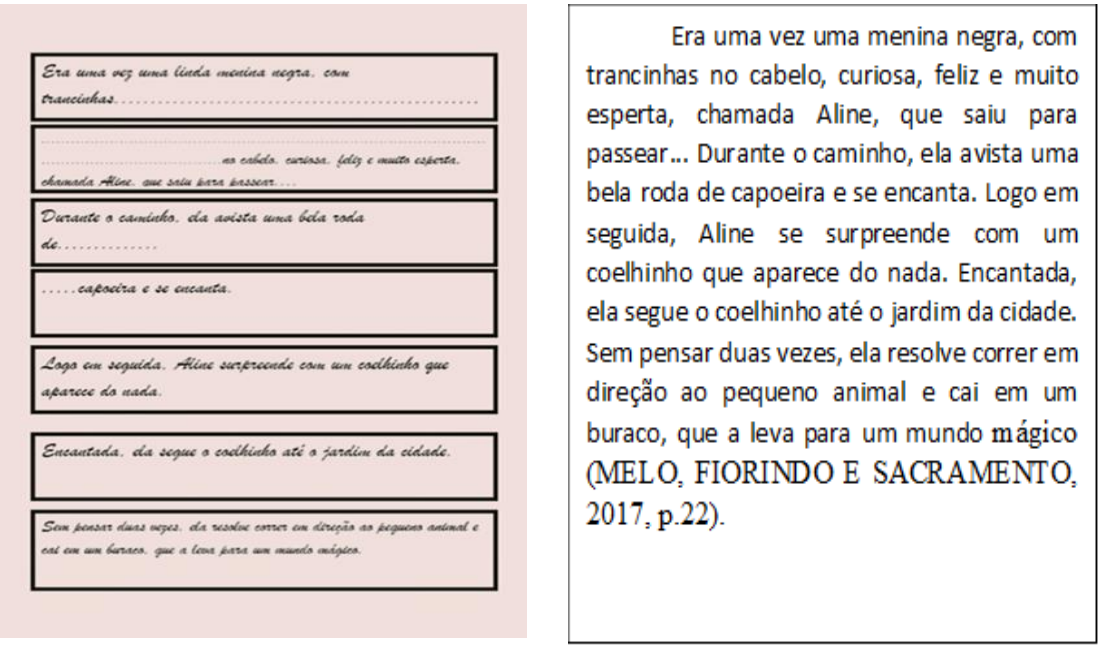
Figura 31 - Alunos em busca e montagem das pistas

Fonte: Acervo pessoal

Nessa hora, a animação tomou conta de todos, pois "o uso de elementos criativos e lúdicos no decorrer das atividades em classe contribui para que o aluno aprenda aquilo que está sendo trabalhado, através da dinamicidade do brincar e do prazer de criar com os conteúdos" (FIORINDO e WENDELL, 2014, p. 114).

O primeiro trecho encontrado foi montado e refere-se ao início da história *Aline no Bosque Encantado*, do livro *Contos de Fadas Contemporâneos,* conforme visualizamos a seguir:

Figura 32– Montagem do conto a partir dos trechos encontrados



Fonte: Acervo pessoal

Ao terminarem de montar, uma das alunas leu para toda a turma o texto completo. Um dos alunos, mais especificamente o que encontrou o trecho que citava a personagem Aline segue o coelhinho, perguntou se aquela história era igual à *Alice no País das Maravilhas*. Coloquei a pergunta dele para todos e, ao ouvirem, fizeram muitas outras questões e poucos deram uma resposta afirmativa:

> **Aluno B:** “Tem a ver com *Alice no País das Maravilhas*, é que nem *Fita Verde*? ”
> **Aluno C** (que encontrou o trecho): “Eu disse isso a professora, é tipo Alice! ”
> **Aluno D**: “Os nomes até são parecidos. Então, é estilização? ”

Várias perguntas foram surgindo devido às primeiras observações feitas sobre os nomes dos personagens Alice/Aline, bem como era notório que já conseguiam perceber a intertextualidade entre o texto matriz e o estilizado, o fato de seguir o coelho, de cair no buraco e do já citado trocadilho com os nomes das protagonistas.

Devido à conversa dinâmica, resolvi inverter o planejamento e contar a história antes de exibir o vídeo. Assim, a imaginação dos alunos seria aguçada e o vídeo tornar-se-ia um elemento concreto para as cenas anteriormente imaginadas, durante a contação da história; visto que já estavam sensibilizados pela conversa sobre o trecho lido e o “foguete da imaginação” estava lançado, em virtude da ansiedade para conhecer a história.

Após a contação da história de *Aline no Bosque Encantado*, foi exibido o filme curto[19], e depois, iniciamos os comentários em uma roda conversa, sobre a estilização do filme curto, conforme visualizamos:

Figura 33 – Cena do filme curto *Aline no Bosque Encantado*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM

Desse modo, foi perguntado aos alunos sobre que outros aspectos estilizados do conto *Alice no País das Maravilhas* eles conseguiram identificar; todos falaram acerca da substituição do personagem Alice branca por Aline negra. Os alunos elogiaram o fato de a protagonista de *Aline no Bosque Encantado* ser negra, e também gostaram da troca das guloseimas por alimentos saudáveis.

Aqui, verificamos o quanto a imagem da protagonista - Aline, contribuiu para a identificação do pertencimento e, ao mesmo tempo, da identidade dos aprendizes. Apoiando-nos em Bauman (2005), verificamos que as identidades dos alunos, surgiram a partir da crise de pertencimento, que são retratados nos contos de fada clássicos, sempre com personagens europeus, mas quando recriamos a realidade, por exemplo, com o filme estilizado, torna-se possível nos reconhecermos enquanto sujeitos passíveis de protagonizar histórias.

Paralelamente, os aprendizes acharam interessante a mistura os personagens fictícios com personagens reais, além de comentarem sobre quem tem ou não tem o hábito de comer frutas, legumes e outros alimentos saudáveis e, nesse momento, foi dito que na escola pouco é servido fruta no lanche.

Naquele instante, falei sobre o conto João e Maria, que também remete, indiretamente, ao conto ouvido/assistido, *Aline no Bosque Encantado*. Então, um aluno fez uma sagaz

[19] *Link* referente ao vídeo assistido: https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM

observação sobre a merenda da escola necessitar de mudança, “precisa mudar, precisa ser saudável”, e fechou seu comentário com um “grito” de reivindicação: “A merenda precisa de estilização!”.

Então, todos riram e não foi feita uma observação por mim, pois, não desejava desviar o foco da atividade; para tanto, optei por não estimular as reivindicações e comentários sobre a merenda da escola. Mas, ao ouvir as gravações para transcrever, analisei que, na hora em que ele utiliza a palavra “estilização” em lugar de mudança/troca, demonstrou entendimento sobre o assunto, ou seja, a merenda precisa passar por alterações. Seguem as transcrições dos referidos comentários:

> **Aluna E**: “Eu gostei porque foi muita criatividade eles fazerem isso (o pronome “eles” refere-se aos autores que foram citados durante a contação da história). Também o fato de terem colocado uma menina negra, geralmente nas histórias são garotas brancas”.
>
> **Aluna F**: “Eu amei Aline, misturar bonecos e meninas de verdade foi muito legal. Mas não achei legais algumas imagens do início do vídeo, como na hora que ela ‘tá’ andando para entrar no jardim. E gostei dela ser uma estilização de Alice, na versão negra, e da troca dos alimentos”.
>
> **Aluna G**: “Fiquei surpresa com uma mulher de verdade ser Aline, porque na história eu esperava uma boneca que nem Alice. Melhor parte do vídeo foi essa mistura de pessoas de verdade com bonecos. Ah! E a estilização dos alimentos saudáveis”.
>
> **Aluna H**: “A estilização do nome eu gostei, porque trocou uma letra, a estilização da menina branca por negra e a que a senhora falou dos alimentos também são interessantes. Aí, eu pensei sobre a Branca de Neve que come a maçã envenenada, né professora? E se a gente pensar bem, ensinaram a gente que a maçã da Branca de Neve tem veneno, então é tipo fazer a gente entender que maçã é ruim”.
>
> **Aluno I**: “O diretor tem que assistir esse filme, porque aqui, na escola, pouco a gente come fruta. A merenda da escola precisa mudar, precisa ser saudável. A merenda precisa de estilização!”

Discutimos por alguns minutos a colocação sobre a maçã de Branca de Neve, os doces que Chapeuzinho leva para vovó, ao invés de frutas, sobre Alice comer um doce para crescer, como se os doces fossem fontes de nutrientes, e então, aproveitei a empolgação do momento para solicitar que eles expressassem seus sentimentos com relação ao conto ouvido/assistido, *Aline no Bosque Encantado*, através das cores e imagens. A seguir, visualizamos a produção e o mosaico com ilustrações do criativo momento:

Figura 34 - Momento de produção das pequenas telas

Fonte: Acervo pessoal

Os alunos pintaram as pequenas telas sobre o vídeo assistido e, de maneira surpreendente, eles trouxeram, em seus trabalhos artísticos, os demais contos trabalhados em sala, como *Chapeuzinho Vermelho, Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* e *Alice no País das Maravilhas*.

Em um dos desenhos, havia um *cupcake* e frutas, feito pela **Aluna I**, citada acima, que falou sobre a maçã da Branca de Neve. E, os demais trouxeram personagens de *Chapeuzinho Vermelho, Aline no Bosque Encantado*, alimentos saudáveis misturados com alimentos gordurosos. Em meio a eles, o gato, personagem dos contos *Alice no País das Maravilhas* e *Aline no Bosque Encantado*. Bem como, temos a imagem de um simulacro de buraco com uma personagem negra, uma árvore que pode simbolizar as florestas dos contos, dois gatos e o baralho com o naipe de copas. Selecionamos algumas imagens, para podermos observar o nível de interação dos alunos com as obras trabalhadas:

Figura 35 - Mosaico de imagens intertextuais dos contos trabalhados

Fonte: Acervo pessoal

É válido ressaltar que, apesar dos momentos que compuseram esta etapa serem curtos, a exemplo da montagem do texto, ou o assistir e escutar a história terem acontecido rapidamente, o momento das discussões e da pintura exigiram um tempo maior pois, depois de terem pintado, e, paralelamente, lanchado as frutas oferecidas, organizaram-se em semicírculo novamente e falaram acerca de suas obras, e quais emoções foram despertadas com elas.

Embora já tenha discutido algumas imagens produzidas pelos alunos, destacamos a obra do aluno **W,** que retratou todas as Etapas do Projeto percorridas até aqui, e o aluno explicou que tentou fazer várias personagens em uma única imagem:

Figura 36 - Imagem pintada por aluno ao final da atividade

Fonte: Acervo pessoal

Na imagem, visualizarmos o sorriso do gato de Alice, algo que a contadora, na Etapa I, frisou bastante, por ser um personagem emblemático; paralelamente, observamos uma fruta, ao lado esquerdo, e uma caixinha com batatas fritas - ao lado direito, temáticas da alimentação

tratada na estilização *Aline no Bosque Encantado*. E o mais significativo, a imagem de uma menina negra, com um olho azul e cabelo loiro dentro de um capuz, que ao invés de vermelho como na história, *Chapeuzinho Vermelho*, ouvida na Etapa II, foi apresentado na cor verde, uma alusão à *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória*, estilização também já trabalhada.

As pinturas produzidas pelos alunos revelam o entendimento sobre os assuntos abordados até o momento pois, a partir da criatividade na produção dos quadros, ficou evidente o quanto ela contribui para a realização de trabalhos interessantes para os alunos, onde eles podem desenvolver a sensibilidade por meio da arte.

Segundo Fiorindo (2015, p. 119), "o significado e/ou o sentido da imagem é estabelecido a partir da interpretação que o sujeito faz, por meio de seu conhecimento de mundo e de suas estratégias mentais". Nessa perspectiva, as imagens retratadas pelos alunos são representações das histórias ouvidas e que, a partir de agora, pertencem aos seus mundos, fazendo parte dos seus acervos particulares, formadores de suas bibliotecas interiores, para, assim, colaborarem com a (re)construção de novas histórias em suas vidas.

3.6 RECONHECENDO OS ELEMENTOS DA NARRATIVA - **ETAPA VI**

Esta etapa foi construída sob o respaldo teórico de Gancho (1991), que trata dos elementos da narrativa. Inicialmente, começamos uma roda de conversa sobre o contato com as histórias apresentadas, mais especificamente, a última história trabalhada – *Aline no Bosque Encantado*.

Comecei perguntando à turma quem se lembrava onde aconteceu a história, e vários alunos levantaram as mãos para responder. Em seguida, houve uma conversa sobre os personagens, muitos falaram sobre Aline e outros sobre a Rainha de Copas e, também, sobre o quanto acharam criativo o nome dado ao guarda da Rainha de Copas – "hamburguarda".

Nesse momento, abordei sobre os tipos de personagens e explanei sobre os elementos da narrativa, conforme Gancho (1991), sobre os cinco elementos que estruturam a narrativa: personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. E a cada explicação dos elementos, os alunos conseguiam exemplificar sem demonstrar dificuldades; pois, ao serem solicitados a darem exemplos dos elementos nas histórias trabalhadas, as respostas fluíram bastante.

No que tange ao *nonsense*, foi-lhes explicado que o enredo aparentemente sem nexo com a presença de elementos fantasiosos e imaginários é proposital e, geralmente, são críticas bem-humoradas, a exemplo da Rainha de Copas, em *Alice no País das Maravilhas*, quando

Carroll (2013) faz uma alusão ao período vitoriano, na Inglaterra, cuja rainha Vitória governava e dava algumas ordens consideradas absurdas pelos seus súditos.

Depois conversamos sobre tipos de narradores e, nesse instante, aproveitei para tratar dos contadores de história. Após explicações sobre a temática elementos da narrativa, foi solicitado aos alunos que se dividissem em 7 grupos e a eles foi entregue uma folha recortada e embaralhada para que montassem a sequência correta do conto estilizado – *Aline no Bosque Encantado*.

O referido momento foi um alvoroço, pois competiram para saber quem primeiro terminaria, e apesar da brincadeira de competir não ser a ideia inicial, foi comprovada a afirmativa de Fiorindo e Wendell (2014) de que o lúdico, o movimento do brincar, no decorrer da atividade em classe, contribui para que o aluno aprenda o que está sendo trabalhado na aula.

Os alunos, então, montaram os textos, e não demonstraram grandes dificuldades ao fazê-lo, principalmente por já terem ouvido e assistido à história na etapa anterior; ainda assim, existiu uma dúvida, em um dos grupos, sobre o elemento espaço, pois, não sabiam se classificariam o Bosque Encantado ou o mundo real. Nesse momento, expliquei-lhes novamente que o espaço na narrativo é onde as ações acontecem e que no citado conto, tínhamos mais de um espaço. Mostrei-lhes o trecho que exemplifica o deslocamento da personagem entre os espaços: "Quando Aline aterrissa da longa queda, percebe que está no Bosque Encantado..." *Aline no Bosque Encantado* (MELO, FIORINDO E SACRAMENTO, 2017), nesse instante, eles identificaram o Bosque Encantado como um segundo espaço da narrativa. A seguir, imagens do momento da produção e discussão acerca da dúvida relatada:

Figura 37 – Alunos organizando a sequência da narrativa

Fonte: Acervo pessoal

Os alunos constataram que os personagens eram – Aline, Gato, o coelhinho, a borboleta, a Rainha de Copas e o hamburguarda. Assim como estavam em dois espaços; no mundo real, representado pela entrada do Bosque – buraco e pelo Bosque Encantado; que o tempo era

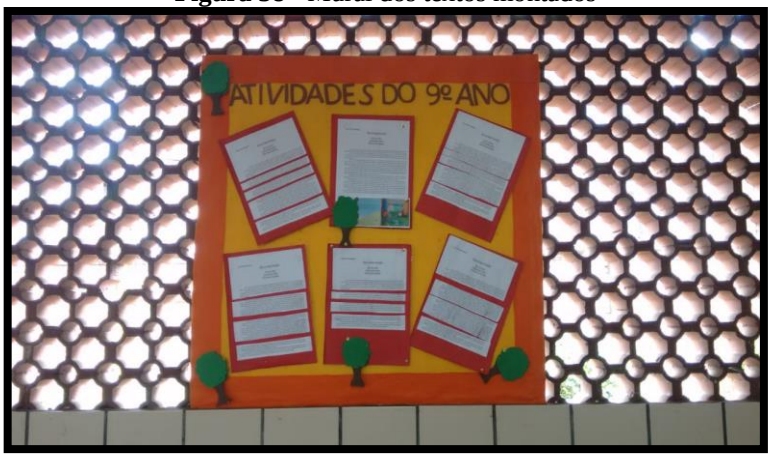
cronológico e situado pelo narrador; este, apresentado em terceira pessoa, descrevia os personagens e apresentava os espaços e os fatos.

Logo depois, os textos foram lidos, e estavam todos adequados quanto à identificação dos elementos da narrativa. A título de ilustração, seguem algumas observações feitas pelos alunos, cada um deles representa um grupo, ao serem perguntados se tiveram dificuldades para realização da tarefa, tanto ao montar o texto, quanto ao identificar os elementos da narrativa:

> **Aluno A:** "Foi fácil, pró, por que a gente viu que ela cai do buraco no final do primeiro parágrafo e aterrissa no outro. Mas achar o terceiro foi mais complicado. Aí a gente lia o final de um parágrafo e juntava com o outro. Encontrar os elementos da narrativa foi fácil também, a gente acho tudo".
>
> **Aluno B:** "Primeiro a gente achou fácil porque já conhecia a história, mesmo assim a gente não conseguia montar direito, aí achei que 'tava' difícil, mas depois que a senhora mandou a gente ler as partes, ficou mais fácil. Achar os personagens foi fácil e o espaço (da narrativa) foi o mais difícil".
>
> **Aluno C:** 'Foi fácil montar. "E achar os personagens e narrador também foi fácil, as outras coisas foram mais complicadas, mas achamos tudo depois".
>
> **Aluno D:** "Montamos primeiro, a gente montou antes de todo mundo, só demorou porque na hora de achar os elementos alguns não quiseram ajudar. Achamos tudo".
>
> **Aluno E:** "O mais fácil foi montar. O mais difícil foi identificar os elementos, mas depois que a gente acha fica fácil e dá vontade de achar mais".

Ao final, os textos foram expostos no mural, confeccionado, a seguir:

Figura 38 - Mural dos textos montados



Fonte: Acervo pessoal

3.7 PROTAGONISTAS NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO - **ETAPA VII**

Esta etapa está dividida em dois momentos, ensaio da contação de histórias pelos alunos da turma; e depois, a efetiva contação de histórias para alunos do 4º e 5º anos, turma de aceleração, da Escola Municipal General *Labatut* - classe do Programa Acelera, o qual agrega alunos dos 3º, 4º e 5º anos Ensino fundamental I, em defasagem idade/série.

Momento 1 – Conhecendo técnicas básicas de contação de histórias

No primeiro momento da etapa, ao entrarem na sala, os alunos encontraram a professora com avental colorido e vários objetos dispostos à mesa: maquiagem, perucas, chapéu de pirata, chapéu de palha, aventais coloridos, entre outros. Iniciei a conversa mostrando para eles uma pilha de livros novos, principalmente contos de fada, para serem adicionados ao cantinho de leitura, então os convidei para manuseá-los. Eles, rapidamente, direcionaram-se aos livros, folhearam, olharam as imagens e sempre mencionavam o fato de já conhecerem uma ou outra história. Dei-lhes aproximadamente 10 minutos para um entrosamento preliminar com os novos livros. Dando sequência, pedi que fizessem um semicírculo e começamos a conversar sobre as histórias dos livros que, naquele momento, liam superficialmente os trechos.

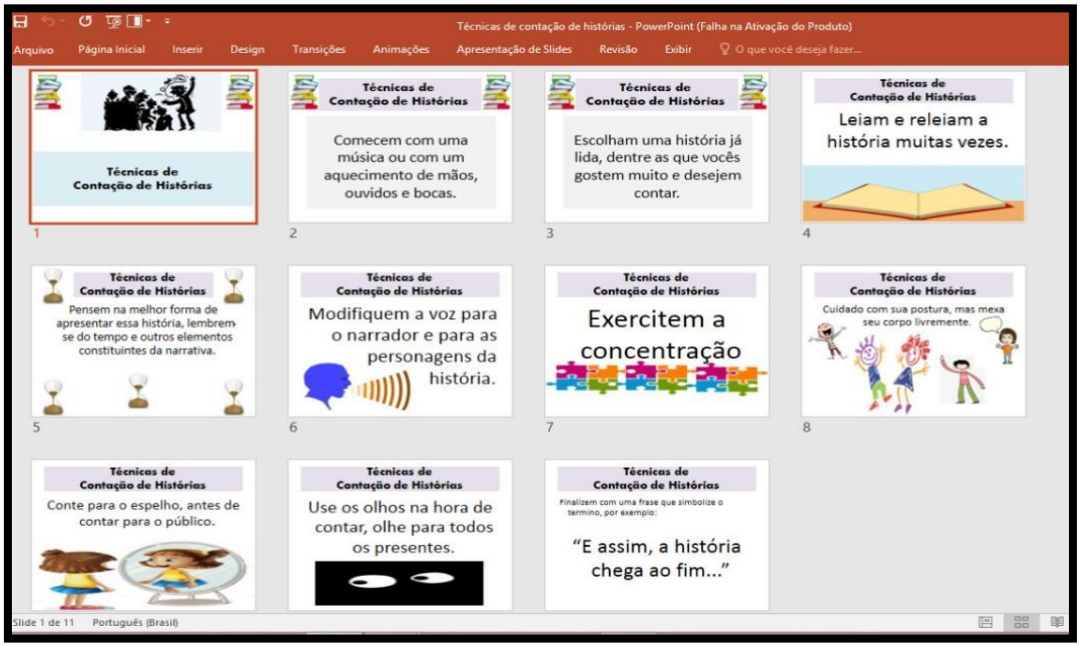
Uma das alunas pegou um livro chamado *Aventuras da Bruxinha Rita*, e comentou que havia naquela história dois irmãos perdidos na floresta, o que a fez lembrar da história *João e Maria*. E também, o livro vinha com uma espécie de varinha de brinde, e ela pediu para levá-lo para casa, pois sua irmã iria gostar muito daquela novidade que acompanhava o livro.

Retomei o assunto da estilização e de outros temas presentes em *A Bela e a Fera*, em que o intuito é mostrar que uma coisa deve ser amada desde que seja digna de ser amada, independente dos aspectos físicos. No entanto, mostrei ser pertinente a observação feita pela aluna que a Fera, assim como o sapo encantado que vira príncipe, são, geralmente, masculinos, e a Bela, a princesa que tem o poder de desencantar, é uma menina. Falamos nesse momento sobre o papel da mulher nos contos de fada, a mudança no papel da mulher que deixa de ser salva para lutar e salvar junto com os homens, assim como o papel do negro nesse protagonismo. Nesse contexto, eles trouxeram exemplos de várias personagens, principalmente de desenhos animados – como *Frozen, Moana, Valente* e *Mulan.*

Em seguida, coloquei os *slides* contendo orientações para a contação de histórias, lembrando-os sempre de conservarem a espontaneidade, deixando seus corações falarem, e

assim, cativando os seus futuros ouvintes para que eles queiram ouvir outras histórias ou contá-las futuramente, conforme visualizamos:

Figura 39 – *Slides* para contação de histórias[20]



Fonte: Elaborado pela autora

Após a visualização dos *slides*, alguns foram colocar as orientações em prática e começaram a contar histórias, outros simplesmente pararam para ler – sozinhos ou acompanhados.

Dos 7 grupos formados, somente em um deles não houve voluntários que desejassem contar história para toda a sala; no entanto, nos demais grupos mais de um integrante quis contar a história do livro lido, chegando ao ponto de terem quatro contadores num só grupo. As aulas foram, por uma semana, permeadas de histórias e, durante esse tempo, os colegas espectadores já agiam como especialistas em contação pois, a partir de suas observações pessoais, diziam quem foi "bem" ou "mal".

Eu expliquei-lhes, então, que ali era o momento do contador, que era preciso respeitarmos o colega que tinha se dedicado ao texto, a ponto de trazê-lo da melhor forma possível aos demais e que todos poderiam apontar para o colega como ele poderia melhorar. Surtiu efeito, pois as dicas, ao final de cada história, surgiram, e eram muito pertinentes: "seria melhor falar mais devagar", "não olhe para o chão", "não enrole, João, vá direto para história...", "precisa parar de dizer 'aí' ", entre outros comentários.

Após a apresentação do último componente dos grupos, percebi que o momento era propício para fazer a proposta de contação de histórias na escola vizinha. Ressaltei sobre poder

[20] *Slides* utilizados disponíveis em: https://youtu.be/ZGUypT1D2No

haver insegurança, e perguntei se eles gostaram da experiência de contar aos colegas da sala. Todos disseram que sim, e alguns mencionaram o nervosismo. Orientei que eles levassem os livros para casa, lessem quantas vezes fossem necessárias, como já haviam feito, e quando estivessem se sentindo decididos, marcaríamos a data da visita à escola municipal.

As histórias selecionadas foram: *O fortão do bem* (BARRETO, SANTOS e BARRETO, 2018*), Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2013) e na versão imagética (GPLPI/UNEB, 2017), *A bruxinha Rita* (MARSCHLALEK, 2015), *Monstros moderem seus modos* (SPURR e SCALES, 2011).

O fortão do bem conta a história de Davi, um menino chamado de fortão porque come muitos alimentos saudáveis. Em *Alice no País das Maravilhas*, contam-se as peripécias que a menina enfrenta para sair do mundo fantasioso onde entrou. *A bruxinha Rita* aborda a bondade de uma criança que, mesmo criada por bruxas, não se torna má. E o livro *Monstros moderem seus modos* (SPURR e SCALES, 2011) traz a necessidade de as crianças serem educadas para não ser chamadas de monstros - sinônimo para falta de educação doméstica. Para ilustrar, seguem as capas dos livros selecionados:

Figura 40 – Livros selecionados para contação de histórias

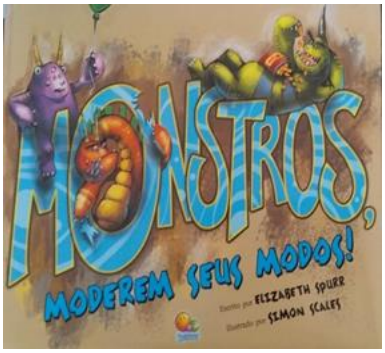
O Fortão do Bem

Alice no País das Maravilhas

Alice no País das Maravilhas - imagético

A bruxinha Rita

Monstros moderem seus modos



Fonte: Acervo pessoal

Após a seleção de cada grupo, os respectivos alunos começaram a ensaiar para contação das histórias, conforme observamos:

Figura 41 - Alunos contadores ensaiando para contação de histórias

Fonte: Acervo pessoal

Momento 2 – Alunos/contadores em ação

Ao chegarmos na escola municipal, fomos recepcionados pela professora Rita, que nos levou para sala onde aconteceu a atividade. Nesse momento, pude perceber o empenho dos alunos-contadores que arrumaram o local com o material que levei:

Figura 42 - Alunos organizando o cenário

Fonte: Acervo pessoal

O aluno **J** estava, particularmente, emocionado, pois, segundo ele, estudou naquela escola por todos os anos do Ensino Fundamental I, e sentia-se orgulhoso, porque não imaginava um dia voltar ali, ainda mais, sem ser aluno. E ainda disse: “tipo assim, eu acho muito importante poder ajudar a alguém a conhecer uma história que eu aprendi a gostar, alguém que está num lugar que já foi meu”.

Confirmamos, assim, que o aluno precisa acreditar em seu potencial, e na sua condição de sujeito pertencente a todos os lugares. Esse momento da intervenção coaduna com Bauman

(2005, p. 25), pois “ ‘quem é você’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só você tem uma escolha, e só o que você escolhe depende de você”. O referido momento permitiu ao aluno experimentar aspectos relacionados à sua identidade de cidadão capaz de mudar o seu entorno e também ser mudado por ele.

Iniciamos a contação com uma aluna apresentadora que trajando uma saia colorida, em sua *performance*, deu as boas-vindas aos alunos, e para que fosse promovida a sensibilização, colocamos um vídeo com a música “Aquarela”[21]; logo após, a aluna–contadora iniciou uma conversa sobre a imaginação, conforme visualizamos:

Figura 43 - Alunos assistindo à apresentação

Fonte: Acervo pessoal

A aluna apresentadora e os alunos anfitriões entraram em cena, e a apresentadora falou sobre a música *Aquarela* tratar de imaginação, sobre imaginar um castelo com alguns traços, ou criar um guarda-chuvas com apenas dois tracinhos. Em seguida, perguntou aos alunos anfitriões o que tinha no mundo da imaginação deles.

Inicialmente, os alunos ficaram tímidos e não quiseram responder, então, a professora Rita disse que no mundo da imaginação dela tinha uma floresta gigante; uma das alunas contadoras disse que, no mundo da imaginação dela, tinha um castelo de doces; outro aluno contador disse que ela só pensa em comer. Todos riram, e uma aluna/anfitriã disse que tinha princesa no seu mundo, a conversa fluiu entre risos e timidez.

Depois do vídeo, o aluno **J** contou a história de *Alice no País das Maravilhas*, e o aluno-contador utilizou o livro imagético - com a ajuda da aluna apresentadora. Segundo ele, e os demais alunos contadores, todos leram os livros diversas vezes, como fora recomendado, pois entenderam que somente assim estariam mais seguros para contar, conforme observamos:

[21] Vídeo com a música utilizada, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xT8HIiFQ8Y0.

Figura 44 – Aluno contando história com auxílio do livro imagético

Fonte: Acervo pessoal

Constatamos nesse momento, portanto, o foco da proposta de intervenção, o estímulo à leitura, por meio da contação de histórias, como uma prática eficaz, despertando o interesse do aluno pelo livro, como ressaltou Sant'Anna (2011, p. 14), "que a leitura e a contação de histórias estão irremediavelmente geminadas".

A atividade seguiu com a contação das quatro histórias, e entre cada uma delas houve uma atividade lúdico-interativa, com o objetivo de distanciar uma história da outra. Ao término da história de *Alice no País das Maravilhas*, houve uma brincadeira de passagem pela porta de Alice, na qual foram escolhidos dois alunos que, ao morderem um pedaço de bolo, encolhiam e passavam na porta.

Na sequência, foi colocado o som bem alto de risada de bruxa e, com isso, a aluna apresentadora perguntou quem sabia identificar aquele som, no que muitas vozes disseram ser uma risada de bruxa. Esse foi o recurso utilizado para a aluna-contadora iniciar a história da Bruxinha Rita, e coincidentemente era o nome da professora deles, o que causou grande alvoroço. As histórias *Monstros moderem seus modos* e *O fortão do bem* foram contadas em seguida, como observamos nas imagens:

Figura 45 – Alunos contando histórias

Fonte: Acervo pessoal

No intervalo entre as histórias, foi feito um sorteio de um livro, em pop-up, *Um mundo de contos... Grandes Aventuras* (AZEVEDO, 2014), que consiste em um livro com cenário de um navio para as crianças brincarem com os personagens, e contendo também pequeninas histórias para serem contadas, conforme visualizamos a seguir:

Figura 46 - Imagens abertas e fechadas do livro, em formato *pop-up*

Fonte: Acervo pessoal

Ao término da visita, os alunos anfitriões voltaram às suas atividades em sala. Minutos mais tarde, a professora Rita enviou-me uma foto contando que se sentou ao fundo da sala, pois seu aluno pediu para contar aos colegas a história do livro que acabara de ganhar no sorteio. O referido fato foi relatado aos alunos-contadores, que ficaram emocionados. Na aula seguinte, na qual avaliamos a atividade desenvolvida, os maiores comentários foram sobre o novo aluno contador de histórias, conforme visualizamos:

Figura 47 - Aluno da escola municipal recebendo o livro e contando história aos colegas

Fonte: Acervo pessoal

Após a apresentação dos alunos na Escola Municipal General *Labatut*, a notícia sobre a atividade de contação de histórias saiu publicada no Jornal Aceletrando, que veicula informações sobre eventos da referida unidade escolar (*cf.* **ANEXO 6**).

Ressaltamos que, após a nossa ida à citada escola municipal, o diretor do nosso colégio recebeu mais dois convites para nos apresentarmos, sendo eles no Programa Educacional de Resistência às Drogas da Polícia Militar – PROERD e o outro de uma escola municipal em Lauro de Freitas. Mas havia a necessidade de declinar dos convites, pois todas as atenções dos alunos estavam sendo preparadas para o Sarau Histórias Mudam Histórias, que aconteceu na última etapa da Proposta de Intervenção.

3.8 MEDIAÇÃO CULTURAL: VISITA À BIBLIOTECA CENTRAL DOS BARRIS - **ETAPA VIII**

Esta atividade seguiu a perspectiva educacional e formativa de Wendell (2013) sobre Mediação Cultural, cuja metodologia é dividida em três etapas – antes, durante e depois do encontro do público com o produto cultural. Os alunos, nas duas primeiras aulas, foram informados, através de uma conversa informal, sobre a atividade a ser desenvolvida, depois aconteceu a visita ao complexo cultural da Biblioteca Central dos Barris, e, por fim, houve uma discussão sobre a atividade vivenciada.

A fim de iniciar a atividade, comecei uma conversa sobre o bairro de Pirajá, quando alguns alunos foram falando do que gostavam, e conversamos sobre a distância de Pirajá ao Centro da cidade, e então perguntei em quais lugares do centro eles costumavam ir. Alguns deles disseram que iam aos dois principais shoppings localizados no centro da cidade; então, perguntei quem conhecia a biblioteca que ficava bem próxima a eles; somente um aluno disse já ter visto, no entanto, afirmou nunca ter entrado.

Antes...

Aqui, mostrei os *slides* sobre o local, abrangendo a todos os espaços que constituem o complexo no qual está inserida a biblioteca; expliquei que a **Biblioteca Pública do Estado da Bahia** é popularmente conhecida como **Biblioteca Central dos Barris;** e que há um acervo de 120.000 livros, duas salas de cinema – a Walter da Silveira e a Alexandre Robato, e também a galeria *Pierre Verger*, o Espaço Xisto – com salas de cinema e teatro, e uma biblioteca infanto-juvenil cujo espaço será nosso ponto de apoio durante a visitação.

Nesse momento, ao visualizarem a imagem do palco situado na biblioteca infanto-juvenil, as perguntas surgiram e todas referentes à permissão em utilizar o referido espaço que, por seu conjunto de colorido e formato picadeiro, aguçou nos alunos o desejo por conhecê-lo, conforme visualizamos:

Figura 48 - Biblioteca dos Barris

Fonte: Acervo pessoal

O intuito foi dar início à mediação cultural (WENDELL, 2013), a etapa do pré-contato com a atividade cultural. Assim sendo, foi perceptível que falar sobre o espaço a ser visitado antes gerou uma expectativa positiva com relação ao local, provocando nos alunos o desejo de conhecer o local. Nos slides exibidos havia as seguintes questões:

1) Onde está situada a BIBLIOTECA?

Ao lerem essa pergunta, muitos alunos responderam, pois foi o tema tratado no início da atividade, disseram que ficava localizada no centro da cidade, Barris, próxima à Estação Lapa e dos *Shoppings* populares que todos conhecem e alguns disseram frequentar. Depois, apresentei outros aspectos para a visita à Biblioteca, enumerados a seguir:

2) Como se comportar?

Falamos sobre a necessidade do silêncio, um dos alunos questionou como poderíamos não fazer barulho se teríamos o ensaio da contação de história. Foi-lhe explicado que o silêncio é necessário em ambientes de leitura, e que a biblioteca, prioritariamente, é um espaço de leitura. Lá, eles seriam apresentados a espaços silenciosos em que as pessoas sentam simplesmente para ler, fazer pesquisas e trabalhos; mas que, ali, também havia locais onde se pode conversar e ensaiar, por se tratar de uma grande biblioteca.

3) O que vão encontrar?

Essa questão foi respondida ao iniciarmos a atividade; nesse momento, falei sobre a Sala Alexandre Robatto, um espaço que exibe mostras de vídeo com entrada gratuita; também existe a Sala Walter da Silveira, que exibe filmes nacionais e de arte a preços simbólicos, tem sessões que custam R$ 2,00 reais, e que qualquer *site* de divulgação de filmes em cartaz na cidade tem a programação das salas. Alguns quiseram saber qual filme estava em cartaz e o horário de funcionamento. Informei-lhes que o filme em cartaz, no momento, é *A forma da água*, e que, nele, poderiam perceber a intertextualidade que há com *A Bela e a Fera.* Ficaram curiosos, e queriam saber mais do cinema, exibi no *slide* a imagem do *site* no qual eles poderiam buscar a programação. Ressaltamos que desde o momento que resolvemos incluir o complexo da Biblioteca dos Barris na atividade a ser desenvolvida, estamos acompanhando a programação da Sala Walter da Silveira, e de fato, os filmes em cartaz, geralmente, não são os que estreiam nos grandes cinemas, mas são filmes que fazem sucesso e perduram nas programações.

Falei também sobre a existência de um teatro, o Espaço Xisto[22], no qual, no momento, está em cartaz a peça *Nu Buzu,* com a temática sobre o dia a dia dos baianos que utilizam o ônibus como meio de transporte. Perguntaram se nós iriamos conhecer o teatro, expliquei que agendei visitação em todo os espaços que compõem o Complexo da Biblioteca, além do citado teatro, as duas salas de cinema e a galeria *Pierre Verger*.

4) Qual livro você espera encontrar na Biblioteca?

Essa questão foi respondida por alguns com títulos de livros, desde os já trabalhados em sala como alguns títulos que desejavam ler: *Diário de um Banana, A culpa é das estrelas*, entre outros. No entanto, algumas respostas giraram em torno dos anseios por conhecer todos os espaços que constituíam o complexo. Por fim, distribuí as "autorizações" para que os responsáveis pudessem assinar dando a permissão para ida à biblioteca.

[22] O **Espaço Xisto Bahia** está situado no subsolo da Biblioteca Pública dos Barris**,** sendo composto por 18 espaços culturais atribuídos à Fundação Cultural da Bahia (Funceb) e conta com duas salas para ensaio, galeria e sala de espetáculo com capacidade para 192 pessoas.

Durante...

No dia seguinte, embarcamos num ônibus cedido pela direção da escola, e seguimos rumo ao centro da cidade, à Biblioteca Central dos Barris. A direção também cedeu um *kit* contendo lanche, uma vez que ficaríamos toda a manhã na atividade, conforme observamos:

Figura 49 – A caminho da Biblioteca dos Barris

Fonte: Acervo pessoal

Na chegada, fomos recepcionados pelo senhor Daniel, que respondeu às questões dos alunos desde a data de fundação da biblioteca até o horário de visitas, conforme verificamos:

Figura 50 – As boas-vindas ao grupo

Fonte: Acervo pessoal

Após uma conversa inicial, os alunos foram direcionados ao terceiro andar, onde vimos uma exposição de livros raros e antiquíssimos, em vários idiomas. Os alunos estavam bem à vontade, faziam perguntas ao guia sobre os idiomas dos livros, queriam saber o porquê de muitos deles estarem em *latim*, e olhavam tudo com muita curiosidade, como observamos:

Figura 51 – Visitando exposições na biblioteca

Fonte: Acervo pessoal

Nesse momento de visitação ao segundo e terceiro andares, observei muito mais que interagi, pois pareciam já conhecer Daniel há muito tempo, tamanha fora a integração, e por ele ser o especialista naquele ambiente. No primeiro andar, local do espaço infanto-juvenil, que estava à nossa disposição, tínhamos a bibliotecária Ionara, que além das boas-vindas e de dizer o quanto estava animada por nos receber, também fez um convite para retornos futuros e explicou a possibilidade de fazerem um cadastro para empréstimo de livros. A seguir o espaço infanto-juvenil:

Figura 52 – A chegada à seção infanto-juvenil

Fonte: Acervo pessoal

A partir de então, eu "reassumi" o grupo. Inicialmente, deixei-os à vontade, tomando ciência do espaço, enquanto eu colocava os materiais que havia trazido: capuz, chapéu de pirata, peruca, aventais de contação de histórias e alguns exemplares de livros, que registrei junto à bibliotecária para não serem confundidos com os materiais da biblioteca. Folhearam revistas

em quadrinhos, tiraram fotos no tão esperado palco, foram às estantes, olharam livros e a maioria sentou e começou a ler, conforme visualizamos:

Figura 53 – Alunos em momento de leitura na biblioteca

Fonte: Acervo pessoal

Um dos alunos que havia falado sobre o livro *Diário de um Banana* o achou na estante e veio me mostrar, eu reexpliquei que podia levá-lo em empréstimo mediante o preenchimento de uma ficha - como a bibliotecária havia explicado. Ele dirigiu-se a ela, mas por fim resolveu não levar, pois, segundo ele, teria que terminar o livro *Piratas do Caribe* que pegou no nosso cantinho de leitura na escola e estava empolgado com a leitura. Nesse momento, observamos a expressão dos sentimentos do aprendiz, por meio de suas descobertas. Segundo Gallian (2017, p. 106) "compartilhar os afetos, os sentimentos as ideias, os questionamentos, as intuições e as descobertas provocadas por uma experiência estética que mexeu conosco, é portanto, uma necessidade, uma alegria e um meio privilegiado de nos humanizarmos".

Da mesma forma, percebemos tal afirmativa no comportamento de duas alunas que encontraram, em uma das estantes, exemplares de *Fita Verde no cabelo: nova velha estória* e trouxeram para me mostrar. Eu perguntei: - Qual a sensação de encontrar na biblioteca um livro que vocês já conhecem? Uma delas riu e disse que estava se sentindo uma pessoa importante, e a outra também riu e disse que achar um livro já lido dava uma sensação muito boa, mas que não sabia explicar o que era, demonstrando, assim, uma certa forma de felicidade oriunda de descobertas inéditas que provocam bem-estar.

Nesse instante, olhei para a mesa onde coloquei o material e vi que alguns alunos já o estavam usando. Alguns para tirar fotos, mas outros para contar histórias no palco. Convidaram-me para contar, no que eu aceitei, fui ao palco e contei-lhes o conto de *Cinderela* e tratei de versões que podemos encontrar que são adaptadas à contemporaneidade, depois houve grupos se formando e contando histórias uns para os outros, conforme visualizamos, a seguir:

Figura 54 – Contação de história na biblioteca – de professora para alunos

Fonte: Acervo pessoal

Figura 55 - Outros momentos de contação – de alunos para alunos

Fonte: Acervo pessoal

De acordo com Chesterton (2008), num conto de fadas a mágica não é para ser explicada, pois não segue a lei científica dos homens. Partindo desse ponto de vista, o referido momento no qual os alunos, logo após me ouvirem contar, agruparam-se, escolheram seus livros e começaram a contar as histórias pode ser conceituado como um momento mágico neste processo da intervenção. Conforme o autor "eu sempre acreditara que o mundo envolvia uma mágica [...]. E isso apontava para uma emoção profunda sempre presente e subconsciente, de que este mundo tem algum propósito..." (CHESTERTON, 2008, p. 101). E o propósito de ver os alunos lendo e contando histórias espontaneamente foi "magicamente" concretizado ali.

Após visitação pela biblioteca, visitamos todo o complexo que é composto por salas de cinema, teatro, sala de exposição. Depois, todos fomos para o espaço externo, onde fizemos os comentários sobre a experiência vivenciada:

Figura 56 – Visita ao Teatro do Espaço Xisto

Figura 57 – Sala de cinema Walter da Silveira

Figura 58 - Sala de cinema Alexandre Robatto

Figura 59 - Galeria Pierre Verger

Fonte: Acervo pessoal

Depois da visita aos espaços culturais, uma aluna disse que ver os livros antigos foi uma das partes mais interessantes, principalmente os jornais velhos e que deu vontade de pegar neles, mas estavam protegidos por vidros. Foi quando um dos alunos disse que estava surpreso, pois pensou que seria "chato", mas ficou muito surpreso com o quanto havia sido bom. Essa opinião foi compartilhada por outros alunos que concordaram com o colega. Então, eu perguntei a eles o que queriam dizer com "chato", no que o aluno que iniciou o comentário respondeu:

> **Aluno A:** "Pensei que seria parado, até cheguei a pensar que seria um lugar cheirando a mofo e cheio de pó ou coisas velhas, livros velhos. "

Perguntei se ele estava esquecido que visitamos um espaço com livros antigos/velhos. Ao ouvir sua resposta afirmativa, eu disse que nem por isso foi uma visita ruim, e continuei

dizendo que é preciso desassociar a ideia de velho/antigo a ruim. Nesse momento, relembrei o que já tinha sido dito em sala sobre os anciãos/idosos, pessoas mais velhas, contadores de histórias, que transmitam seus conhecimentos oralmente. Dessa maneira, as palavras velho/antigo/idoso estavam ligadas e eram sinônimo de conhecimento. Continuamos a conversa, e eu expliquei que ali perto do local em que estávamos havia outros espaços, como o Gabinete Português de Leitura e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que eram espaços tão interessantes quanto aquele em que estávamos. Então, percebemos que o objetivo foi alcançado no que tange a reconhecer o espaço público como um lugar que lhes pertence, que pode e deve ser usufruído.

Desse modo, quando oportunizamos o contato dos alunos com espaços de arte, confirmamos as palavras de Wendell (2013, p. 8) sobre o aluno ter "direito de saber sobre o que acontece culturalmente ao redor dele, de como pode ter acesso aos eventos e espaços culturais, de conhecer e reconhecer os produtos culturais como parte de sua vida social". Isso ratifica a prática do que afirmamos anteriormente, tais ações despertam o desejo dos alunos pelo novo, provocando o estímulo da criatividade e a sua identificação enquanto cidadão pertencente a múltiplos ambientes.

3.9 CRIAÇÃO E CONTAÇÃO DE NARRATIVAS ESTILIZADAS - **ETAPA IX**

Num primeiro momento, relembrei aos alunos o conceito de estilização como um desvio tolerável – pouca mudança em relação ao original, Sant'Anna (1991), e depois, houve uma conversa informal sobre as histórias lidas e contadas: *Chapeuzinho Vermelho, Fita Verde no Cabelo: nova velha estória, Alice no País das Maravilhas* e *Aline no Bosque Encantado*. Perguntei aos alunos se eles percebiam a intertextualidade nos textos, bem como se eles percebiam as alterações feitas pelas estilizações.

A maioria respondeu que sim, pois a intertextualidade foi vista nas mudanças propositais que marcavam a estilização entre os textos *Chapeuzinho Vermelho* e *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, e citaram exemplos, como o capuz vermelho ser substituído pela fita verde, assim como os lenhadores presentes terem exterminado o lobo mau. Os referidos exemplos foram bastante citados, demonstrando que alguns alunos foram tocados pela descoberta.

Durante a referida discussão, fiz a pergunta: "Quem era mau: o lobo ou lenhador? As opiniões dividiram-se, mas a maioria afirmou ser o lobo. O aluno **K** disse que acreditava que o lenhador era pior que o lobo, pois conseguiu exterminar com todos, mesmo sem saber se eles eram maus ou bons, pois, para ele, não era possível acreditar que todos os lobos são maus.

Entre as respostas dadas, destaco a observação de uma aluna ao afirmar que o mais tocante para ela foi perceber o amadurecer de Fita Verde com a morte da avó. E que não tinha pensado como **K**, sobre a questão de lobos maus e lobos bons. Foi-lhe perguntado, nesse momento, se ela já ouviu ou leu uma história na qual o lobo fosse bom. Ela respondeu negativamente, e então foi nesse momento que eu falei sobre ser esse aspecto um ponto interessante para ser estilizado, e propus que eles, em grupo, pensassem quais outros aspectos poderiam ser estilizados/alterados.

Para tanto, no momento seguinte, deixei à disposição as estilizações já trabalhadas, para que fizessem uma releitura e, assim, iniciaram suas próprias estilizações. Cabe ressaltar que a configuração anterior de 7 grupos não foi uma orientação nesta etapa. Embora os 3 grupos formados tenham ficado grandes, houve muita descontração entre eles que, naquele momento, se agruparam por afinidades e trocaram ideias mutuamente, estavam integrados, formaram simultaneamente um conjunto heterogêneo e unitário.

Desta forma, corroboramos com Wendell (2016, p. 1) que “faltam espaços para estimular atitudes afetivas e gerar sentimentos bons para o bem-estar coletivo”, como o agrupamento por ideias afins. Ainda conforme o autor, o momento de trabalhar em grupo está “ligado ao desenvolvimento da capacidade de amar, de fazer o bem e cuidar do próximo” (WENDELL 2016, p. 1).

Observamos, assim, a escola utilizando, como agentes facilitadores da aprendizagem, o afeto e a criatividade na sala de aula, criando nos alunos uma identidade solidária repleta de bons sentimentos. A seguir, visualizamos algumas imagens correspondentes ao momento de releitura dos contos estilizados, discussões em grupo e estilização de novas histórias:

Figura 60 - Momento de releitura e produção de estilizações ou (re)estilizações

Fonte: Acervo pessoal

O **Grupo 1** criou a narrativa estilizada *O Bonezinho Vermelho*, baseada, principalmente, na história fonte *Chapeuzinho Vermelho.* Paralelamente, observamos, em uma proporção menor, a influência dos contos estilizados: *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória* e *Aline no Bosque Encantado*. Observamos, respectivamente, o "Lenhador", um personagem do conto de Rosa (1992) - grafado pelo grupo em letra maiúscula; e a sopa – alimento saudável trocado pelos doces presentes no texto matriz de *Perrault* (1985). Conforme observamos a seguir:

Estilização 1 - *O Bonezinho Vermelho*

Pedro é um garoto de 10 anos, ele vive em uma fazenda com o pai e a mãe, ele usa um bonezinho vermelho desde quando era pequenininho. Ele sempre conversava com esse boné como quem fala com uma pessoa e ele também brincava com esse boné. Para Pedro, o seu boné era como seu melhor amigo, uma espécie de "amigo imaginário".

Num belo dia, sua mãe resolveu fazer uma sopa de verduras e o mandou levar para sua vovó que mora em outra fazenda que fica localizada depois da Floresta São Bartolomeu. Ele pegou o seu velho e companheiro bonezinho vermelho e foi. No meio do caminho, um Lobo vê Pedro andando e falando sozinho, daí o Lobo ficou espantado e ao mesmo tempo curioso com aquilo. Então, o Lobo foi até ele e perguntou:

- Olá, garoto! Não se espante, eu vi você caminhando por aqui e resolvi falar com você.

Pedro respondeu espantado:

- Olá, senhor Lobo!
- Para onde você vai, garoto, andando por aqui sozinho?
- Vou levar essa sopa que a mamãe fez e mandou eu levar para vovó.
- Ah, eu conheço um caminho que você pode chegar lá mais rápido.
- O senhor pode me levar até lá?
- Posso sim!

Então, o Lobo foi levando Pedro para casa da vovó pelo caminho mais curto. Eles foram conversando e se conhecendo, o Lobo estava sendo muito gentil e legal com Pedro, com isso, os dois já viraram amigos.

Porém, quando eles menos esperavam, apareceu um Lenhador!

Como o Lenhador ficou bravo e pegou o Lobo, Pedro, sem poder impedir, já sabia que nunca mais iria vê-lo novamente, o Lenhador já estava indo embora com o Lobo, quando Pedro correu até eles, tirou o seu bonezinho vermelho da cabeça e deu ao lobo dizendo:

- Aqui, amigo Lobo, meu bonezinho para você lembrar de mim e obrigado por me mostrar o caminho mais curto.

Com os olhos lacrimejando, o Lobo olhou para Pedro e disse:

- Por nada, amigo.

O Lenhador foi embora com o Lobo e Pedro ficou muito triste com o acontecido, e também, por não ter como ajudar seu amigo. Continuou o percurso, pois não havia mais nada a ser feito. Contudo, ele nunca mais esqueceu daquele dia em que teve um Lobo como amigo e a ele entregou seu bonezinho vermelho.

Ressaltamos que a troca da personagem Chapeuzinho Vermelho por um menino que usa boné, acessório que os alunos utilizam, além da floresta presente no conto de *Perrault* (1985) ser substituída pela Floresta São Bartolomeu – reserva de Mata Atlântica situada em Pirajá, indica o quanto eles aproximaram a realidade deles na estilização. Aqui, havia um personagem lobo que, no ponto de vista do grupo, parecia ser do bem, mas mesmo assim foi morto – sem ter a chance de demostrar ao personagem "tio" que o matou por causa da fama de ruim que precede o referido animal.

Seguindo essas reflexões acerca de tais substituições criativas, reiteramos com Held (1980) sobre a necessidade de cultivar a imaginação das crianças e aceitar suas intervenções criativas, e até alimentá-las, com o uso do conto para narração, ou para criação de um novo final, tal qual foi feito para criação de uma nova história a partir do texto fonte – a estilização.

O **Grupo 2** criou o conto estilizado *Chapeuzinho Verde*. Nele, há uma discussão sobre o amadurecer a partir da morte, como em *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória*, mas há, também, influência de todos os contos trabalhados em sala. O título escolhido, *Chapeuzinho Verde*, foi criado por uma componente do grupo, segundo ela, inspirou-se na fala do aluno **K**, anteriormente citada, e no quadrinho pintado por Wendell (*cf.* **FIGURA 36**), tanto quanto nos contos lidos. E assim foi feito, eles criaram a mais aclamada estilização da sala, conforme verificamos, a seguir:

Estilização 2 - *Chapeuzinho Verde*

> Era uma vez uma garotinha chamada: Chapeuzinho Verde. Certo dia, sua mãe pediu que ela levasse algumas frutas e outros alimentos saudáveis para o seu tio que estava um pouco doente e avisou:
> - Não fale com estranhos.
> Andando pela floresta Chapeuzinho Verde avistou um Lobo e ele lhe disse:
> - Olá garotinha! Vejo que está indo para o vilarejo. - Posso te mostrar o caminho mais curto?
> Chapeuzinho não podia conversar com estranhos, muito menos com um Lobo, de quem já ouviu muitas histórias.
> - Minha mãe disse que não posso conversar com estranhos.
> - Ora! Não tenha medo de mim, estou velho demais para devorar crianças indefesas.
> Ela sabia que estava descumprindo a ordem de sua mãe, mas não via a hora de ver seu tio, um velho lenhador que morava naquele vilarejo. Então, resolveu aceitar a proposta do Lobo. Caminhando e conversando com o Lobo, ela percebeu que ele não era quem todos diziam ser. Quando já estava chegando na frente da casa de seu tio, acenou para ele, que estava regando as plantas e se assustou ao ver sua sobrinha com um Lobo. Ele não lhe deu atenção, não quis ouvi-la e não pensou duas vezes antes de pegar sua espingarda e atirar no Lobo que caiu morto no chão.
> Chapeuzinho Verde chorou muito, e ficou tão triste que decidiu enterrá-lo. E sua tristeza foi tanta que colocou na cova dele sua capa verde com capuz,

> presente que havia ganhado de sua mãe, e, agora, junto com o Lobo, ela morria.
> Quando voltou para casa sua mãe perguntou:
> - Que olhos tão grandes são esses, minha filha?
> - Estão inchados de tanto chorar, pois comecei a ver coisas que não conhecia.
> -Que boca sem sorriso é essa?
> -É porque descobri que o mundo é mais triste que eu imaginava.
> -Por que está sem o capuz que protege seus ouvidos?
> -Porque a partir de agora eu preciso ouvir novas histórias.

No referido conto, os alunos conseguiram fazer pequenas alterações, seguindo os pontos principais das histórias lidas: o capuz da Chapeuzinho é conservado, mas muda de cor, ficando verde, como a fita da personagem de Guimarães Rosa; a personagem leva frutas para o tio - uma alusão à *Aline no Bosque Encantado*; e o lobo deixa de ser mau, mas pela fama que o precede sofre, pois, as pessoas não estão acostumadas a ouvir, mas sim, a julgar.

O **Grupo 3** produziu coletivamente duas narrativas: *As novas aventuras de Alice* e *A muito bela e a Fera.* No primeiro texto, observamos uma espécie de continuidade das peripécias vivadas pela personagem Alice, e apesar de ter um início igual ao texto matriz lido/ouvido de Carroll (2013), com uma personagem lendo um livro sem imagens, o restante da história acontece com novos e diferentes personagens. Dessa maneira, foi novamente explicado aos alunos que na estilização, não ocorre uma "traição" à organização ideológica entre os textos interligados (SANTANA, 1991), e que o tema original do texto matriz deve ser mantido, existindo, apenas, pequenas alterações.

Naquele momento, eles explicaram que haviam discutido sobre de o fato do texto estar muito diferente do original, e segundo eles, foi assim que a aluna **E** teve a ideia de estilizarem o conto *A Bela e a Fera* (BEAUMONT, 2010), e como em *Aline no Bosque Encantado*, apresentariam uma personagem negra com cabelo de tranças. Dessa forma foi feito, eles pegaram emprestado no Cantinho de Fadas/cantinho de leitura o clássico, *A Bela e a Fera*, e estilizaram, conforme visualizamos:

> **Estilização 3 -** *A muito Bela e a Fera*
> Era uma vez uma família que morava numa vila bem distante. Era formada pelo pai, e três irmãs. O pai era comerciante que faliu e a família perdeu todo luxo que tinha. As duas filhas mais velhas eram Maria e Joana, mas a bonita de todas era a mais jovem, Bela, uma menina negra, com longas tranças, que era possuidora de uma bondade e doçura indescritíveis e encantava a todos com sua inteligência, pois amava os livros.
> Um dia, o pai de Bela precisou ir ao vilarejo vizinho e perguntou às filhas:
> - O que vocês querem que eu traga?
> A filha mais velha respondeu que queria joias, a do meio queria vestidos e Bela como tinha consciência que ele não poderia trazer essas coisas, pediu-lhe uma simples rosa.
> Ao retornar do vilarejo, o pai de Bela estava tão sem dinheiro que nem uma rosa pode comprar, mas no caminho ele viu um castelo e um imenso roseiral.

E quando ele foi tirar a rosa para levar para Bela, um enorme monstro peludo, com dentes afiados apareceu, era o dono do castelo e do roseiral, a Fera.
A Fera prendeu o pai da Bela numa prisão, mas ele não era tão ruim como a sua aparência demonstrava, pois, o pai de Bela pediu para se despedir das filhas e a Fera permitiu, mas disse que se ele não voltasse, iria buscar ele. Quando o pai chegou em casa e contou a história, as irmãs mais velhas só quiseram saber se o castelo era grande, se a Fera era rica, nem pensaram no pobre pai na prisão. Somente Bela pensou nisso, e por isso, montou no cavalo mágico que a Fera emprestou ao pai dela, e como se ele tivesse um chip de memória ou usasse o *waze*, a galopes rápidos, que faziam suas tranças voar, fez o caminho de volta ao castelo.
Bela se deparou com o lugar mais "encantante" que já viu, aos 19 anos de sua vida. Entrou por uma porta cem vezes maior que o seu tamanho, e logo conheceu a Fera:
-Quem é você? O que faz aqui?
-Sou Bela. Vim por meu pai, senhor.
-Não me chame de senhor. Sou Fera.
-Se o senhor Fera permitir, vou ficar no lugar dele, pois ele está muito velhinho.
A ausência de medo, o gesto de gentileza e a doçura no olhar de Bela, provocaram algo na Fera que até então era desconhecido. E ele deixou aparecer um discreto sorriso.
Ao entrar no castelo, a menina, que era uma grande leitora, viu a biblioteca e logo desejou aqueles livros.
-Você me empresta alguns?
A Fera retrucou: -Como?
-São tantos livros que você tem. Pode emprestar um?
- Você deseja muitas coisas: ficar no lugar do seu pai, livros...
- Meu pai não merecia ficar preso.
-Ele tentou roubar minhas rosas!
-Mas as rosas eram para mim, disse a menina.
E ele diz com um sorriso nos lábios: - Pai, livros, rosas...
-Você é muito divertido, poderia ir a nossa casa uma hora dessa. Se bem que...
-Que?
-Agora sou sua prisioneira, e também, a minha casa, com quintal e tudo, cabe no canto esquerdo da sua casa.
E os dois deram uma larga gargalhada. Notadamente algo mágico estava começando ali.
A Fera e a Bela passeavam juntos pelo jardim do castelo, eles liam livros novos a cada semana e trocavam opiniões. Discutiam sobre os personagens e falavam sobre a possibilidade de mudar os finais.
Um dia, a linda menina, de tranças e pele da cor da noite, criou coragem e perguntou como ele conseguiu aquela aparência diferente.
Ele passou a contar sobre o encantamento que sofrera, que ele era uma pessoa muito egoísta e por isso, nunca conseguia fazer amigos. Ele disse que quando era humano, não ajudava ninguém e sempre queria tudo para ele. Mas que hoje ele estava arrependido de toda a maldade que fez as pessoas, e que gostaria de agir diferente, mas as pessoas só viam nele a fera que aparentava ser. Então, Bela dá um salto repentino e o envolve em um afetuoso abraço. A Fera abismou-se, mas retribuiu carinhosamente ao abraço da nova amiga.
De repente, os pelos do seu corpo começam a desaparecer, os enormes dentes encolhem, os olhos da, agora, ex-fera dá lugar a um belo rapaz. O feitiço foi quebrado com o poder da amizade pura que nascia entre eles e prometia durar para sempre.

Observamos a estilização na (re)caracterização da personagem chamada Bela, que, agora, é negra, com cabelo *black*, e consegue salvar a Fera através da descoberta do amor/amigo. A construção da amizade entre os personagens quebra o feitiço. Dessa maneira, não mais prevalece o amor do homem *versus* mulher, ou a presença do casamento, nem do viveram felizes para sempre - característico dos contos de fada. Fato que coaduna com a realidade dos alunos, pois, de acordo com o resultado do questionário diagnóstico aplicado, dos 35 alunos somente 30% afirmaram conviver em famílias tradicionais com pai, mãe e irmãos.

Após a criação coletiva das histórias estilizadas, cada grupo fez a apresentação da narrativa escolhida, na qual, identificamos os elementos da narrativa, bem como os, já citados, elementos intertextuais utilizados pelos alunos. Em seguida, foi feita a proposta do "Sarau Histórias mudam histórias" a ser feito no espaço do Conselho de Moradores, ao lado da escola, pois lá há um palco e espaço suficiente para acomodar todos os convidados.

Para iniciarmos a organização do evento, nas aulas subsequentes, foi feita a escolha dos contadores das histórias a serem contadas no dia do sarau, bem como o papel a ser desempenhado por cada aluno. Escolhemos juntos três alunos para apresentar o evento, e expliquei que a plateia seria composta por alunos do Ensino Fundamental e seus familiares, alguns professores entre outros convidados, descritos na próxima Etapa.

Foi com muito desenvoltura que os alunos decidiram, pelas características que conhecem uns dos outros, quem iria auxiliar no palco ou organizaria na noite anterior o espaço; e todas as funções foram atribuídas e aceitas sem maiores problemas; sempre que encontrávamos um espaço ou uma sala vazia na escola entrávamos para ensaiar. A título de ilustração, seguem as imagens do ensaio para o Sarau:

Figura 61 - Os divertidos ensaios para o Sarau

Fonte: Acervo pessoal

Finalmente, com funções definidas, roteiro em mãos, todos nós ansiávamos pela chegada do Sarau que construiu mais uma bela página em nossa história de vida.

3.10 SARAU HISTÓRIAS MUDAM HISTÓRIAS - **ETAPA X**

Segundo Fiorindo (2014), através de diferentes técnicas artísticas são possibilitados ao homem um encontro com o seu "todo"; ou seja, com o fato de pertencer a uma comunidade, num determinado momento, estando associado ao seu contexto social, cultural e universal. Nessa mesma vertente, aconteceu o "Sarau Histórias mudam histórias", em 26 de agosto de 2018, na sede do Conselho de Moradores, no bairro de Conjunto Pirajá, atrás do Colégio Estadual Césare Casali, um momento no qual a arte de narrar foi apresentada ao público convidado por alunos/anfitriões, do 9ª ano A.

Sobre o planejamento do Sarau, foi necessário muito mais ensaios com os alunos/anfitriões que o previsto, assim como surgiu a ideia de contratar uma contadora de histórias e o músico para enriquecer a atividade. Paralelamente, conseguimos parceiros voluntários e auxiliares/cicerones fantasiados para recepcionar os convidados. Ressaltamos que os alunos auxiliaram todo o tempo da organização, conforme visualizamos a seguir:

Figura 62 - Arrumação do espaço com a ajuda dos alunos e cicerones fantasiados

Fonte: Acervo pessoal

Dentre os convidados, tínhamos quase todas as turmas do Ensino Fundamental I, turno matutino, do nosso colégio, muitos pais/responsáveis de alunos, alguns professores, o diretor da escola, professor César Penelu, um representante da Secretaria da Educação, Oficiais da 9ª Companhia da Polícia Militar – situada ao lado do colégio; a orientadora da proposta de

intervenção, Prof.ª Drª. Priscila Peixinho Fiorindo/UNEB e a cantora Carla Visi, além de uma contadora de histórias – Sálua Chequer e Igor – um músico, além de voluntários para organização do espaço.

As atividades iniciaram-se às 09h00, três alunos apresentadores, do 9º ano A, deram as boas-vindas aos presentes, falaram sobre a proposta do "Sarau histórias mudam histórias". Explicaram as atrações que teríamos e convidaram ao palco a contadora Sálua Chequer e Igor, como observamos nas imagens a seguir:

Figura 63 – Alunos apresentadores

Fonte: Acervo pessoal

Figura 64 – Sensibilização com música e início da contação de histórias

Fonte: Acervo pessoal

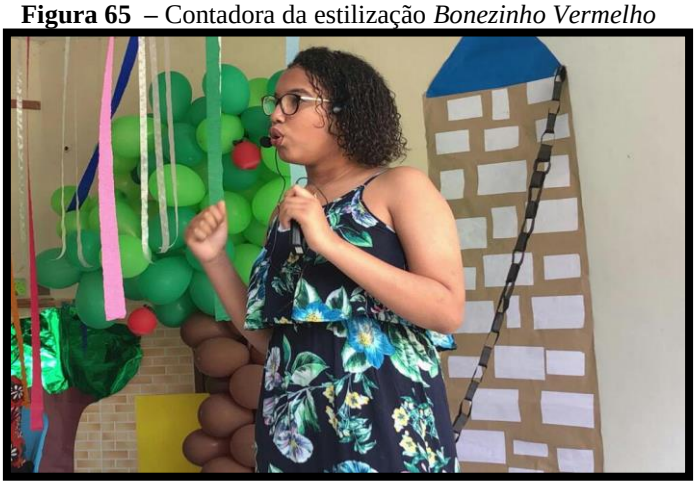
A contadora de histórias, Sálua Chequer, e o músico, Igor Reis, fizeram as atividades premilinares do Sarau, tocando e cantando cantigas de roda para iniciar. Depois, uma narrativa sobre um sertanejo foi contada. Houve o uso de parlenda, rimas infantis repetitivas, para trabalhar com a memorização e a fixação de alguns conceitos acerca da contação de histórias; além das atividades com percussão, que solicitou da plateia a imitação dos sons produzidos pelo

músico. E toda essa interação do público com a contadora causou um alvoroço nos espectadores.

Dando sequência, os alunos/apresentadores falaram sobre estilização e, a cada apresentação, eles citavam qual a modificação que o público poderia perceber na história. Na narrativa estilizada *Bonezinho Vermelho*, os alunos iniciaram a apresentação falando sobre os lobos serem vistos sempre como maus - discussão acontecida em sala e que gerou a estilização do grupo.

A seguir, a aluna contadora entra em cena e conta a história estilizada *Bonezinho Vermelho*:

Figura 65 – Contadora da estilização *Bonezinho Vermelho*



Fonte: Acervo pessoal

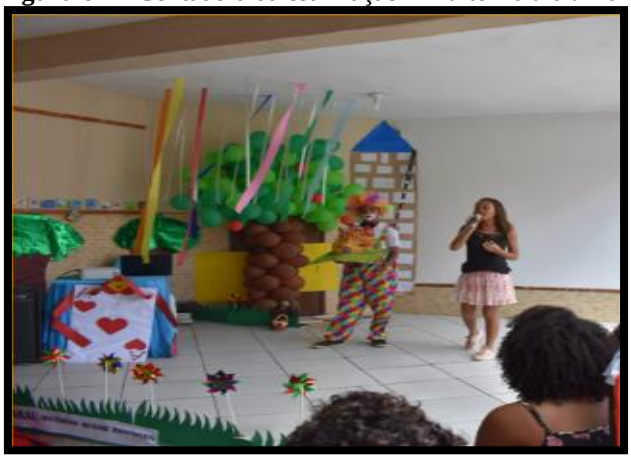
Em seguida, na apresentação de *Chapeuzinho Verde*, os apresentadores falaram rapidamente sobre os contos *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT,1985) *e Fita verde no cabelo: nova velha estória* (ROSA, 1992), depois convidaram a aluna contadora, para subir ao palco. Ressaltamos que, apesar de ser uma aluna muita expansiva em sala, **S** nunca aceitou contar em público, mas sempre ensaiava com os colegas e fazia muitas críticas ao perceber que estavam cometendo “deslizes”. Foi um dos momentos de maior emoção, pela história em si ter ficado muito centrada no que fora proposto e pela sensibilidade com a qual fora contada, conforme visualizamos:

Figura 66 - Contadora da estilização *Chapeuzinho Verde*

Fonte: Acervo pessoal

Durante as discussões em sala, os assuntos tratados geraram as temáticas das estilizações. A aluna representante do **Grupo 3** contou a estilização a partir do texto fonte *A Bela e a Fera*. Ela, inicialmente, explicou à plateia que, diferentemente das princesas brancas, as quais estamos acostumados, contaria a narrativa de uma linda mulher negra, também chamada Bela, fazendo referência ao texto matriz. Inicia a contação, e com a ajuda de um livro *pop-up* com um castelo, consegue mostrar a todos como a Fera foi salva do encanto através da descoberta do amor/amigo, como verificamos a seguir:

Figura 67 - Contadora da estilização *A muito Bela e a Fera*



Fonte: Acervo pessoal

Posteriormente, houve um momento em que os convidados - diretor da escola, Augusto César Penelu, a orientadora Prof.ª Drª. Priscila Peixinho Fiorindo e a cantora Carla Visi - falaram sobre a proposta do Sarau e a importância da prática de leitura na vida dos alunos, conforme visualizamos a seguir:

Figura 68 – Dir. César Penelu, Prof.ª Priscila e a cantora Carla Visi

Fonte: Acervo pessoal

Para o encerramento, seria projetado o filme curto *Aline no Bosque Encantado*, no entanto, ocorreu um problema no *Datashow* e as atividades foram substituídas pela apresentação da personagem Aline em boneca por dois alunos e, posteriormente, os alunos foram convidados a expor suas impressões da proposta de intervenção no palco, como verificamos nas imagens a seguir:

Figura 69 - Alunos falando sobre *Aline no Bosque Encantado*

Fonte: Acervo pessoal

Figura 70 - Alunos do 9ºA no palco falando sobre suas impressões

Fonte: Acervo pessoal

Houve uma grande surpresa para todos quando o aluno, **C**, que é tímido e geralmente não expõe seus pensamentos em sala, pediu o microfone e fez um elogio à professora: “A professora Carla é a melhor! ”. Depois, ele revelou, em particular, o quanto estava feliz por estar participando da proposta de intervenção. Tal fato nos remete a Alves (2004, p. 61), quando afirma que “a tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda”.

Neste contexto, observamos o pensamento anterior nos relatos de duas alunas para o *site* da Secretaria da Educação da Bahia, em que uma delas afirmou que a leitura desperta para o mundo, conduzindo-nos a um patamar mais elevado de conhecimento e o projeto aplicado ampliou o vocabulário e a levou ao conhecimento de autores que ela não conhecia; e a outra estudante disse que o sarau foi maravilhoso e divertido, e que ler era muito chato, mas depois do projeto da proposta de intervenção passou a ler mais, a escrever, chegando a melhorar nos estudos, conforme constatamos a seguir:

Figura 71 - Notícia sobre o Sarau no *site* da Secretaria da Educação

Estado da Bahia

escolas | estudantes | educadores | institucional

Estudantes e comunidade participam de sarau literário no bairro de Pirajá

O Colégio Estadual Cesare Casali, localizado no bairro de Pirajá, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, promoveu, na manhã desta quinta-feira (26), o sarau "Histórias mudam histórias". A atividade foi integrada com a comunidade e aconteceu na Associação de Moradores do bairro, no Conjunto Pirajá, com o objetivo de fomentar o interesse pela leitura, por meio do Projeto "Contação de histórias na formação do leitor".

A estudante Emilly Oliveira, 15, 9º ano, é uma das envolvidas no projeto. Ela fala que a iniciativa tem contribuído para estreitar sua relação com os livros. "A leitura nos desperta para o mundo e nos remete a um patamar mais elevado de conhecimento e este projeto ampliou meu vocabulário e me levou a conhecer vários autores, inclusive brasileiros, que eu não conhecia", revela a estudante.

O projeto também despertou o interesse pela leitura na estudante Raissa Ferreira, 15, também do 9º ano. Durante o sarau a jovem representou a personagem Emília, do Sítio do Picapau Amarelo – uma obra do escritor Monteiro Lobato. "O sarau foi maravilhoso e divertido, com belas apresentações e a participação de todos. Eu que achava que ler era muito chato, hoje pratico como um exercício para minha mente. Depois do projeto passei a ler mais, a escrever, a buscar informações e até melhorei nos estudos", comemora a estudante.

A professora e coordenadora do projeto, Carla Julita Duarte, fala sobre o impacto da ação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. "Estamos desenvolvendo este projeto desde o mês de maio deste ano. Após a aplicação do projeto na unidade, percebemos que os estudantes começaram a desenvolver um interesse especial pela leitura. Além das leituras coletivas, criamos na escola, também, um espaço chamado de cantinho da leitura e o sarau é mais uma ação, muito empolgante, recheada de atividades como contação de histórias, apresentações dos estudantes e roda de conversa", conta.

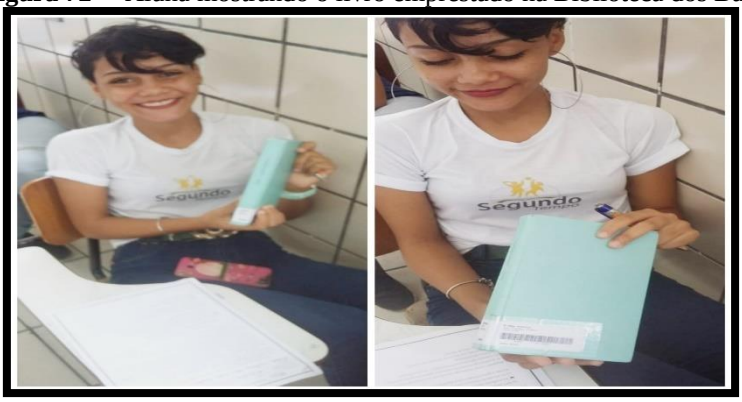
Notícias Relacionadas

Fonte: http://estudantes.educacao.ba.gov.br/noticias/estudantes-e-comunidade-participam-de-sarau-literario-no-bairro-de-piraja

Conforme observamos, as emoções positivas despertadas nos alunos os levaram ao desejo de aprender mais a partir da leitura. Por tudo isso, anuímos com Fiorindo e Wendell (2017, p. 3) que, durante as atividades, utilizar elementos criativos e afetivos estimula o aluno a se interessar pelo conteúdo com o qual mantém contato, pois "contribui para que ele aprenda experimentando com sentimentos e emoções aquilo que está sendo trabalhado".

No dia seguinte, após o Sarau, refletimos sobre o processo de execução das atividades, em que as imagens das ações durante a proposta de intervenção foram relembradas e os alunos observaram e reverenciaram a experiência desde a primeira oficina, passando pelo passeio à Biblioteca dos Barris e, depois, à visita a escola vizinha. E neste momento, a aluna **L** disse: "Quem foi a única aluna a ir à biblioteca depois que a gente esteve lá? ". A referida aluna, mostrando o livro aos colegas e à professora, após ter ido à biblioteca:

Figura 72 – Aluna mostrando o livro emprestado na Biblioteca dos Barris



Fonte: Acervo pessoal

Entre risos e falas sobrepostas, alguns disseram que irão, outros que dependiam da mãe, outros disseram não ter recurso financeiro para o transporte, mas que vontade não lhes faltava; e que a excursão ao espaço cultural dos Barris e a visita à escola General *Labatut* para a contação de histórias foram momentos inesquecíveis.

Sobre o Sarau todos disseram que tudo estava muito bonito, e que foi uma sensação agradável observarem os colegas de outras turmas ficarem perguntando sobre o evento. Ainda, segundo alguns deles, sentiram-se importantes ao serem chamados de anfitriões do evento, e outros falaram sobre a emoção dos familiares presentes. Um dos alunos informou que sua mãe ficou muito emocionada, chorou bastante durante o Sarau e depois postou uma foto com dedicatória, nas redes sociais, para a turma e para a professora. Para ilustrar, seguem imagens do referido momento:

Figura 73 - Momento de avaliação do Sarau histórias mudam histórias

Fonte: Acervo pessoal

Neste momento, foi respondido, por todos os presentes, um questionamento sobre o quantitativo de livros vistos ou vídeos assistidos desde o início dos trabalhos. Foi comprovado que, durante o período de aplicação da proposta de intervenção, os alunos aumentaram o quantitativo de livros lidos, isso em comparação com as declarações feitas em questionário anterior, nas quais poucos alunos declararam serem leitores de mais de cinco livros por ano. E muitos disseram que levar os livros para casa, emprestá-los aos irmãos e primos, além de ler para eles, foi uma experiência significativa que transformou a maneira de ver os livros, principalmente os contos de fada, e ainda aguçou seus desejos por novas leituras.

3.11 PRÊMIO CRIANÇAS MAIS SAUDÁVEIS – FUNDAÇÃO NESTLÉ

Ao final da construção da proposta de intervenção, após aprovação no Exame de Qualificação, a orientadora desta proposta de intervenção, Prof.ª Drª. Priscila Peixinho Fiorindo/UNEB informou-me sobre a oportunidade de inscrição no Prêmio Crianças Mais Saudáveis da Fundação Nestlé[23], cujo Edital tinha como objetivo o estímulo ao comportamento saudável em alunos das escolas públicas brasileiras, e os projetos deveriam estar voltados para, entre outros requisitos, a prática da educação alimentar e nutricional.

[23]Disponível em: https://portal.uneb.br/noticias/2018/07/05/mestranda-recebe-premio-por-projeto-literario-que-incentiva-alimentacao-saudavel/

Tal informação coadunou perfeitamente com a proposta de intervenção a ser aplicada nesta pesquisa, visto que escolhemos como material de trabalho o conto estilizado *Aline no Bosque Encantado* (MELO, FIORINDO e SACRAMENTO, 2017) que trata da temática da alimentação saudável.

Dessa forma, foi criado o Projeto *Alimentação Saudável: uma história a ser contada*, alinhado à proposta de intervenção, pois nele os alunos também contaram histórias e partiram do referido conto estilizado, cuja temática foi justamente a solicitada pelos organizadores do Prêmio. E o projeto submetido venceu entre, quase, 400 concorrentes.

No projeto, também, temos como protagonistas os sujeitos desta pesquisa, os alunos do 9º ano A, do turno matutino, que são e serão os multiplicadores para as demais turmas do Ensino Fundamental, sob a orientação dos professores das disciplinas – Língua Portuguesa e Artes, pois, a proposta construída transita pela produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, assim como, na de Artes com a encenação; e, nas duas, temos, principalmente, a contação de histórias. Segue imagem, em um dos momentos, da sessão de contação de histórias, que está acontecendo, após as **Etapas** desta dissertação:

Figura 74 – Contação da história *Aline no Bosque Encantado* – alunos contadores / 9º ano

Fonte: Acervo pessoal

Considerando o trabalho de conscientização de hábitos alimentares saudáveis na escola, trabalhado na proposta de intervenção, junto com o Projeto "Alimentação Saudável uma história a ser contada" – Prêmio Crianças mais Saudáveis Nestlé, percebemos que, além de movimentar as atividades escolares, proporcionando a ampliação do contato dos alunos com livros, estamos conscientizando os aprendizes da importância de uma alimentação saudável.

Em uma das oficinas do projeto Nestlé, a turma do 8º A criou uma estilização do clássico Cinderela (PERRAULT, 1985) na qual a transformação da borralheira para ir ao baile acontece quando a sua fada madrinha lhe oferece frutas, bem como a madrasta - a antagonista, durante todo o tempo manda que a Cinderela coma doces para ficar sem saúde. A narrativa foi estilizada pelos alunos da referida turma que, depois, a transformaram em uma peça teatral que será encenada, juntamente com outras histórias estilizadas, no dia da culminância do projeto – 07 de dezembro de 2018.

Assim, as bruxas, fadas, lobos, princesas e príncipes ainda passeiam pelas salas da unidade escolar dando vida/movimento às atividades desenvolvidas e formando novos leitores. Seguem imagens para ilustrar a execução do projeto:

Figura 75 – Ensaios das peças e da contação de histórias

Fonte: Acervo pessoal

Ressaltamos que o material desta proposta intervenção está sendo reaproveitado no projeto Nestlé, e também que a escola recebeu um aporte de R$ 35.000,00 mil reais para prover as atividades a serem desenvolvidas. Então, foram adquiridos variados vestuários, equipamentos eletrônicos, além de, caixas de livros paradidáticos - para aumentar o acervo dos nossos espaços de leitura. Além disso, fizemos reformas em uma das salas de aula, que agora é um “Multiespaço” para atividades lúdico-recreativas e construímos uma horta para a comunidade escolar, em área ao fundo da escola, conforme imagem:

Figura 76 – Horta construída

Fonte: Acervo pessoal

Com esse movimento, os comportamentos estão sendo modificados; tanto os alimentares quanto os leitores. Uma das alunas, envolvida no projeto, em entrevista à TV E[24], declarou que a partir do conto estilizado *Aline no Bosque Encantado*, trabalhado em sala, criou a consciência de que comer uma fruta, no lugar do biscoito recheado, é melhor; da mesma maneira que diminuir o "pratão" que fazia durante o almoço são comportamentos que conseguiu alterar após contato com o conto mencionado.

A referida entrevista foi editada, mas em sua versão sem cortes, a aluna ainda declarou que não conseguiu mudar completamente seus hábitos alimentares, mas que já despertou a consciência acerca do alimento que faz bem ou mal, conforme visualizamos na seguir a imagem:

Figura 77 – Entrevista à TVE sobre *Aline no Bosque Encantado*

Fonte: Acervo pessoal

[24] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hyRBRwrMH5c&feature=youtu.be

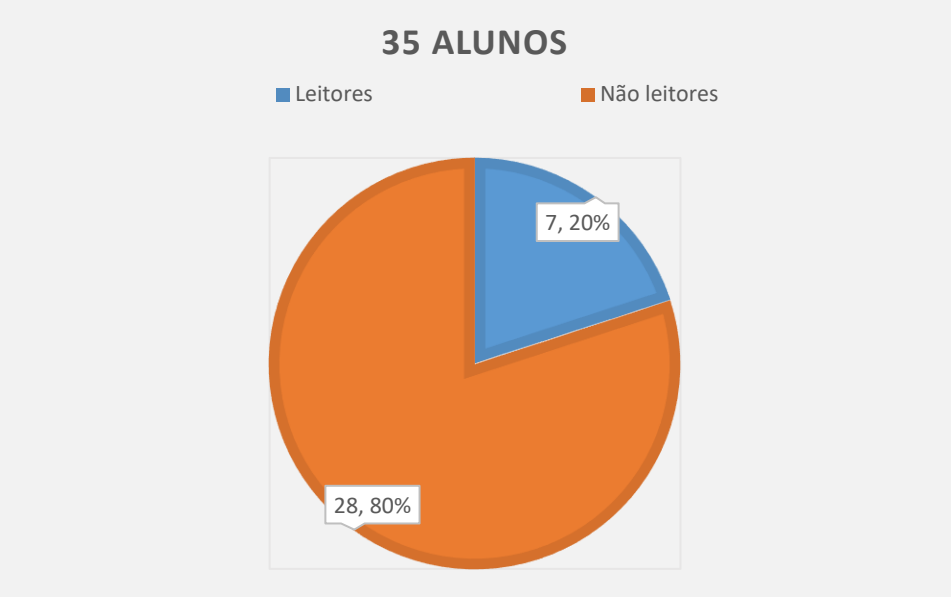
O envolvimento dos alunos, neste projeto, foi pleno, pois a proposta de intervenção serviu como respaldo para as práticas aqui desenvolvidas. Ademais, tivemos no Sarau, feito na última **Etapa**, como convidados, todos os alunos do Ensino Fundamental que testemunharam a alegria daquele momento, e prontamente se dispuseram a participar dessa nova e similar proposta, pois, queriam vivenciar uma experiência como aquela assistida. E anuindo com Held (1980), cultivamos, ali, a imaginação das crianças e fugimos de um padrão pré-estabelecido de comportamentos, alimentado a criatividade delas, através do lúdico.

4 ANTES, DURANTE E DEPOIS: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Reafirmando o respaldo teórico das atividades, baseadas na perspectiva educacional de Wendell (2013), metodologicamente dividida em três etapas – antes, durante e depois, fizemos uma análise dos resultados obtidos nos três períodos. Aqui, apresentamos os dados de antes da aplicação da proposta de intervenção seguidos do durante e o depois para, posteriormente, finalizarmos com os resultados alcançados, bem como os dados relativos à contação de histórias.

Inicialmente, averiguamos que, em questionário, os 35 alunos – sujeitos da pesquisa, mencionados em 2.2, em relação ao contato com a leitura, afirmaram num percentual de 80% que não são leitores de livros, restando um total de 20% autodeclarados como leitores. Resultado graficamente representado assim:

Gráfico 1 – Dados iniciais



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os 7 alunos que se autodeclararam leitores, houve a informação de já terem lido mais de 5 livros, os demais informaram que nunca leram um único livro. No decorrer das atividades, em razão de todas as estratégias utilizadas, o referido quantitativo cresceu. E a **Tabela 3** que segue, representa esses quantitativo de livros lidos pelos 35 alunos durante a intervenção. Ressaltamos que dos livros lidos, durante o projeto, 90% são pertencentes ao Cantinho da Leitura e os 10% restantes referem-se à troca entre o grupo – professora e alunos:

Tabela 3 - Durante a aplicação do projeto – número de livros lidos

NÚMERO DE LIVRO(S) LIDO(S)	NÚMERO DE ALUNOS
0	0 aluno
1	1 aluno
5	6 alunos
6	8 alunos
7 ou mais	20 alunos

Fonte: Elaborada pela autora

Como observamos, o número de alunos que leram durante a proposta aumentou significativamente em relação aos dados iniciais, pois, além das estratégias utilizadas nas atividades mencionadas na **Seção 3**, ao oportunizarmos aos alunos a possibilidade de levarem livros para casa, com a inauguração do Cantinho de Fadas, tivemos um aumento relevante de alunos que mantiveram contato com livro, em casa e na escola. Somente um aluno declarou não ter emprestado livro do referido cantinho de leitura, tendo sido a sua única leitura durante o projeto o livro *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, que foi trabalhado em uma das etapas da proposta.

Após 42 dias do término da proposta de intervenção, percebemos uma diminuição no número de alunos que conservaram o contato com o livro, em comparação com o resultado obtido durante o processo de aplicação, numa proporção de 26% da turma, ou seja, 9 alunos deixaram de ler em contrapartida aos 74% que mantiveram o comportamento leitor - 26 alunos, conforme visualizamos a seguir:

Tabela 4 - Depois do projeto – número de livros lidos

NÚMERO DE LIVRO(S) LIDO(S)	NÚMERO DE ALUNOS
0	9 alunos
1	5 alunos
2	4 alunos
3	17 alunos
4 OU MAIS	0 alunos

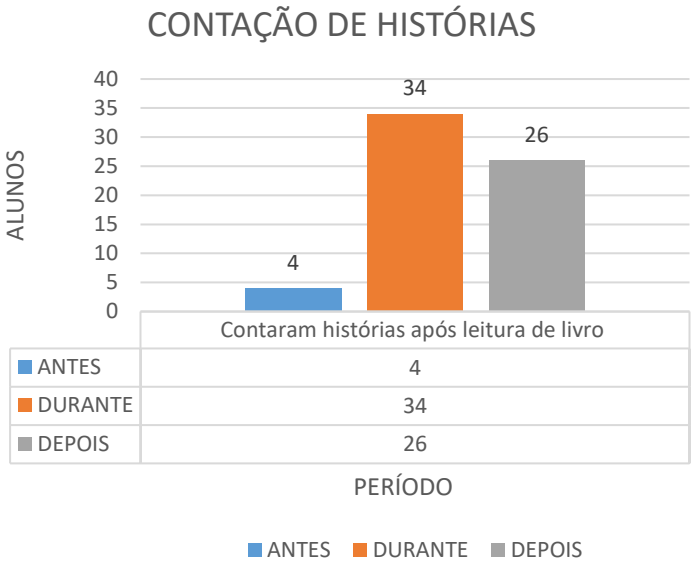
Fonte: Elaborada pela autora

No entanto, em paralelo à citada diminuição do número de livros lidos após o projeto, registramos um aumento no percentual de livros lidos por uma parcela dos alunos, 17 alunos leram 3 livros em menos de dois meses de término da proposta de intervenção. Tal fato deve-se à participação deles nas Oficinas de Contação de Histórias que fazem parte do Projeto *Alimentação Saudável: uma história a ser contada*, mencionado em 3.11, em que eles levam

os contos de fada clássicos e seus contos estilizados resultantes da proposta de intervenção aos alunos dos 6º,7º e 8º anos para que as práticas da leitura e da contação de histórias sejam reproduzidas.

Quanto ao fato de ouvir histórias, durante o projeto, a totalidade da sala respondeu ter ouvido histórias - na escola, e também durante a visita à biblioteca. E quanto à contação de histórias, conforme questionário inicial (cf. **APÊNDICE 1)**, verificamos que, anteriormente à aplicação da atividade, somente 12%, ou 4 alunos, informaram já ter contado uma história após ler um livro. Durante a proposta de intervenção, comprovamos que 97% deles passaram pela experiência da contação e após o término da atividade, 77% ou 26 alunos afirmam continuar com a prática do contar, conforme observamos:

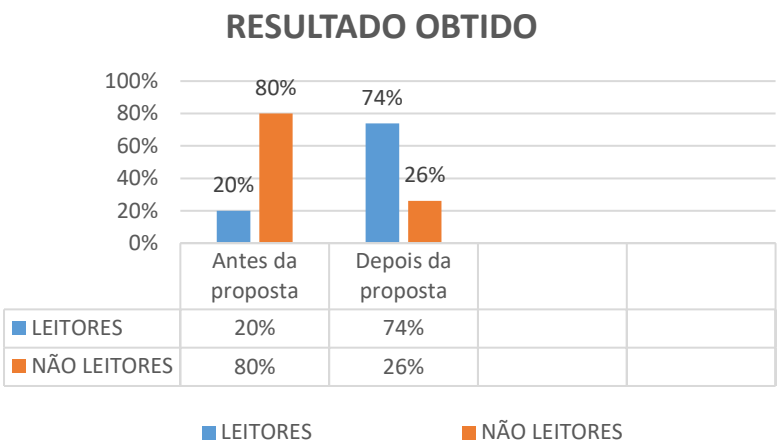
Gráfico 2 – Contação de histórias: antes, durante e depois da proposta de intervenção



Fonte: Elaborada pela autora

Após a aplicação da proposta de intervenção, verificamos que houve uma mudança significativa, com um aumento de 54% no percentual de alunos autodeclarados leitores em comparação ao dado inicial, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Resultado final – leitores x não leitores



Fonte: Elaborado pela autora

Ressaltamos que, mesmo tendo notado um decréscimo no número de alunos que mantiveram o contato com livros ao término da proposta, conforme **Tabela 2**, ainda encontramos um resultado positivo como resposta às intervenções, pois a redução foi de apenas 26% dos 35 alunos, ou seja, 9 alunos.

Da mesma maneira que, se confrontarmos o resultado inicial de 80%, no que se refere à prática da leitura; com o resultado final, no qual 74% de alunos autodeclaram-se leitores, poderemos comprovar o êxito da proposta de intervenção aplicada.

5 UMA HISTÓRIA SEM FIM?

Ao findarmos as atividades, conseguimos estimular o potencial cognitivo e criativo através da estilização e da contação de histórias, pois, despertamos o interesse dos aprendizes pela narrativa através da vivência de emoções, da fantasia e da imaginação contidas na Literatura Infantil e Juvenil, objetivos delineados ao iniciarmos a proposta de intervenção.

Fim de uma história e o início de muitas outras. Afinal, a educação é, por natureza, dinâmica e flexível, devendo ser continuamente interrogada e reinventada como prática social, mas, em se tratando desta história, sim, é o final. Pois, terminamos mais uma história a ser contada sobre o ato de educar em uma das muitas escolas públicas brasileiras que, quando situadas, em regiões carentes do interior ou da capital, onde a escassez de recursos e a infraestrutura deficitária não colaboram com as atividades desenvolvidas em sala, torna-se um desafio diário a ser enfrentado pelo professor.

Quando o dissabor do ônus das dificuldades enfrentadas encontra o bônus do êxito na satisfação de um trabalho realizado com afinco, planejamento, criatividade e compromisso, resulta numa equação positiva para a modificação de comportamentos dos alunos. Neste trabalho, ao utilizarmos a leitura/contação de histórias, agregamos novos valores culturais às vidas dos alunos/sujeitos da pesquisa-ação, a partir do contato com contos de fada, clássicos e estilizados, que contribuíram para a formação deles enquanto leitores.

Nesse cenário, consideramos que o estímulo à criatividade na contação de histórias, dentro e fora da sala de aula, impulsionou a prática da leitura pelos alunos, favorecendo o afeto entre eles, familiares e comunidade escolar, e também na (re)construção de seus mundos leitores. Paralelamente, auxiliou na consolidação de suas identidades, pois, parafraseando Bauman (2005), a identidade surge do empenho em recriar a realidade.

Salientamos que o nosso objetivo geral de despertar o interesse pelo mundo da leitura por meio da contação de histórias dos contos de fada estilizados foi alcançado, na medida em que os alunos aprenderam a se aproximar dos livros devido às alterações na estrutura física da escola e das atividades desenvolvidas na aplicação da proposta de intervenção. Os livros selecionados no Cantinho das Fadas despertaram-lhes a mágica sobre a qual explana Chesterton (2008), um sentimento relacionado à compreensão do extraordinário, e que não encontra em si mesmo uma explicação para ter acontecido, pois a imaginação foi utilizada de maneira ilimitada.

É usufruindo desse sentimento de êxito que concluímos nossas atividades nessa jornada de histórias que modificaram outras histórias, sobretudo, nas contribuições oportunizadas em

cada uma das etapas da proposta de intervenção. Cabe ressaltarmos, novamente, que, esta proposta surgiu da necessidade de uma intervenção mediante o cenário observado onde alunos repetiam: “Não suporte ler! ” e “Eu odeio ler! ” com muita frequência, e hoje, protagonizam atividades de leitura na escola, fazem troca de livros, retiram livros do espaço de leitura criado, além de irem ou desejarem ir à biblioteca pública, um local que os encantou.

E por falar em biblioteca, tratamos aqui de uma escola na qual não havia biblioteca nem um ambiente de leitura, e hoje, embora ainda não haja biblioteca, já existe um projeto de implantação da mesma, e já possui dois espaços leitores – sendo um fixo (*cf*. **APÊNDICE 2**) e um móvel (*cf*. **APÊNDICE 3**), utilizados pelos alunos dos três turnos do colégio. Essa é uma comprovação de que a intervenção proposta está gerando uma modificação positiva na referida escola.

Nada disso seria possível sem as contribuições do Mestrado Profissional com a proposta de identificação de um problema de aprendizagem e fomentação de um programa interventivo, no qual as teorias fundamentem a prática docente com vistas à construção de aprendizagens. Tais resultados correspondem ao envolvimento de uma tríade: de um lado, professores motivados a cumprirem seus papéis de mediadores, na formação continuada, de outros professores da educação básica, de outro, uma professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II em busca de respostas para as inquietações inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, por fim, estudantes ávidos de uma atuação pedagógica mais significativa e próxima de suas realidades. Esse é a razão e a finalidade do PROFLETRAS/UNEB, *Campus* V, contribuindo para melhores resultados na escolarização de crianças e jovens.

Consideramos que o processo foi gratificante para todos, pois tivemos atividades diferenciadas, nas quais a criatividade imbricada com conteúdo preencheu as aulas com muitas novidades, cores novas, roupas diferenciadas, e um Cantinho da Leitura e/ou de Fadas à disposição deles, dentro e fora da sala de aula. E, mesmo que não tenhamos como afirmar que, a partir de agora, os alunos farão da leitura de livro uma companhia diária, estamos cientes que, ao possibilitarmos o contato deles com o livro e com os espaços leitores de forma criativa, criamos, na maioria deles, essa identidade leitora, e por isso, muitos passaram a denominar-se como leitores.

Nessa situação, consideramos ser necessário um trabalho ampliado para manutenção de tal sentimento despertado, a exemplo de atividades literárias, clubes de leitura, novas atividades extraclasse, sessões de contação de história entre outros que julgamos serem imprescindíveis estratégias de manutenção nas atividades que auxiliem na formação do aluno leitor. A exemplo das Oficinas de Contação de História do Projeto *Alimentação Saudável: uma história ser*

contada, que está ocupando os alunos participantes desta proposta, de compartilharem seus contos estilizados com as demais turmas da escola, os alunos contadores estão a todo vapor.

As referidas ações de continuidade são factíveis, assim como foram as propostas aqui apresentadas. Essa intervenção requereu uma fuga da rotina, um movimento constante e transformador, uma busca de parcerias, dentro e fora da escola, e isso, foi algo inovador na minha experiência docente. Nesse movimento, descobri que a gentil senhora da merenda, Dinalva Petry, é, também, uma habilidosa costureira. Além de encontrarmos no bairro pessoas que, voluntariamente, estão dispostas a nos ajudar, como Fabrícia Oliveira, a contadora de histórias; da mesma forma que as redes sociais são uma aliada para fazermos contatos que contribuem com o desenvolvimento do trabalho na escola, como a cantora Carla Visi – que, ao ser contatada, prontamente, abraçou a ideia de ir ao Sarau.

Agora, surgiu um questionamento: este é realmente o fim ou seria o começo da história? É o fim de um ciclo que enfrentou muitos percalços, sendo permeado por alunos que diziam odiar ler, especificamente os livros, mas é, também, o ponto de partida na descoberta da contação de histórias como uma estratégia lúdica e eficaz de encontro com a leitura, porque, novos horizontes foram abertos e deram aos alunos um passaporte para histórias com possíveis finais felizes.

Cabe-nos, enquanto professores em uma realidade adversa, utilizarmos estratégias que nos auxiliem na condução das nossas atividades. E aqui fica a certeza de que as discussões apresentadas neste trabalho representam um início que necessita de desenvolvimento futuro, tornando esta uma história sem fim.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Ao meu professor com carinho*. São Paulo: Verus, 2004.

AMARAL, Liane Monteiro Santos. *O Convite das Histórias nos processos de encenação:* avaliando estratégias artísticas para a Educação em valores humanos na infância no Projeto segundo turno na escola no Município de Madre de Deus. Fundação Baiana para o Desenvolvimento das Ciências, Instituto Hólon. Curso de Pós-Graduação em Educação Transpessoal. Salvador/Bahia, 2004.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narra**tiva.** *In*: *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA BAHIA. *Histórico*. Disponível em: <http://www.bibliotecas.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=42>. Acesso em novembro de 2018.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**.** *In*: *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. *Lei n° 12.224 de 24 de maio de 2010*. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de maio de 2010. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, Língua Portuguesa. Brasília/DF:MEC/SEF,1998.

BRITO, Bruna Perrela. *Alice no País das Maravilhas*: Uma Crítica à Inglaterra Vitoriana. Universidade Presbiteriana Mackenzie.<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/BrunaBrito.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2013.

CHAVES, Rodrigo Pádua e PEZZUTI, Juarez. *Etnografia e manejo de recursos naturais pelos índios Deni, Amazonas, Brasil*, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/aa/v39n1/a13v39n1.pdf.Acesso em junho de 2018.

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. Tradução Cláudia Albuquerque Tavares. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

CRUZ, Elaine. *Estudo mostra que 40% das crianças até 14 anos no Brasil vivem na pobreza*: As regiões Norte e Nordeste apresentam as piores situações. Disponível em <https://bit.ly/2mKZllq>. Acesso em maio de 2018.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DRUMMOND, Ferreira. *Alunos contadores de história*. Disponível em: <http://dadrummondparaomundo.blogspot.com.br/2015/11/alunos-contadores-de-historias.html> Acesso em março de 2018.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Recordar é preciso. Considerações sobre a figura do griot e a importância das suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira*. Belo Horizonte. Online, v. 18 p.115, 2012.

FIORINDO, Priscila Peixinho e WENDELL, Ney. *Literatura infantil em cena*: o teatro como estratégia pedagógica. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 5, p. 113-129, jul. / dez. 2014 a.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *Arteterapia e Psicologia Analítica*. Revista Pandora Brasil - Nº 61 Abril de 2014 b - ISSN 2175-3318 - "Arte em terapia". Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao61.htm >. Acesso em agosto de 2018.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *Projeto de Pesquisa Contos Estilizados e Desenvolvimento Cognitivo*. UNEB, 2013 a.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *A imagem como passaporte para o mundo imaginário das histórias*. *In*: Estudos Linguísticos, São Paulo, 42 (2): p. 937, maio - ago 2013 b.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *O papel da memória construtiva na produção de narrativa oral infantil a partir da leitura de imagens em sequência*. 2009. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi: 10.11606/T.8.2009.tde-03022010-155318. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

FIORINDO, Priscila Peixinho. *A didática do conto maravilhoso e desenvolvimento da imaginação*. Trabalho de Graduação Interdisciplinar. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLIAN, Dante. *A literatura como remédio os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GOMES, Adriano Lopes. *O contador de histórias na perspectiva da formação do leitor: um estudo de caso*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*: as crianças e a literatura fantástica**.** São Paulo: Summus, 1980.

KIRUKU e a Feiticeira. Direção Michel Ocelot. França: Gébek Films,1998. 74 min, cor. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=SZt0MskjWiY**>.** Acesso em junho de 2018.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semanálise*. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva S.A., 1974.

BRIKAMA Griots. 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u6MY3v-WA94>>**.** Acesso em junho de 2018.

LIMA, Heloisa Pires. *Histórias da Preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LIMA, Thardelly Pereira. *O Ator Contador***.** IX Congresso da ABRACE. Uberlândia/MG. 2016.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2014.

MELO, Ítalo Leite de; FIORINDO, Priscila Peixinho; SACRAMENTO, Welder França do. *Aline no Bosque Encantado*. Rio de Janeiro: Darda, 2017.

MESERANI, Samir. **O intertexto escolar:** sobre leitura, aula e redação**.** São Paulo: Cortez, 1995.

NASCIMENTO NETO, João Evangelista do. *RAPSÓDIA NO SERTÃO*: Do "Códex" à tela, a trajetória da trupe do Auto da Compadecida. Dissertação de Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Universidade Estadual de Feira de Santana /UEFS. Feira de Santana/Bahia, 2006.

NOGUEIRA, Mariana. *Número de leitores no Brasil sobe 6 pontos percentuais entre 2011 e 2015, diz pesquisa*. Disponível em: < https://glo.bo/2HFU5Ky >. Acesso em março de 2018.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Cortez, 1985.

PINA, Patrícia Kátia da C. A criança, o livro e a formação do gosto pela leitura literária. *Revista Semioses*. Rio de Janeiro. Vol. 01. N. 05. Agosto de 2009.

PROPP, Vladmir. *As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso*. Trad. Rosemary Cosrhek Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RAMALHO, D. et al, Pietro Benita (Org.). *Contadores de história*: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: Pietro Produções Artísticas, 2011.

RAMOS, Ana Claudia. *Contação de histórias*: um caminho para a formação de leitores? Londrina, 2011.

ROSA, Guimarães. *Fita Verde No Cabelo Nova Velha Estória*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Cia*. São Paulo: Ática, 1991.

SANT'ANNA, Afonso Romano et al, Pietro Benita (Org.). *Contadores de história*: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: Pietro Produções Artísticas, 2011.

SANTOS, Maria Silvana de Sousa. *Criatividade na Educação - caminho para autonomia*: um olhar a partir da Feira da Criatividade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará Instituto de Ciências da Educação Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação. Belém do Pará, 2015.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Linete Oliveira de Souza e BERNARDINO, Andreza Dalla. *A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental***.** Revista de Educação Educere et Educare**.** 9 Vol. 6 nº 12 jul. /dez. 2011.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar e contar histórias*. 4. ed. Rio de Janeiro:Conquista,1964.

TELES, Lília. *70% dos brasileiros não leram em 2014, diz pesquisa da Fecomércio-RJ*. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>. Acesso em março de 2018.

WENDELL, Ney. *Dinâmicas de integração*: para formar grupos vencedores**.** Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

WENDELL, Ney. *Estratégias de Mediação Cultural para a formação de público*, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CloxtP_9Zo0> aos 11minutos. Acesso em novembro de 2017.

WENDELL, Ney. *A mediação teatral na formação de público*: O projeto C*uida Bem de Mim* na Bahia e as experiências Artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec. 2011. Tese de Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO AOS ESTUDANTES

Prezados (as) estudantes do Colégio Estadual Césare Casali, 9º ano, turma A, matutino, vocês compõem um grupo que está sendo pesquisado pela professora Carla Julita Duarte Pinto, através da pesquisa, *"ERA UMA VEZ..." um mundo encantado da criatividade para formação leitora*, realizada sob orientação da Profª. Drª. Priscila Peixinho Fiorindo. Este trabalho é fruto de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, curso da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* V.
Pelas razões expostas acima, solicitamos que respondam, de forma verdadeira, às perguntas que seguem:

NOME: _____

1. Sexo:
( ) Masculino. ( ) Feminino.

2. Qual a sua idade? _____

3. Em qual bairro você reside no município de Salvador?
_____
4. Você se considera um leitor de livros?
( ) Sim. ( ) Não.

5. Quantos livros você já leu?
( ) 0. ( ) 1. ( ) 2. ( ) 3. ( ) 4. ( ) 5. ( ) Mais de 5.

6. Quem na sua casa costuma ler livros, revistas ou jornais?
_____

7. Você costuma ou costumava ouvir histórias em sua casa?
( ) Sim. ( ) Não.
Se a resposta for SIM, quem conta ou contava_____

8. Você já escreveu uma história?
( ) Sim. ( ) Não.

Se a resposta for SIM, informe quando _____

9. Você já contou uma história depois de ler um livro ?
( ) Sim. ( ) Não.

Se a resposta for SIM, para quem conta ou contava_____

10. Você já foi a uma biblioteca pública?
( ) Sim. ( ) Não.

Se a resposta anterior foi SIM, qual o nome da biblioteca?
_____

11. Você conhece os contos de fada?
( ) Sim. ( ) Não.

Se a resposta anterior foi SIM, cite o nome de um.
_____
12. Com quem você mora?

_____

13. A casa em que vive é própria?
( ) Sim. ( ) Não. ( ) Moro com parentes - avós,tios etc.

14. Você considera a situação financeira de sua família:

( ) PÉSSIMA ( ) RUIM ( ) BOA ( ) ÓTIMA ( ) EXCELENTE

15. Complete a frase:

MEU MAIOR DESEJO É_____.

OBRIGADA PELAS RESPOSTAS!

APÊNDICE 2 – ESPAÇO FIXO DE LEITURA

APÊNDICE 3 – CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO MÓVEL DE LEITURA

ANEXO 1 – TEXTO À AUTORA DA DISSERTAÇÃO

Homenagem do Prof. Dr. João do Nascimento Neto à autora desta Dissertação, lida pelo referido professor no dia da defesa em 29/11/2018.

Era uma vez...

- Um sonho, uma família, amigos, um trabalho, uma profissão, uma mulher, uma professora, uma vida...

Era uma vez...

- Um mestrado, um caminho, outro caminho, e mais outro...

Era uma vez...

- Um conto de fada, uma sala de aula, uma escola pública...

Era uma vez...

- Um esforço, uma escrita, outros trabalhos, noites sem dormir.

Era uma vez...

- Uma dúvida, um receio, o medo, o futuro à frente.

Era uma vez...

- O sonho, que nunca morreu e um projeto materializado em sala e compartilhado com a escola e 35 alunos.

Era uma vez...

- Uma tarde de quinta, uma sala repleta de colegas, amigos, familiares, entes queridos.

Era uma vez...

- Um ambiente mágico, uma dissertação e uma banca.

Era uma vez...

- Uma defesa, e outra vez um sonho que se renova em cada etapa apresentada, na certeza de que não há certezas na educação, ou ideias prontas ou soluções definitivas, mas há a possibilidade de trabalho, de investimento e de vontade de fazer, de agir e de propor a mudança

Era uma vez...

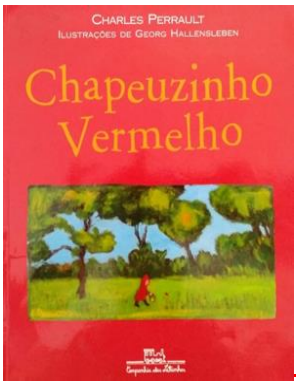
- Uma professora, educadora, aluna/discente, insistente, mulher lutadora, uma nova mestra em Letras.

Era uma vez...

- Um conto de fadas que mostra que as fadas/princesas não precisam ser mágicas ou de ficção. Essa fada princesa é de carne e osso, é professora, é humana e está aqui em nosso meio;

É a guerreira, livre, jovem, suave como seu nome: “Carla Julita”.

ANEXO 2 – CHAPEUZINHO VERMELHO



Era uma vez uma menininha do campo, a mais bonita que já se tinha podido ver; sua mãe era louca por ela, e a avó, mais louca ainda. Essa boa senhora tinha mandado fazer para a menina um chapeuzinho vermelho que lhe caía tão bem que, por toda parte, só a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, tendo feito uns bolinhos, disse a ela:

– Vai ver como está passando a sua avó, pois me disseram que ela estava doente; leve para ela um desses bolinhos e esse pote com um pouco de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho saiu imediatamente para ir à casa da avó, que morava num outro lugarejo. Ao passar por um matagal, ela encontrou o lobo mau, que teve muita vontade de comê-la, porém não se atreveu, por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou aonde ela estava indo; a pobre menina, que não sabia como é perigoso parar e dar atenção a um lobo, respondeu:

– Vou visitar a minha avó e levar para ela um bolinho e um pote de manteiga que a minha mãe mandou.

– Ela mora muito longe? – perguntou o lobo.

– Ah, é longe, sim – disse Chapeuzinho Vermelho. – É depois daquele moinho que se avista bem lá embaixo, na primeira casa da aldeia.

– Ah, sabe – disse o lobo –, eu também quero ir visitá-la; então eu vou por este caminho e você vai por aquele, e vamos ver qual de nós dois chegará primeiro.

O lobo começou a correr o máximo que pôde pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo e se distraía pegando avelãs, correndo atrás de borboletas, fazendo buquês com as florezinhas que achava. O lobo não demorou muito a chegar na casa da avó; ele bateu na porta: toc, toc.

– Quem é?

– É a sua neta Chapeuzinho Vermelho – disse o lobo, disfarçando a voz –, vim trazer um bolinho e um pote de manteiga que a minha mãe mandou para a senhora.

A boa vovó, que estava na cama porque se sentia um pouco mal, gritou de lá:

– É só puxar o pino que a tramela roda.

O lobo puxou o pino, a porta logo se abriu e ele se jogou sobre a bondosa mulher, devorando-a num instante, porque havia mais de três dias que não comia nada. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na cama da vovó, para esperar por Chapeuzinho Vermelho, que algum tempo depois bateu na porta. Toc, toc.

– Quem é?

Ao ouvir a voz muito grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro sentiu medo, mas, acreditando que fosse a avó gripada, respondeu:

– É a sua neta Chapeuzinho Vermelho. Vim trazer um bolinho e um pote de manteiga que a minha mãe mandou para a senhora.

O lobo, afinando um pouco a voz, gritou de lá:

– É só puxar o pino que a tramela roda. Chapeuzinho Vermelho puxou o pino e a porta logo se abriu.

Ao vê-la entrar, o lobo lhe disse, se escondendo na cama, bem embaixo da coberta:

– Ponha o bolo e o pote de manteiga na arca onde fica o pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tira a roupa e vai se esticar na cama, onde leva um susto tremendo ao notar a aparência de sua avó, vestindo um penhoar. Diz para ela:

– Que braços grandes você tem, vovó! /– É para te abraçar melhor, minha filha.
– Que pernas grandes você tem, vovó! /– É para correr melhor, minha filha.
– Que orelhas grandes você tem, vovó! /– É para escutar melhor, minha filha.
– Que olhos grandes você tem, vovó! /– É para enxergar melhor, minha filha.
– Que dentes grandes você tem, vovó! /– São para te comer.
E, dizendo essas palavras, o lobo mau se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

Charles Perrault (1985)

ANEXO 3 – FITA VERDE NO CABELO: NOVA/VELHA ESTÓRIA

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto.

Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.

Então, ela, mesma, era quem se dizia: — Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são. E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vinha-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente. Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

— "Quem é? "

— "Sou eu…" — e Fita-Verde descansou a voz. — "Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou. "

Vai, a avó, difícil, disse: — "Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe. " Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou. A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: — "Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo. "

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço.

Ela perguntou:

— "Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes! "

— "É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta…" — a avó murmurou.

— "Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados! " —

— "É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta…" — a avó suspirou.

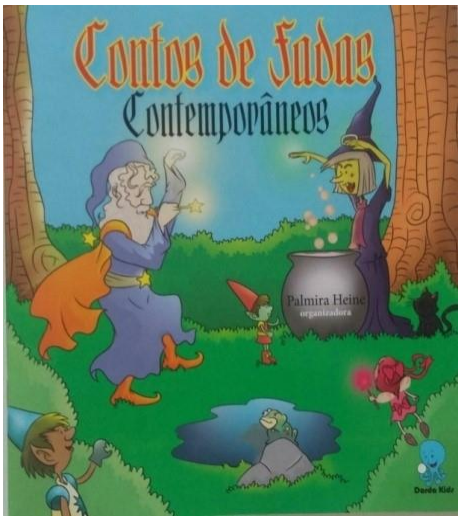
— "Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido? "

— "É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha…" — a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: — “Vovozinha, eu tenho medo do Lobo! …” Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

Rosa (1992)

ANEXO 4 – ALINE NO BOSQUE ENCANTADO



Era uma vez uma linda menina negra, com trancinhas no cabelo, curiosa, feliz e muito esperta, chamada Aline, que saiu para passear... Durante o caminho ela avista uma bela roda de capoeira e se encanta.

Logo em seguida, Aline se surpreende com um coelhinho que aparece do nada. Encantada ela segue o coelhinho até o Jardim da Cidade. O coelhinho, de repente, corre e espera pela garota mais à frente, sem pensar duas vezes ela resolve correr em direção ao pequeno animal e cai em um buraco que a leva para um mundo mágico.

Quando Aline aterrissa da longa queda percebe que está no "Bosque Encantado" e fica deslumbrada com a quantidade de animais e frutas que lá existem e, caminhando maravilhada pelo lindo bosque, ela avista uma cabana e resolve conhecê-la por dentro, ao entrar, se depara com uma quantidade imensa de alimentos, que fazem mal à saúde, como as guloseimas – doces, salgados e muitos produtos industrializados.

De repente, aparece a Rainha de Copas, a dona da cabana, e oferece todas as guloseimas para Aline que, tentada, não resiste e devora tudo uma a uma. Após se empanturrar com todos aqueles alimentos não saudáveis, Aline sai da cabana e, algum tempo depois, passa mal devido à gula, desmaiando no meio do Bosque Encantado.

Para a sorte de Aline, surge o gato que é seu amigo e tem um pressentimento de que algo ruim está acontecendo com ela e, imediatamente, vai socorrê-la. O gato tem uma brilhante ideia – colher frutas na região do bosque para oferecer à garota. Quando ele chega perto de Aline, ele a vê desmaiada e, então, faz uma mágica para que ela acorde e coma um pedaço de cada fruta, beba água e fique bem! Dito e feito, como num passe de mágica, Aline se recupera!

Então, ela volta a passear pelo Bosque Encantado quando, de repente, aparece um hamburguarda – como são chamados os guardas do castelo da Rainha de Copas – oferecendo doces e guloseimas para Aline, mas dessa vez a garota sai correndo, fugindo da cesta de doces. De tanto correr, ela fica exausta e resolve parar para descansar... É aí que seus amigos aparecem para ajudá-la, a borboleta a mais sábia das criaturas do Bosque, o coelho apressado que anda sempre com seu relógio nas mãos e o gato com seus poderes mágicos.

Quando eles veem Aline em apuros, a borboleta tem uma grande ideia e, imediatamente, conta para o coelho e para o gato! Então, a borboleta corre e toma das mãos do hamburguarda a cesta com doces e outras guloseimas, levando–a para bem longe de Aline. Enquanto isso, o coelho lança seu relógio no chão e dele surge um espelho mágico que transporta Aline para um lugar de escolhas, onde ela terá que tomar uma importante decisão: comer o hambúrguer, que ela já sabe das consequências, ou comer a maçã que é saudável e necessária para o bom funcionamento do corpo.

Ao entender que os alimentos saudáveis são melhores para a saúde, Aline escolhe a maçã e, na mesma hora, acorda e percebe que tudo aquilo não passou de um sonho e que aquela experiência da gula, na cabana, serviu para ela aprender que alimentos saudáveis são sempre a melhor escolha!

FIM!

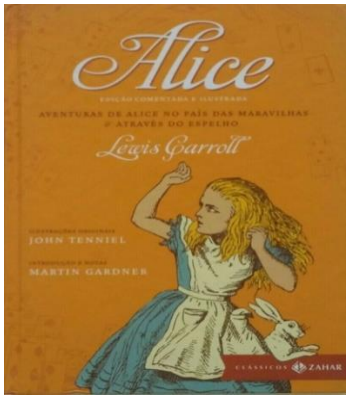
Autores

Priscila Peixinho Fiorindo é coordenadora e docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS na UNEB, líder do Grupo de Pesquisa Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares (GPLPI/UNEB), coordenadora do Projeto de Pesquisa "Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo", membro do conselho editorial da Revista Transdisciplinar: uma oportunidade para o livre pensar, online, membro do conselho editorial do *Journal of Transpersonal Research*, online e impresso.

Ítalo Leite de Melo é graduando do curso de Letras Inglês e Respectivas Literaturas (UNEB), membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares (GPLPI/UNEB), voluntário no Projeto de Pesquisa "Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo".

Welder França do Sacramento é graduando do curso de Letras Inglês e Respectivas Literaturas (UNEB), membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares (GPLPI/UNEB), voluntário no Projeto de Pesquisa "Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo".

ANEXO 5 – ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS



Alice estava começando a se sentir muito entediada por permanecer na colina, sentada perto da irmã, sem nada para fazer: já tinha espiado o livro que a irmã estava lendo uma ou duas vezes, mas ele não tinha ilustrações nem diálogos: “Para que serve um livro sem ilustrações nem diálogos? ”; pensou. Quando apareceu por ali um coelho branco com um relógio de bolso. Curiosa, Alice corre atrás do coelho, que a leva à sua toca espreita para dentro dela e cai, vendo objetos “estranhos”. Ela vai descendo, descendo, descendo...A queda não acabaria nunca?

Plaft! Plaft! Caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas. A queda tinha acabado. Felizmente não se machucou nem um pouco e logo ficou de pé. Alice percebeu que estava num *hall* muito, muito, muito grande. Ela vê uma mesa pequena e em cima dela havia uma chave, e foi à procura da porta correspondente, até que encontra apesar de ser pequena para ela entrar.

Alice encontra uma garrafa que diz “beba-me” e, ao bebê-la, diminui de tamanho, só que se esqueceu da chave em cima da mesa, e fica sem conseguir alcançá-la. Depois ela encontra um bolo que diz “coma-me” e ao comê-lo, Alice fica enorme. Ela volta a beber da garrafa até ficar novamente pequena, e, assim, consegue atravessar pela fechadura.

Alice entra num mundo onde nunca esteve antes. Enquanto seguia o caminho pelo mundo desconhecido, a menina encontra uma lagarta que a aconselha a tirar um pedaço do lado direito de um cogumelo para poder voltar ao tamanho normal. Alice obedece e volta ao tamanho norma. E agora tem que decidir qual caminho seguir naquele mundo estranho.

Ainda desorientada, Alice entra numa floresta onde encontra o Gato *Cheshire* a sorrir para ela. A menina pede-lhe que indique o caminho que deve seguir. O gato disse que se ela seguisse o caminho, iria encontrar o Chapeleiro Maluco e a Lebre de março. A menina assim o fez e encontrou-se com os dois, que lhes pediram para acompanhar a hora do chá. Alice reparou nas personalidades loucas deles e saiu dali assustada.

A menina continuou caminhando pelo mundo estranho em busca da saída. Mais tarde, ela viu-se no meio de flores e relva.... Tinha entrado no jardim real da Rainha de Copas. Uns soldados estavam pintando as rosas brancas de vermelho, correndo o risco da Rainha cortar-lhes a cabeça caso ela visse rosas brancas em seu jardim. A menina ofereceu-se para os ajudar, mesmo achando aquela situação estranha.

Tudo estava calmo, mas um soldado roubou um bolo da rainha e foi levado a julgamento. Alice, apesar de não saber de nada, foi para o julgamento como testemunha. De repente, durante o julgamento, Alice cresce até ficar enorme outra vez. A Rainha, que estava presente no julgamento, ordenou aos seus soldados que expulsassem a menina do seu reino. Alice fugiu com medo. Nesse instante, Alice acordou com a voz da sua irmã. Afinal, tudo aquilo não se passava de um sonho.

Carroll (2013)

ANEXO 6 – CÓPIA DO JORNAL ACELETRANDO

Escola Municipal General Labatut

Aceletrando

Classe do Acelera / Profa. Rita de Cássia

Edição 2/18

Junho/Julho 2018

inha General

clima
Copa
Mun-
a Co-
n h a
neral
onte-

u entre os dias 11 e
de junho, proporci-
ando às crianças
omentos de vibração
omemorações.

turma do Acelera fi-
u em 2º lugar, na
tegoria dos grandi-
os.
ra Acelera!!!

n ritmo poético ..
Aqui no General
Foram todos convidados
Para prestigiar
O casório de Rita e Bernardo.

De escola para escola, "Quem conta um conto..."

No dia 18 de julho, o Acelera recebeu as visitas de Alice, Monstros, a Bruxinha Rita e o Fortão do Bem, trazidos pelos estudantes do Colégio Estadual Cesare Casali. Foi uma tarde repleta de "ão": contação, diversão e interação.

Ma ra vi lho so!

O projeto de contação de histórias é desenvolvido no referido colégio, numa turma de 9º ano, idealizado pela profa. **Carla Julita Duarte**, como uma das etapas do seu projeto de intervenção do **Mestrado profissional em Letras**, UNEB, que tem como objetivo potencializar o interesse dos alunos pela leitura.

Ah... Nossa articuladora, Profa. Elizabete, marcou presença também.

PIRAJÁ, PALCO DE HISTÓRIA

Pirajá que significa "**viveiro de peixes**
localiza-se na periferia da capital baian
Registros históricos contam que antes d
chegada dos portugueses esta área era h
bitada por indígenas tupinambás, isso r
segunda metade do século XVI. Dois sécul
depois aqui se formou o **Quilombo dos Ur**
bus e instalou-se também um santuário
rituais afro-religiosos. Neste lugar acont
ceu a grande batalha decisiva para a Ind
pendência da Bahia, batalha essa que a
hoje é comemorada com festejos cívic
religiosos e profanos. Anualmente , semp
no dia 1º de julho, um dia antes ao da c
memoração à Independência da Bah
acontece o hasteamento das bandeiras
colocação de flores no túmulo do Gene
Labatut. Pirajá também agrega belezas
turais, e nele está inserido o Parque **Eco**
gico de São Bartolomeu, encravado
Bacia do Cobre, sendo um museu vivo
biodiversidade, onde a mata, os rios,
cachoeiras, as lendas, a cultura e a ma
são o acervo principal enquanto patrir
nio histórico. Serviu de cenário para o
meiro sermão proferido em público
Padre Antônio Vieira.

Fonte:
www2.correio24horas.com.br/detalhe/bahia/noticia/independen
bahia-simbolos-da-guerra-ainda-sobrevivem-em-salvador

Pirajá cresceu!

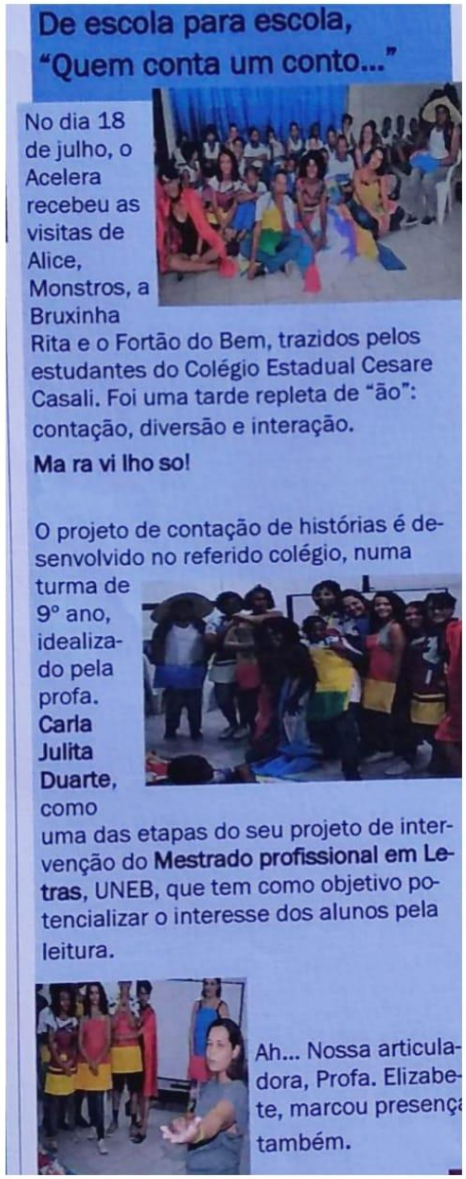
Por: Miguel Silva Santos, 13 anos

Antigamente, aqui em Pirajá, era mat
depois as coisas foram mudando. As
sendo construídas, as ruas asfaltada
comércio crescendo. Eu não sabia qu
tia a Barragem do Cobre, nem Rua
tampouco Conjunto Pirajá. Fiquei ba
impressionado, quando soube disso t

ANIVERSARIANTES

2º trimestre

Vem aí...
Dia do Est
te, 11 de
to.



De escola para escola, "Quem conta um conto..."

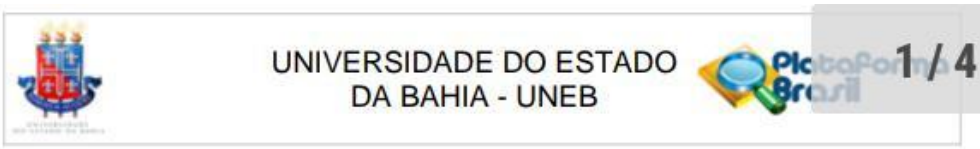
No dia 18 de julho, o Acelera recebeu as visitas de Alice, Monstros, a Bruxinha Rita e o Fortão do Bem, trazidos pelos estudantes do Colégio Estadual Cesare Casali. Foi uma tarde repleta de "ão": contação, diversão e interação.

Ma ra vi lho so!

O projeto de contação de histórias é desenvolvido no referido colégio, numa turma de 9º ano, idealizado pela profa. **Carla Julita Duarte**, como uma das etapas do seu projeto de intervenção do **Mestrado profissional em Letras**, UNEB, que tem como objetivo potencializar o interesse dos alunos pela leitura.

Ah... Nossa articuladora, Profa. Elizabete, marcou presença também.

ANEXO 7 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP[25]



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR
Pesquisador: CARLA JULITA DUARTE PINTO
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 86298718.5.0000.0057
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.691.100

Apresentação do Projeto:
Apresento para apreciação o resumo da Proposta de Intervenção do Mestrado Profissional em Letras/UNEB, intitulada Contação de histórias na formação do leitor, que visa o contato dos alunos com narrativas imagéticas, fílmicas, orais e escritas. Objetivando despertar o interesse dos alunos pelo mundo da leitura por meio da contação de histórias dos contos de fada estilizados.
Se/quando aceito pelo Comitê de Ética, vou poder utilizar a criatividade na sala de aula, como também fora dela, a fim de proporcionar um ambiente interativo/coletivo no processo da escuta/fala no desenvolvimento do enredo. O aporte teórico que sustenta a proposta está centrado nas concepções de Ney Wendell (2014), Priscila Fiorindo (2009, 2015), Jaqueline Held(1980) e principalmente Affonso Romano de Sant'Anna(1991) com a estilização.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
O objetivo geral é despertar o interesse pelo mundo da leitura por meio da contação de histórias dos contos de fada estilizados, utilizando a criatividade na sala de aula, como também fora dela, a fim de proporcionar um ambiente interativo/coletivo no processo da fala/escuta no desenvolvimento do enredo.

Objetivo Secundário:
Assim, delineamos os objetivos específicos:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

[25] O título deste trabalho sofreu uma alteração, após a apreciação do projeto de pesquisa pelo CEP, passando a ser, então, *"ERA UMA VEZ..." um mundo encantado da criatividade para formação leitora.*

• Estimular o potencial cognitivo e criativo no aluno através da estilização e da contação de histórias;
• Despertar no aluno o interesse pela leitura, possibilitando sua formação crítica e reflexiva;
• Incentivar a leitura através da vivência de emoções, da fantasia e imaginação contidas na Literatura Infantil e Juvenil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos e Benefícios informados conforme preconiza a Res. 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Pesquisa relevante e exequível.
A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos particpantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.
O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de duvidas sobre o processo

Recomendações:
Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Plataforma Brasil

Continuação do Parecer: 2.691.100

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1087640.pdf	26/03/2018 15:53:43		Aceito
Outros	Termo_Compromisso.pdf	26/03/2018 15:52:52	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
Outros	Cooparticipante.pdf	26/03/2018 15:52:25	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
Outros	Termo_confidencialidade.pdf	26/03/2018 15:51:41	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	26/03/2018 15:50:23	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PB.docx	17/03/2018 17:56:16	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Doc.pdf	17/03/2018 17:53:47	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo.pdf	17/03/2018 17:51:04	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	17/03/2018 17:50:08	CARLA JULITA DUARTE PINTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br